UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA - SE

LUCIANA DA MOTA BRITO

PRÁTICA DE LEITURA E ANÁLISE DOS TIPOS DE DISCURSOS EM CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE À LUZ DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

ITABAIANA-SE
2021

LUCIANA DA MOTA BRITO

PRÁTICA DE LEITURA E ANÁLISE DOS TIPOS DE DISCURSOS EM CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE À LUZ DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana/SE, como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras. Concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva

ITABAIANA/SE
2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

B862p Brito, Luciana da Mota

Prática de leitura e análise dos tipos de discursos em crônicas de Carlos Drummond de Andrade à luz do interacionismo sociodiscursivo / Luciana da Mota Brito ; orientação: José Ricardo Carvalho da Silva. – Itabaiana, 2021.

131 f.; il.

Dissertação (Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede) – Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. Letras. 2. Discurso. 3. Crônica. I. Silva, José Ricardo Carvalho da. (orient). II. Título.

CDU 82-94

LUCIANA DA MOTA BRITO

PRÁTICA DE LEITURA E ANÁLISE DOS TIPOS DE DISCURSOS EM CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE À LUZ DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

Dissertação para Exame de Defesa apresentada no programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), unidade de Itabaiana/SE, como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras. Concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovada em: 13 de julho de 2021

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva (Presidente)
Universidade Federal de Sergipe

_____

Prof.ª Dr.ª Fatiha Dechicha Parahyba (Avaliadora externa)
Universidade Federal do Pernambuco

_____

Prof.ª Dr.ª Cleide Emília Feye Pedrosa (Avaliador interno)
Universidade Federal de Sergipe

ITABAIANA/SE
2021

Dedico esse trabalho à minha família, em especial, aos meus filhos Moisés e Maria Luíza, que muitas vezes se deslocaram comigo até a UFS, e apesar da pouca idade compreenderam a importância dessa trajetória e colaboraram docemente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, razão de todo meu ser, por me permitir viver, sonhar e iluminar os caminhos para as realizações.

À minha família pelo incentivo, dedicação e paciência atribuídos a mim e aos meus filhos, sempre e em todas as circunstâncias. Principalmente, meus pais, Silvina Dias da M. Brito e Osmar Ferreira de Brito, por sonharem comigo acreditando e investindo sem medir esforços.

A Lindoval, pela disponibilidade, companheirismo e compromisso em me conduzir semanalmente de Monte Santo - BA à Itabaiana - SE, sem ele, certamente a caminhada seria ainda mais árdua.

Ao meu orientador Professor Doutor José Ricardo Carvalho da Silva, pela atenção, carinho e cuidado desde sua primeira aula na disciplina Texto e Ensino, ofertando suas orientações, aberturas e conexões para a construção do nosso conhecimento e, consequentemente, a realização dessa pesquisa.

Aos meus professores de todas as séries/anos, pois, cada um deles contribuiu para o meu caminhar, em especial, aos professores do Mestrado PROFLETRAS, Carlos Magno Gomes, Christina Ramalho, Denson André P. S. Sobral e Derli Machado. Cada um contribuiu não apenas para a formação acadêmica e profissional, mas principalmente, para a vida.

Aos amigos companheiros PROFLETRAS pela acolhida, colaboração, cumplicidade e incentivos, partilha de alegrias, risos, desafios e angústias, sempre unidos na fé e esperança da vitória. Cada um se tornou muito especial, verdadeiros anjos da guarda.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo fomento financeiro ofertado.

A Andréia, secretária do PROFLETRAS, pela gentiliza e excelência em nos atender.

À Escola Maria Francisca da Silva, na qual atuo há anos, e aos meus alunos, razão especial de ser professora.

Às minhas amigas e colegas professoras mestres Alexandra C. Duarte, Coordenadora do sindicato dos professores APLB de Monte Santo, que, com muita garra, luta e zela pela nossa categoria e muito me incentivou e colaborou com informações de quem conhece o caminho; Rosilda Souza Bomfin pelos incentivos durante a graduação em Letras; e, Maria Jeane Souza pelas referências, incentivos e partilha das angústias do processo de escrita.

A você, pela cumplicidade e companhia nos embalos das noites, meu refúgio emocional.

A todos muito, muito obrigada!

RESUMO

Essa pesquisa propõe dialogar sobre os usos das capacidades de linguagens mobilizadas pelos aprendizes mediante uma proposta de leitura e análise dos tipos de discursos em crônicas de Carlos Drummond de Andrade. Tomando como base o quadro teórico-metodológico de análise de texto de Bronckart ([1999] 2009), buscou-se compreender como a leitura e a análise dos tipos de discursos nas crônicas que compõem o *corpus* podem contribuir para o desenvolvimento das capacidades de linguagem e o agir linguageiro dos estudantes, posto que, a linguagem é primordial para o desenvolvimento do pensamento consciente e se desenvolve através da apropriação e interiorização das regras de ação e comunicação. Assumimos os parâmetros pautados na teoria do Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart (1999, 2003, 2006, 2012), Cristóvão (2001), Cristóvão e Nascimento (2005), Machado (2005, 2007), e os procedimentos metodológicos da Engenharia Didática de Dolz e Schneuwly (2004), Dolz (2016), que propõem uma reflexão sobre o processo de modelização e transposição didática dos gêneros de texto com vistas à elaboração e aplicação de sequência didática. Respaldado na abordagem qualitativa-interpretativa de Saccol (2009) e Bortoni-Ricardo (2008), e na proposta de leitura interativa de Leurquin (2014), desenvolvemos atividades que desafiam o leitor a refletir sobre a construção dos mundos discursivos e na configuração linguístico-discursiva, os tipos de discursos. Tais estudos se reconfiguram na organização de um caderno pedagógico com atividades de leitura e análise de crônicas de Carlos Drummond de Andrade, com intuito de contribuir com professores e estudantes para com o desenvolvimento das capacidades de linguagem.

Palavras-chave: capacidades de linguagem; engenharia didática; interacionismo sociodiscursivo; leitura de crônica; os tipos de discursos.

ABSTRACT

This research proposes to dialogue about the uses of the language skills mobilized by learners through a proposal to read chronicles by Carlos Drummond de Andrade. Based on the theoretical-methodological framework of text analysis by Bronckart ([1999] 2009), the research seeks to understand how the reading and analysis of the types of discourses in the chronicles make up the corpus can contribute to the development of language skills and the language acting of the leaners, understand that the language is essential for the development of conscious and is developed through the appropriation and interiorization of the rules of action and communication. We assume the parameters based on the Sociodiscursive Interactionism theory of Bronckart (1999, 2003, 2006, 2009, 2012), Cristóvão (2001) and Cristóvão and Nascimento (2005), and Machado (2004, 2007), and the methodological procedures of Didactic Engineering of Dolz (2016), Dolz and Schneuwly (2004) who propose think about the process of didactic modeling and didactic transposition of text genres and the elaboration and application of didactic sequence. Endossed by the qualitative-interpretative approach of Saccol (2009) and Bortoni-Ricardo (2008), and the interactive reading proposal of Leurquin (2014), we develop activities that challenge the reader to think on the construction of discursive worlds and in the linguistic-discursive configuration, the types of discourses. Such studies are reconfigured in the organization of a pedagogical notebook with reading and analysis activities of chronicles by Carlos Drummond de Andrade, with aim contribute with teachers and students in the development of the language skills.

Keywords: didactic engineering; language skills; sociodiscursive interactionism; reading chronicle; the types of discourses.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CA Capacidades de ação

CD Capacidades discursivas

CDL Capacidades linguístico-discursivas

IDEB Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

ISD Interacionismo Sociodiscursivo

MDG Modelo Didático do Gênero

OCDE Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PISA Programa de Avaliação internacional

PROFLETRAS Programa de Pós-graduação em Letras Profissionais em Rede

SAEB Sistema de Avaliação da Educação Básica SD Sequência Didática

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Os níveis de análise, as capacidades de linguagem e as operações de linguagem.....32

Quadro 2: As etapas de uma aula de leitura interativa Leurquin (2014) e as etapas da SD Dolz, Noverraz 36

Quadro 3: Método de análise de textos – Bronckart ([1999] 2009) 39

Quadro 4: Os mundos discursivos e os tipos de discursos.....41

Quadro 5: Unidades linguísticas coocorrentes nos tipos de discursos do mundo do EXPOR 50

Quadro 6 - Unidades coocorrentes nos discursos do mundo do NARRAR.....55

Quadro 7: Esquema da sequência didática.....66

Quadro 8: Perguntas norteadoras para analisar o contexto de produção e recepção das crônicas.....70

Quadro 9: Perguntas norteadoras para a classificação dos mundos discursivos.....71

Quadro10: Unidades linguísticas que configuram os tipos de discursos na crônica *A música popular entra no paraíso*.....86

Quadro 11: 1º Momento: Representação do momento em que o personagem inicia sua trajetória de cronista profissional.....89

Quadro 12: 2º Momento: Representação da trajetória do cronista (Carlos Drummond de Andrade) e a memória de acontecimentos que serviram de assuntos para outras crônicas.....90

Quadro 13: 3º Momentos: O narrador reflete e argumenta sobre a crônica, sua função social e o papel do cronista.....92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11
1. SOBRE O GÊNERO CRÔNICA..... 16
1.1 O ESCRITOR CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E SUAS CRÔNICAS 20
2 APORTE TEÓRICO..... 26
2.1 SOBRE O INTERACIONISMO SOCIOCIODISCURSIVO 26
2.1.1 Capacidades de linguagem e o ensino e aprendizagem da leitura..... 30
2.1.2 Reflexões sobre leitura 33
2.1.3 Conceito de texto e gêneros de textos no ISD 36

3 O MODELO DE ANÁLISE DE TEXTO À LUZ DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO 38
3.1 OS MUNDOS DISCURSIVOS E OS TIPOS DE DISCURSOS 39
3.1.1 Os tipos de discurso (discurso interativo e discurso teórico) e as possíveis variantes e fusões no eixo do EXPOR 42
3.1.2 Os tipos de discurso (relato interativo e narração) e as possíveis variantes do eixo do NARRAR 50
3.1.3 Modos de articulação dos tipos de discursos 56
3.2 A ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO E A MARCAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS 57
3.3 OS MECANISMOS DE TEXTUALIZAÇÃO E OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS 61
3.4 DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL E A SEQUÊNCIA DIDÁTICA 62
3.5 ELABORAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS 68
4 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS 71
4.1 CONTEXTO DE ESTUDO-PESQUISA E DE PROPOSIÇÃO DE APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE LEITURA 73
5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA E ANÁLISE TEXTUAL DAS CRÔNICAS (*CORPUS*) 74
5.1 ANÁLISE DO CONTEXTO – CAPACIDADE DE AÇÃO 75
5.2 OS TIPOS DE DISCURSOS NAS CRÔNICAS 76
5.3 ANÁLISE INTERPRETATIVA DA CRÔNICA *RECALCITRANTE* (1974) 77
5.4 ANÁLISE INTERPRETATIVA E DOS TIPOS DE DISCURSOS NA CRÔNICA *A MÚSICA POPULAR ENTRA NO PARAÍSO* (1980) 84
5.5 ANÁLISE DOS TIPOS DE DISCURSOS NA CRÔNICA C*IAO* (1984) 87
CONSIDERAÇÕES FINAIS 95
REFERÊNCIAS 97
APÊNDICES 104
Apêndice A 104
Fonte: autora com base em Bronkart (1999) 118

INTRODUÇÃO

Para o *Interacionismo Sociodiscursivo*, doravante ISD, a linguagem exerce papel central no desenvolvimento do ser humano. É na dinâmica do agir linguageiro que um agente constrói suas representações individuais e coletivas, transforma e organiza o pensamento consciente, mediado pelo texto, configurado em gênero de texto, produto concreto da ação de linguagem. Os gêneros de textos são mediadores da ação de linguagem, mas, para que a mediação seja efetivada, é necessário que o ser se aproprie e interiorize regras de ação e comunicação para que possa adaptá-las e reformulá-las a cada nova situação. Assim, as práticas de leitura perpassam as dimensões psicológica, sócio-histórica e cultural e exigem do leitor a mobilização das capacidades de linguagem subjacentes que dialogam e se reconfiguram na construção do sentido.

O contato e confronto com os gêneros de textos no dia a dia faz com que se aprofunde uma noção dos modelos e das regras da língua de maneira mais consciente. Para facilitar os processos de apropriação e interiorização, foi desenvolvido pelos pesquisadores de Genebra, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a metodologia da *Engenharia Didática* que visa elaborar/organizar materiais/dispositivos que favoreçam a *Transposição didática*. Assim, a princípio, o professor-pesquisador investiga e delimita as dimensões ensináveis de um gênero (modelo didático do gênero MDG), em seguida, planeja estratégias e elabora atividades para ensinar os conhecimentos pertinentes aos alunos (sequências didáticas SD), a fim de levar o aprendiz a dominar propriedades de um gênero que se transferem para outros gêneros similares.

A motivação para o desenvolvimento dessa pesquisa partiu da minha inquietação e da aparente impotência, enquanto professora de Língua portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, frente ao baixo índice de proficiência leitora apontado nas avalições externas como *Programme for International Student Assessment* (PISA), Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e as dificuldades de compreensão e interpretação vivenciadas em sala de aula durante meu percurso de professora, e a exponente interferência na aprendizagem não apenas em Língua portuguesa, mas em todas as disciplinas do currículo.

O enfoque para a leitura e análise dos tipos de discursos (BRONCKART, 1999) depreendeu-se a partir da busca na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD da Capes, na qual conferimos que há várias pesquisas relacionadas ao ensino e aprendizagem por meio dos gêneros de texto, à leitura, ao gênero crônica, ao método de análise de texto do ISD com

ênfase nos mecanismos de textualização e nos mecanismos enunciativos, porém, com foco nos tipos de discursos, encontramos apenas uma dissertação intitulada *TIPOS DE DISCURSOS E RECURSOS LINGUÍSTICOS: Análise comparativa entre português e espanhol*, desenvolvida por Luana Vital dos Santos (2015), no programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na qual a autora utilizou o gênero de texto *painel do leitor*, analisando 30 painéis de leitores, 15 em Língua portuguesa e 15 em Língua espanhola.

Nesse panorama investigamos, mediante à leitura e análise dos tipos de discursos em exemplares de textos do gênero crônica, como contribuir para o desenvolvimento das capacidades de linguagem, da fluência leitora, e, consequentemente, o melhor agir comunicativo-discursivo dos estudantes. Assim, delineamos o objetivo geral que é compreender como a leitura e análise dos tipos de discursos em crônicas de Carlos Drummond de Andrade podem contribuir para o desenvolvimento das capacidades de linguagem, elevar o índice de fluência leitora, e, consequentemente, o agir comunicativo-discursivo dos aprendizes. E os objetivos específicos: - Investigar procedimentos de leitura e análise de textos do gênero crônica sob a perspectiva ISD; - Descrever os elementos que constituem a infraestrutura textual da crônica e os tipos discursivos instaurados nas crônicas do *corpus;* - Descrever recursos linguísticos e discursivos adotados pelo agente produtor Carlos Drummond de Andrade e sua inter-relação ao processo de compreensão; - Elaborar atividades propositivas a partir de um modelo didático com o gênero crônica, seguido de uma sequência didática.

Ao ensinar a leitura, deve-se considerar a heterogeneidade social e a diversidade de gêneros de textos, bem como, as formas de apropriação e as condições em que ocorrem os processos de ensino e aprendizagem, para a partir das práticas na sala aula e dos materiais didáticos disponíveis, criar propostas de intervenção pedagógica que possibilitem o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos aprendizes.

Para que uma situação comunicativa seja efetivada, ou seja, atinja plenamente seus objetivos, faz-se necessário o desenvolvimento das capacidades de linguagem. Segundo Dolz e Schneuly (2004), as capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas são acionadas e articuladas no ato da produção de um texto, e essas mesmas capacidades precisam ser mobilizadas pelo agente receptor no ato da leitura, de modo que permita interagir, compreender e atribuir sentido ao texto.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), as capacidades de linguagem possibilitam a interação, pois para produzir um gênero de texto o aprendiz evoca conhecimentos já apropriados

e adapta-os à situação comunicativa com a qual irá interagir, mobilizando as capacidades de ação (CA) linguageiras responsáveis pelas representações do contexto e recontextualização dos conteúdos temáticos. Da mesma maneira, faz-se necessário mobilizar modelos discursivos que apresentam formas de compor e organizar os enunciados, capacidades discursivas (CD), e o domínio de operações psicolinguísticas e das unidades linguísticas que ordenam os segmentos em um texto, capacidades linguístico-discursivas (CLD).

No âmbito da leitura, essas capacidades de linguagem são acionadas pelo leitor ao formular hipóteses sobre os parâmetros do contexto de produção e suas influências na configuração do texto, e ao evocar os conhecimentos prévios sobre o conteúdo referente e o modo como o agente produtor configurou linguisticamente e textualmente suas ideias, pensamentos e conhecimentos sobre o tema, e assim, dialogar com o texto percebendo as intenções explícitas e implícitas.

A abordagem didática de textos do ISD dialoga com um dos objetivos do Programa Pós-graduação em Letras Profissional em Rede - PROFLETRAS: capacitar mestrandos/docentes de Língua Portuguesa, de modo que possam bem conduzir o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da produção de texto, visando melhorar a qualidade do ensino e a formação dos alunos. Partindo desses pressupostos, desenvolvemos uma proposta de leitura e análise da infraestrutura textual de textos do gênero crônica, enfocando os tipos de discursos (BRONCKART, 1999) sistematizado por sequências didáticas (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004), visando o desenvolvimento das capacidades de linguagens e suas preponderâncias para um melhor agir linguageiro e social dos aprendizes.

Sobre o gênero crônica, podemos dizer que é um gênero híbrido, fronteiriço e permeável, entre o jornalismo e a literatura, a realidade e a ficção, o jornal, o livro, o site, o blog, com assuntos do cotidiano rural e urbano. Sua organização foge de padrões hierárquicos, o que permite versatilidade. Tem como tema principal fatos do cotidiano, traduzidos numa linguagem simples, leve, com subjetividade e fantasia. Busca aproximar, distrair e despertar o leitor para fatos que, às vezes, passam desapercebidos. Pode assumir diversas formas: conto, entrevista, ensaio, comentário, resenha, diálogo, monólogo, poema, carta, aforismo, tradução etc. Por apresentarem características próximas, podem se sobrepor constituindo forma mista ou condensada, como: crônica-poema, crônica-entrevista, crônica-carta etc. e ainda, de acordo com o conteúdo, estilo e/ou função ser metafisica, reflexiva, irônica, narrativa, humorística, filosófica etc.

Escolhemos as crônicas de Carlos Drummond de Andrade, não apenas por sua numerosa e vasta produção, mas, por sua magnitude e riqueza temática, cultural e linguística, que retrata detalhes do um cotidiano presente e atemporal, o que a torna um ícone da literatura. Em seus textos, o autor utiliza recursos linguísticos e procedimentos discursivos que qualificam seu estilo particular e multiforme, manifestando originalidade e subjetividade. Suas crônicas ilustram as formas como pensamento e linguagem se relacionam na criação dos mundos discursivos e são semiotizados nos textos caracterizando os tipos de discursos, conforme demonstraremos nas crônicas: *Como Comecei a Escrever* (1980), *Recalcitrante* (1974), *A música popular entra no paraíso* (1980), *O Frívolo Cronista* (1984) e *Ciao* (1984).

Essas crônicas foram eleitas para o trabalho de leitura e análise porque além dos atrativos do gênero como tamanho curto, linguagem simples, suas temáticas favorecem a conexão com o contexto escolar e a proposta de ensino e aprendizagem de Língua portuguesa pautada no gênero de texto. Suas temáticas referenciam práticas de leitura e escrita, o próprio gênero crônica e a história do autor; riqueza sócio-histórica e cultural cultivada no manejo das palavras, desenvolvidas numa ação linguageira que evidencia o valor atribuído à palavra escrita e o seu poder transformador, de modo crítico e reflexivo, permeado de humor e ironia, proporciona reflexão sobre a linguagem e o comportamento humano. Fatores que podem despertar o interesse dos alunos para a leitura, produção, análise de crônicas, possibilitando-os a mobilização e desenvolvimento das capacidades de linguagens.

Tais crônicas drummondianas fornecem características que clarificam a construção dos mundos discursivos, dos tipos de discurso e suas articulações, tipos mistos, fusão e variantes, os tipos de sequências, bem como, as unidades linguísticas que auxiliam na organização e progressão temática, coesão e coerência textual e pragmática.

Acreditamos que esses textos apresentam alguns desafios no campo da leitura, pois provocam o leitor a investigar pistas sobre os parâmetros do contexto (o agente produtor, o lugar, espaço, tempo de produção, sua posição social e a subjetividade), e, na infraestrutura do texto, a ressignificação do conteúdo temático, as características mais ou menos estáveis do gênero em estudo, as possibilidades de escolhas discursivas e linguístico-discursivas, percebendo que em um texto "a forma e o conteúdo se fundem no discurso compreendido como fenômeno social em todas as esferas de sua existência e em todos os seus elementos" (BRONCKART, 1999, p 22).

Norteados pela metodologia da *engenharia didática* (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004; DOLZ, 2016), elaboramos um modelo didático e uma *sequência didática* organizada em

módulos, com orientações/sugestões para a leitura e a análise das crônicas selecionadas, dando enfoque na análise dos tipos de discursos. Com o respaldo da metodologia da pesquisa qualitativo-interpretativa (SACCOL, 2009; BORTONI-RICARDO, 2008), são os textos os objetos de análise e interpretação, e o professor é o pesquisador com vistas a melhorar suas práticas.

A organização desse trabalho apresenta, inicialmente, apontamentos *Sobre o gênero crônica* e sobre *O escritor Carlos Drummond de Andrade e suas crônicas*, em seguida, O aporte teórico do *interacionismo Sociodiscursivo - ISD*, que entendem a relação indissociável entre a linguagem, o pensamento consciente e a construção do saber no seio das atividades sociais e os textos são os meios pelos quais a linguagem se materializa. Discorremos sobre *Capacidades de linguagem e o ensino da leitura*; *Conceitos de textos e gênero de texto*; *O modelo de análise de texto* desenvolvido por Bronckart (1999); *Os mundos discursivos e os tipos de discursos; A organização do conteúdo e marcação das sequências; os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos; Didatização do gênero e as sequência didática; Elaboração da sequência didática;* em seguida, os *Encaminhamentos metodológicos*; O *contexto de estudo-pesquisa e de proposição da aplicação da proposta de leitura*; *Considerações sobre a leitura e as análises das crônicas*; e as *Considerações finais*; mais os apêndices e os anexos relacionados às atividades.

1. SOBRE O GÊNERO CRÔNICA

Segundo Coutinho (1971, p. 12), a crônica brasileira teve início com Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889) com as publicações em folhetim no *Jornal do Comércio*, em 2 dezembro 1852, e no *Correio Mercantil*, em 1854, ambos no Rio de Janeiro. Já a crônica desveladora do social teve início com Paulo Barreto em seu mais popular pseudônimo João do Rio, cuja obra representa "a mais ousada tentativa para elevar a crônica à categoria de um gênero não apenas influente, mas também dominante" (COUTINHO, 1971, p. 116).

A crônica, com sua origem intimamente ligada ao tempo *chronos* (do latim) e a função *chronica* (do grego), a princípio, pretende retratar a realidade, tal qual, especialmente, de grandes feitos, muitas vezes, textos longos. Com o passar do tempo, modificou-se, transformou-se para além. Mutou-se o nome, o tamanho, o suporte, e porque não, as funções. Passou de informativa, real, objetiva, de grandes fatos à despretensiosa, subjetiva, detalhes corriqueiros do cotidiano, de um lugar, da vida, das ações, das emoções, da fantasia e da ficção. Para Christina Ramalho (2012), crônica é:

> o tipo de texto em que se reconhece e se valoriza a dimensão do tempo cotidiano, com seus eventos, seres, relações humanas e circunstâncias. (...) a crônica é o relato da vida em forma de linguagem leve, comunicativa, mas, não por isso, isenta de charme, simbologia e literariedade (RAMALHO, 2012, p. 3).

Considerada um "gênero menor", ou por ser produto de poetas e romancistas que tinham o jornal como "ganha pão", ou por ter como temática fatos diários do cotidiano apresentados em uma linguagem leve capaz de atingir os leitores também próximos dos fatos e do cronista. Condenada a apenas um dia de vida, "espremida" entre notícias no rodapé ou na coluna de grandes ou pequenos jornais, nasce em um dia e "no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha" (CANDIDO, 1992, p. 14), assim vive a crônica, ligada ao suporte, até ganhar transitoriedade (do jornal para o livro ou revista, impresso ou digital, blog, site).

A crônica feita para o jornal, nasce para ele não importando a seção: o "folhetim", de meados do século XIX, inspirado nos jornais franceses, escrito no rodapé, trazia cenas de romances. No Brasil, os folhetins vinham como romance da vida real (FERREIRA, 2005, p. 30). A partir daí, do rodapé, a crônica passou a ocupar seções diversas.

Com o crescimento da imprensa surgiram vários jornalistas e escritores que se dedicavam intensamente ao jornal e sentiam a necessidade propulsora de escrever sempre mais

e melhor e, assim, chegar cada vez mais a um número maior de leitores. Seria então, a crônica texto jornalístico e/ou literário? Pelo caráter jornalístico apenas, morre no dia seguinte, mas, pelo caráter literário se eterniza.

A crônica é jornalística quando "o acontecimento que lhe serve de motivo, o cronista não se perde em devaneios". Mas, quando o cronista, sobre o fato, é tomado pela subjetividade e lirismo e "explora a polissemia da metáfora" (MOISÉS, 1997, p. 255) extrapola o parâmetro jornalístico, tem-se então, um texto literário dentro do jornal. Conforme Coutinho (1971), "era a crônica, destinada a condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana ou do mês, tornando-a assimilável a todos os paladares" (COUTINHO, 1971, p. 111). A crônica, nos dizeres de Carlos Drummond, em uma entrevista concedida ao jornal *O Globo*, em 1984,

> É um gênero menor e engraçado, que se enquadra exclusivamente no segundo caderno dos jornais. Esse tem, a meu ver, a função de corrigir o primeiro, que é um estoque fabuloso de terremotos, crimes e misérias. Depois de tomar contato com tudo isso, durante o café da manhã, o leitor precisa de distração. Como cronista, eu me sinto um palhaço, um jongleur, dando saltos e cabriolas, fazendo molecagens (ANDRADE apud WERNECK, 2012, p. 100).

A linguagem é outro fator que inspira divergência entre jornalismo e literatura: referencial, objetiva, e, poética, emotiva, subjetiva, respectivamente. Afrânio Coutinho (1986, p. 134), aponta divergências entre o repórter e o cronista, e seus produtos, a reportagem/notícia e a crônica, contudo, não exclui sua relação: A crônica que não seja meramente noticiosa, é uma reportagem disfarçada, subjetiva, pois, o fato que serve de notícia para o repórter é também o pretexto para o comentário e as divagações do cronista.

A crônica excede os limites da informação, lança "um ponto de vista individual, externo aos fatos, externo ao próprio jornal" (COELHO, 2002, p. 157), e, "o cronista é um jornalista a quem é permitido falar em primeira pessoa" (SANT'ANNA, 1997, p. 272). Ao passo que, o leitor de crônicas, antes, leitor de jornal, toma conhecimento dos fatos pela notícia e é instigado a refletir, (re) viver e evoluir através da crônica que desmitifica um "caminho não apenas para a vida (...). Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza (...) discreta candidata à perfeição" (CÂNDIDO, 1992, p. 13-14).

A aproximação que o cronista estabelece com o leitor por meio da crônica gera uma cumplicidade reciproca um "alimenta" o outro. Não existiria grandes escritores sem a grandiosidade dos leitores. A confiança adquirida através da qualidade dos escritos, a superação

das expectativas e a potencialidade não de oferecer uma mensagem pronta, mas de sensibilizar o leitor, provocar a refletir, tendo em vista o potencial humanizador.

O fato de ser despretensiosa, com linguagem simples e tratar de assuntos do cotidiano não permite banalidade, ou descuido, pelo contrário, a crônica tem o poder de transformar algo corriqueiro, miúdo em grandiosidade. É o malabarismo com as palavras, o tecer do discurso que constitui o texto em suas dimensões e limites.

Quanto ao assunto, a crônica pode tratar qualquer assunto, desde um fato real, uma notícia à falta de assunto. Tal como, Drummond enfatizou ao intitular seu livro de crônicas *De Notícias e Não Notícias Faz-se a Crônica*, publicado sua primeira edição em 1974. Pois, "Na crônica, o assunto é o de menos, e muitas vezes a melhor crônica é a que justamente aponta para o fato de não ter assunto nenhum" (COELHO, 2002, p. 156).

Quanto ao suporte, Moisés (1982, p. 110) critica a passagem da crônica para o livro e defende: "crônica de jornal (...) colhido na efemeridade do jornal não na permanência do livro". Entretanto, Coutinho (1971), Arigucci Jr. (1987) e Coelho (2002) atentam para o caráter literário que a permeia, transgrede e a eleva para outros planos, além do jornal, do livro, da fruição. O livro de crônicas seja de autoria exclusiva ou reunião, antologia de crônicas, publicados em edição, reedição, é a garantia que os bons textos não morrem na brevidade do jornal, saltam, voam, se espalham e se materializam, além das páginas, nas vidas de seus leitores. Para Moisés Massaud (2002),

> A crônica de afeição moderna (...). Na verdade, classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria necrológio, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e/ou imaginárias etc. [...] implicando sempre a visão pessoal, subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano, a crônica estimula a veia poética do prosador; ou dá margem a que este revele seus dotes de contador de histórias (MOISÉS, 1992, p. 133).

Logo, é o cronista quem elege, conforme seu estilo, o modo como produz e publica suas crônicas: jornalística ou literária. E assim, a crônica enquanto gênero de texto é híbrida e se desdobra em vários tons: lírico, irônico, humorístico, crítico.

O desenvolvimento e aperfeiçoamento das tecnologias ampliam os meios de acesso e os recursos semióticos, logo, surgem outros suportes como os *blogs* e os *sites.* Os gêneros também tendem a mutar-se, contudo, a crônica ainda que apareça multimodal, multiforme, com todas suas fronteiras manterá seu propósito comunicativo, e os aspectos discursivos e linguísticos próprios, características relevantes que justificam sua didatização para o ensino.

O cronista vale-se da linguagem simples, natural, leve, coloquial, próxima da oralidade, subjetiva, propositalmente para se aproximar do leitor e atraí-lo a olhar pela mesma ótica do autor e, assim, conquistar credibilidade e fidelidade. Ao mesmo tempo que leva o leitor a tomar conhecimento do assunto/tema tratado, refletir e despertar para um posicionamento/atitude mais crítica e responsiva não apenas sobre a temática abordada no texto, mas, principalmente, sobre sua visão de mundo, sua filosofia de vida.

O cronista, para atingir seus objetivos e causar no leitor as emoções pretendidas, vale-se de recursos linguísticos que determinam a construção dos tons e acabam por aflorar o estilo peculiar do autor, o modo como conduz a narrativa. Estes tons se desdobram, se condensam e se transversalizam.

Santana (2016), em sua dissertação de mestrado, retoma Ferreira (2008) que destacou vinte e três classificações de crônica e atentou para a possibilidade de junção/condensação dos seguintes tipos: "descritiva, narrativa, narrativa-descritiva, metalinguística, lírica, reflexiva, humorística, teatral, mundana, visual, metafísica, poema-em-prosa, crônica-comentário, crônica-informação, filosófica, esportiva, policial, jornalística, conto, ensaio e poema" (SANTANA, 2016, p.39).

A falta de critérios nítidos para caracterizar e definir a crônica sugere uma linha tênue, fronteiriça. Nota-se identidade transitória, dupla ou híbrida. Na tentativa de conceituar o gênero crônica, Célia Sebastiana Silva (2006, p. 208) recorre às definições estabelecidas pelos próprios cronistas, que segunda a autora:

> alguns a concebem como a "mercadoria mais vendável" (em se tratando do fazer literário); outros, como Clarice Lispector, entendem que a crônica é o receptáculo de "uma espécie de mundo através de uma espécie de mim"; há os que a chamam, como Vinícius de Morais, de "prosa fiada" ou "escrita de rodapé"; "frivoleiras matutinas a serem consumidas no primeiro café", como quer Drummond. (...) um gênero menor em comparação com o poema, com o conto, com a novela e, sobretudo, com o romance, reconhecem-na como algo miúdo com toque de grandeza. Vale um destaque para a opinião de Machado de Assis, (...)mais leve, menos argumentativa, menos informativa e menos compromissada com a exposição de variedades sobre a cidade, o país, o mundo. (...) os cronistas são "beneditinos da história mínima" e "cavouqueiros da expressão oportuna". (SILVA, 2006, p. 208)

A definição e a classificação do gênero crônica pode variar a depender do ambiente sociodiscursivo, e ainda pode aparecer com faceta de outros gêneros ou com trecho (s) de outro (s) sobrepostos. Dessa forma, a crônica assume flexibilidade, mobilidade e irregularidade, tornando-a permeável e fronteiriça em sua caracterização. Ela se desdobra e se contorce para

nela caber outros gêneros. A forma de retratar o fato (que a origina) parece ultrapassar a narrativa.

Para identificar uma crônica, observemos a linguagem simples e objetiva, o tamanho curto, a temática sempre relacionada a acontecimentos do cotidiano, com poucos ou nenhum personagem, seguindo ordem cronológica. Seu principal veículo/suporte de circulação é o jornal e a revista, impresso ou digital. Tem a função de distrair, divertir ou provocar uma reflexão.

Tomemos a crônica como objeto de ensino e aprendizagem da língua, pois, suas características típicas constituem-se como atrativos para os aprendizes. Segundo Candido (1992):

> É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a incutir nos alunos uma ideia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que consequentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas (CANDIDO, 1992, p. 19).

A crônica narra fatos reais ou fictícios. Sua linguagem simples favorece a compreensão leitora, o que estimula a continuação da leitura. Explora elementos da narrativa inclusive, a noção de narrador. Se este conta em primeira ou em terceira pessoa. Além disso, as crônicas são excelentes para aproximar leitura e análise linguística. Por exemplo, o estudo dos tempos verbais, os marcadores temporais, as marcas de agentividade, os elementos linguísticos que indicam os participantes na ação de linguagem (pronomes, verbos e adjetivos de primeira e/ou segunda pessoa), os dêiticos espaciais, ao caracterizarem o cenário, entre outros conteúdos.

As crônicas drummondianas agrupam tudo o que ele quis chamar de crônica. Inspiradas nas notícias de jornal, exploram conteúdo vastos e representam uma riqueza cultural, linguística e estilística, o que contribui para que ele se tornasse um ícone da literatura.

1.1 O ESCRITOR CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E SUAS CRÔNICAS

Carlos Drummond de Andrade viveu de 31 de outubro de 1902 a 17 de agosto de 1987. Não é fácil exibir em um simples texto a grandeza de um célebre que triunfou em sete distintas e interligadas faces: caricaturista, contista, cronista, ensaísta, jornalista, memorialista e poeta. E, para honrar o humor e não dizer que “sete é conta de mentiroso”, foi ainda tradutor. Carlos Drummond de Andrade, o nono filho da família de fazendeiro, nascido em Itabira do Mato

Dentro, interior de Minas Gerais, esposo de D. Dolores e pai de Maria Julieta, tornou-se um ícone na cultura brasileira.

Seu interesse pela palavra escrita e por jornal iniciou desde pequeno atraído pelo *Caderno de domingo* do jornal *Gazeta.* Seduzido pelo conhecimento, em 1916, ingressou no colégio Anchieta, de jesuítas, onde aceitou o catolicismo e se destacou como "o melhor aluno da classe". Foi no jornal do colégio Anchieta, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, que circularam suas primeiras publicações entre 1918 e 1919. Ele foi expulso desse colégio por escrever poemas na aula de religião, foi acusado de "insubordinação mental". Esse fato o abalou. Ele sentiu-se injustiçado e acabou perdendo a fé e desacreditando de Deus. "Perdi a Fé. Perdi tempo. E sobretudo perdi a confiança na justiça dos que me julgavam. Mas ganhei vida e fiz amigos inesquecíveis" (ANDRADE, 1944, p. 72).

Aos 19 anos, tornou-se colaborador do *Diário de Minas*, na seção *Sociais*, onde publicava poemas, crônicas e os ideais que contribuíram para sua firmação como escritor modernista. Em 1925, colaborou ativamente para a criação de *A Revista*, apesar de ter durado apenas três publicações, foi um importante veículo para propagação dos ideais modernistas.

Formou-se em Farmácia, mas nunca exerceu a profissão alegando que era "para preservar saúde dos outros". Trabalhou como professor de Português e Geografia. Ainda em Minas Gerais, colaborou com jornais como o *Minas Gerais*, *Estado de Minas, A tribuna* e *Diário da tarte.*

Em 1928, publicou o poema *No Meio do Caminho*, na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, provocando um grande escândalo entre os críticos da literatura. Tornou-se funcionário público e trabalhou por 35 anos, até a aposentadoria. Porém, sempre colaborando não apenas com jornais e revistas, mas, sobretudo, com seus companheiros leitores. Foram sessenta e quatro anos escrevendo para diversos jornais e revistas. No Rio de Janeiro, escreveu durante 15 anos para o *Correio da Manhã* e mais 15 anos para o *Jornal do Brasil*, nesse último, publicou periodicamente, três vezes por semana, nos dias: terça, quinta e sábado. Foram inúmeras publicações.

Escreveu sob vários pseudônimos. "o escritor também deu voz a seus outros "eus", oscilantes ainda e sempre entre a personagem e o alter-ego" (NUNES, 1995, p. 20). Dos quais cita-se: Antônio Crispim ou A. C., no *Diário de Minas;* Barba Azul, José Luís e Mickey, no *Minas Gerais*; Gato Félix, no *Diário da Tarde;* o Observador Literário, na revista *Euclyde*s; Policarpo Quaresma, no jornal *A manhã;* e, João Brandão, que surgiu em 1954, no *Correio da Manhã*, como um personagem das crônicas ou heterônimo, já que este não assinava os textos.

Foi no disfarce de João Brandão que vagueou e satirizou o cenário político, a si mesmo e suas obras (NUNES, 1995). Em 1970, publicou uma coleção dos textos intitulada *Caminhos de João Brandão*.

Como quem escreve por necessidade e sente o prazer não menos na consumação que no processo, "O poeta ostentava a condição de jornalista com orgulho, ativismo e militância" (MARTINS, 2013, p. 122), declarava que no jornalismo não havia lugar para preguiça, o mal do literato. E que sua "produção jornalística é muito maior e incomparavelmente superior à de poeta". Sua dedicação, capricho e molejo com as palavras fizeram com que seus escritos se sobressaíssem e inspirassem muitos outros escritores. Nas palavras de Martins (2013), é

> pela acentuada qualidade de sua escrita, que não apenas coloca o jornalismo do período como um dos exemplos mais acabados da qualidade literária que um texto jornalístico pode alcançar, como igualmente situa Drummond ao lado dos grandes cronistas da história literária do país, como Machado de Assis, João do Rio, Sérgio Porto (o célebre Stanislaw Ponte Preta), Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Rubem Braga, Fernando Sabino, Luís Fernando Veríssimo, entre outros. São muitos os escritores contemporâneos a Drummond que lhe seguem de perto os passos e o estilo característico de observar o cotidiano e registrá-lo, em tom sarcástico, atravessado de ironias e bom humor (MARTINS, 2013, p. 120).

Carlos Drummond de Andrade foi um grande "observador do próprio cotidiano, das pessoas, capturando situações, casos, circunstâncias e acontecimentos que vão do patético ao extraordinário, do prosaico ao absurdo" (MARTINS, 2013, p. 124). Viveu e escreveu para além de seu tempo. Sem apego ao passado e sem ânsia ao futuro foi um escritor do presente. Poeta, contista, ensaísta e cronista do século XX, firmou-se no tempo e espaço de tal modo que seu legado se imortalizou e seus escritos ainda retratam o presente atual e universal.

Em suas crônicas, o autor conseguiu não apenas comunicar acontecimentos à sua visão, mas, sobretudo, confirmar com atitude e exuberância pares indissociáveis como jornalismo e literatura, realidade e imaginação, tempo e espaço, história e memória, crítica e humor; e, o díspar urbano e rural. Segundo Travancas (2007), esse versátil escritor:

> Ao longo de seus 85 anos de vida, Drummond escreveu muito. E não apenas poemas e livros. Ele escreveu intensamente na imprensa. Sua colaboração com o Correio da Manhã, que durou de janeiro de 1954 a setembro de 1969, resultou em 2422 crônicas. No Jornal do Brasil para o qual colaborou de outubro de 1969 a setembro de 1984, ele produziu 2304 escritos (TRAVANCAS, 2007, p.2).

Sobre a quantidade das produções no *Jornal do Brasil*, Nunes (1995, p. 2) informa "um total de 2.274 textos", mais adiante, na página dezoito diz: "2.264 publicados neste jornal". E Travanca apontou 2304 escritos (2007, p. 2). Seu arsenal de crônicas deu origem aos livros:

Passeios na ilha (1952), *A bolsa & a vida* (1959), *Cadeira de balanço* (1966), *Versiprosa* (1967), *Caminhos de João Brandão* (1970), *O poder ultrajovem* (1972*), De notícias & não notícias faz-se a crônica* (1974), *Os dias lindos* (1977), *Crônicas das favelas cariocas* (1981), *Boca de luar* (1984) e *Moça deitada na grama* (1984). (MARTINS, 2013, p. 120). Esses livros foram/são reeditados e suas crônicas também compõem reuniões antológicas e coletâneas.

A leveza de seus textos ao tratar fatos do cotidiano pode ser comparada ao fotógrafo que enquadra sua lente e manipula a imagem a seu modo, despretensioso, mas, focado. Trazendo a realidade com um olhar diferenciado. Sua intimidade com a língua transparece nos jogos de palavras que encantam os leitores e os conduzem pelas vias ora da informação ora do devaneio instigante da literatura. Confirmando que a crônica é um "gênero híbrido", assim como o próprio Drummond se fez: literário e jornalista. E assim, produziu em suas crônicas um "universo multiforme" (NUNES, 2009, p.4).

Literato empenhado em contribuir com a língua portuguesa, sua intencionalidade colaborativa se confirma na exponente organização e zelo com que arquivou seus textos, no desejo expresso de que se criasse um espaço próprio para a literatura, e, ao ver seu desejo se realizando, fez a doação de seus arquivos, e pediu, através de uma crônica, para que outras pessoas "colecionador e não-colecionador" pudessem também contribuir para com o Arquivo-Museu da Literatura Brasileira – AMLB doando "um retrato, uma carta, um poema, um documento de escritor brasileiro digno do nome de escritor" (TRAVANCAS, 2008, p. 223).

Muitos estudos já foram realizados sobre esse exímio escritor e sua vasta e diversificada obra, sobretudo, a poesia e as crônicas. Pesquisadores e estudiosos da literatura, da arte, do jornalismo, da linguagem, professores e historiadores investigaram diversas particularidades (intertextualidade, figuras de linguagem, poética, as marcas de uma época etc.), mas, é como proposta didática para o desenvolvimento das capacidades de linguagem através da leitura e análise dos tipos de discursos nas crônicas que o investigamos. Pois, pela diversidade e grandiosidade, não menos que, pela quantidade, tem-se muito o que explorar nesses textos. Posto que seus escritos servem e com qualidade para o ensino e aprendizagem de Língua e Literatura brasileira.

É com a finalidade educativa que apreciamos suas crônicas e construímos uma sequência didática para leitura e análise dos tipos de discursos. Endossamos que a realização desse estudo tem nos proporcionado, além de conhecimento, encantamento, pois, é impossível não haver transformação positiva após o contato com a riqueza intelectual e cultural, e a sensibilidade transferível nos escritos de Drummond.

Suas crônicas apresentam características multiformes, trazem reflexões filosóficas sobre aspectos da existência humana, comportamento, linguagem, modos de ser e de estar no mundo, momentos e acontecimentos captados nas vivências cotidianas. O autor aborda reflexões sobre suas próprias vivências, a exemplo das crônicas *Como Comecei a Escrever* (1980), nas quais o narrador relata seu interesse pela palavra escrita desde ainda menino, e as contribuições que recebeu das professoras de redação e de amigos que partilhavam do mesmo gosto de escrever. E *Ciao (1984),* a crônica de despedida do *Jornal do Brasil*, destaca acontecimentos que marcaram o início e o percurso de sua trajetória de cronista por mais de seis décadas. A crônica *A música popular entra no paraíso*, publicada em 11 de julho de 1980, Drummond realiza uma homenagem póstuma a Vinicius de Moraes, falecido no dia 9 de julho. Em forma de peça de teatro, o autor cria um mundo ficcional idealizando a chegada de Vinícius no céu. Na conversa fictícia, São Pedro convence Deus a deixar Vinícius entrar no céu. Nessa crônica, são os personagens quem apresentam o desenrolar dos acontecimentos.

Como Comecei a Escrever (1980) é uma crônica-relato em que o autor tematiza acontecimentos do seu cotidiano relatando como desenvolveu seu interesse pela escrita. Descreve suas impressões pessoais sobre o acesso às informações numa época em que não havia rádio nem televisão, e o jornal, o principal veículo, chegava pelos correios dias depois de publicados no Rio de Janeiro. O mundo discursivo criado é posto à distância, disjunto dos agentes, situado no passado, mundo do narrar. Quanto ao ato de produção, o narrador encontra-se implicado, alguém que vivenciou os acontecimentos. Esse mundo discursivo disjunto e implicado constitui o tipo de *discurso relato interativo.*

Recalcitrante (1974) foi escrita no período da ditadura militar e tematiza o comportamento de banhistas, usuários de transporte público no Rio de Janeiro. Provoca o leitor a refletir sobre a linguagem e o homem, o respeito mútuo e possíveis consequências calcadas na falta de conhecimento, a ignorância sociocultural e linguística. Sobrepõe características metafísicas e metalinguísticas, apresenta toque de ironia e humor. Comporta segmentos de discursos da ordem do narrar, *narração,* e da ordem do expor, *discurso interativo,* que se articulam por encaixamento. As sequências predominantes são: narrativas “O trocador olhou, viu, não aprovou...”, dialogais, e descritivas “...barba e cabeleira amazônica...”, “Olhos abertos, pernas cabeludas ocupando cada vez mais espaço...”

A crônica intitulada *A música popular entra no paraíso* (1980) representa uma homenagem póstuma a Vinicius de Moraes (1913-1980), escrita um dia após sua morte, e publicada no dia seguinte, em 11 de julho de 1980, no *Jornal do Brasil*. Com características

semelhantes a uma peça teatral, como enredo, cenário, personagens. Não explicita nenhuma origem temporal e os personagens agentes na interação de linguagem, Deus e São Pedro, estão no mesmo espaço e tempo, falando sobre acontecimentos acessíveis aos seus mundos, o seja, as coordenadas organizadoras do conteúdo temático (a chegada de Vinícius no céu) estão próximas, conjuntas dos personagens agentes na ação de linguagem. Na configuração dos mundos discursivos, quando a organização do conteúdo (o assunto tratado) é acessível aos agentes de interação (Deus e São Pedro), dizemos que estão no mundo do expor. O texto apresenta unidades linguísticas que remetem à própria interação verbal o que caracteriza a *implicação***.** A semiotização linguística desses dois aspectos (conjunção e implicação) constitui o tipo *discurso interativo.*

O Frívolo C*ronista* (1984) é uma crônica-carta argumentativa e metalinguística, na qual o narrador contra-argumenta a carta de um leitor que o escreveu reclamando da frivolidade da coluna, no ensejo, discorre sobre o ofício do cronista e a função da crônica, justificando o lugar das frivolidades na crônica e também na vida do ser humano. O mundo discursivo criado para relatar o fato ocorrido é posto à distância dos agentes na interação verbal, contudo, o narrador encontra-se implicado, configurando, assim, o tipo de discurso *relato interativo.* Já, para explicar a importância de momentos de distração e frivolidades, o narrador expõe o seu ponto de vista, ora implicado ora distanciado, esclarece a importância do espaço na coluna de jornal destinado à crônica, como forma de amenizar as angústias provocadas pela "catadupa de desastres" distribuídas nas 54 páginas. O narrador, ao relacionar o conteúdo temático aos agentes da interação, ao ato de produção do texto, constrói o mundo do expor, e ao apresentar-se ora implicado ora autônomo, constitui, em alguns segmentos o tipo de *discurso interativo*, o tipo *discurso teórico* e o tipo *misto interativo-teórico.*

A crônica *Ciao* (1984) sobrepõe e fusiona as funções metafísica e metalinguística, memória e reflexão. No plano geral, o autor discorre de modo reflexivo e filosófico sobre a sua trajetória de cronista, seu primeiro emprego no jornal, quando ainda adolescente, suas percepções sobre o gênero crônica e o papel do cronista, apontando diversos acontecimentos que serviram de assunto para suas crônicas, ao mesmo tempo em que anuncia o fim da carreira como escritor profissional e se despede do seu "posto" de cronista no *Jornal do Brasil* e de seus leitores, a quem externa gratidão, essa palavra tudo. O autor utiliza uma série de recursos linguístico-discursivos, a iniciar pelo título *Ciao*, em italiano, expressão semelhante ao *tchau* brasileiro. Discorre em terceira pessoa, posicionando-se como um testemunho dos fatos vividos. Articula elementos e operações psicológicas pertencentes ao mundo do narrar e ao mundo do

expor, constituindo três tipos de discursos: *narração*, *discurso interativo*, *discurso teórico*, mais os tipos *mistos* (*narrativo-teórico* e *interativo-teórico*). Os tipos de discursos são unidades linguísticas constituintes dos textos, conforme o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

2 APORTE TEÓRICO

2.1 SOBRE O INTERACIONISMO SOCIOCIODISCURSIVO

O ISD vai além dos princípios do Interacionismo Social, da psicologia e da Linguística. Caracteriza-se como uma ciência humana que compreende a linguagem como o produto da interação social que se desenvolve nas relações dialógicas considerando as necessidades de comunicação, as operações psicológicas e as estruturas linguísticas adquiridas e internalizadas, e que são mobilizados para determinar a ação humana na materialização de um texto empírico. Seu escopo situa-se em “uma abordagem global e tendencialmente unificada do funcionamento

psicológico, que toma como unidades de análise a linguagem, as condutas ativas (ou o "agir") e o pensamento consciente" (BRONCKART, 2006, p.122). Sua base foi construída pelo Grupo de Genebra GRAFE (*Groupe d'analyse du français enseigné*), coordenado pelo belga Jean-Paul Bronckart, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, Suíça. Suas pesquisas vêm sendo desenvolvidas por um grupo de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento (linguistas, psicólogos, educadores, filólogos, sociólogos, filósofos). Conforme Cristóvão (2001),

> O interacionismo sociodiscursivo é uma corrente da psicologia da linguagem que se apoia em uma perspectiva interacionista social de linguagem e em teorias de linguagem que dão primazia ao social, sobretudo na de Bakhtin (BRONCKART, 1997/1999). Seu quadro epistemológico se baseia na concepção de que 'as condutas humanas' são produto de um processo histórico de socialização, marcado, principalmente, pelo uso de instrumentos semióticos, como a linguagem (CRISTÓVÃO, 2001, p. 13-14).

O ISD apresenta uma preocupação superior abrangente em relação à linguagem, por isso, suas vertentes de investigação se subdividem e se complementam buscando compreender: a) as relações e as interações sócio-históricas e culturais mediadas pela linguagem e as influências contextuais nos produtos concretos, os gêneros textuais resultantes dessas interações; b) as condições de emprego dos diferentes gêneros e o grau de conhecimento e domínio das regras de estruturação interna; c) o modo como as instituições de ensino, os professores (devem) organizar/direcionar suas ações pedagógicas de modo a privilegiar o ensino e aprendizagem por meio dos gêneros de texto - formação docente, ensino e, a apropriação desses conhecimentos pelos aprendizes - aprendizagem.

Bronckart (2008) explica que:

> O que chamamos de interacionismo sociodiscursivo (ISD) é, inicialmente, uma posição epistemológica e uma tomada de posição sobre o desenvolvimento humano, sobre uma ciência do humano e sobre as condições de seu desenvolvimento. É uma posição que é, ao mesmo tempo, sócio-histórica, materialista-dialética e que considera importantes – eu diria que considera centrais – as questões da **linguagem** e da **formação** e **educação** (BRONCKART, 2008, p.273, grifos nosso)

O ISD se propõe a analisar o "papel que a linguagem desempenha, e, mais precisamente, as práticas de linguagem, na constituição e no desenvolvimento das capacidades epistêmicas (ordem dos saberes) e praxeológicas (ordem do agir) dos seres humanos" (BRONCKART, 2006, p. 4). A tese central do interacionismo sociodiscursivo é que "a ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem" (BRONCKART, 1999, p. 42). Na interação social, os seres constroem

representações e agem mediante suas intenções, emitem juízos de valor, realizando assim, a ação de linguagem. "(...) a noção de ação de linguagem reúne e integra os parâmetros do contexto de produção e do conteúdo temático, tais como um determinado agente os mobiliza, quando empreende uma intervenção verbal" (BRONCKART, 2012, p. 99). De acordo com Bronckart (1999),

> É no contexto da atividade em funcionamento nas formações sociais que se constroem as ações imputáveis a agentes singulares e é no quadro estrutural das ações que se elaboram as capacidades mentais e a consciência desses mesmos agentes humanos. As condutas verbais são concebidas, portanto, como formas de ação (daí o termo ação de linguagem) (BRONCKART, 1999, p.13).

A linguagem se manifesta em forma de textos, gêneros de textos que mediam as interações sociais em um movimento dialógico que, ao mesmo tempo, em que constrói elementos do coletivo desenvolve e amplia propriedades psicológicas individuais. (BRONCKART, 1999).

Para compreender a diversidade e complexidade dos produtos das ações de linguagem, o ISD desenvolve pesquisas em três níveis ou áreas. São:

> os pré-construídos sociais, dentre os quais teríamos as atividades sociais, as formações sociais, as línguas naturais e os gêneros de uma determinada sociedade; as características dos sistemas educacionais e formativos, institucionalizados ou não, que permitem a transmissão dos pré-construídos sociais às novas gerações; os mecanismos de apropriação e de interiorização por meio dos quais os indivíduos constroem seus conhecimentos e sua identidade como pessoa (MACHADO; CRISTÓVÃO, 2006, p. 550).

No nível dos pré-construídos, Bronckart (1999) toma como objeto a infraestrutura organizacional e o funcionamento dos textos; apresenta um método de análise que permite detectar e quantificar as unidades e estruturas próprias aos tipos de textos; descrever os mundos ou planos de enunciação/discurso e as operações psicológicas em que elas se baseiam e as configurações de unidades linguísticas que funcionam como tradutoras desses mundos; demonstrar as relações entre as coordenadas gerais dos mundos e o ato de produção discursiva (conjunção/disjunção); elucidar/distinguir os conceitos de mundo ordinário e mundos discursivos (expor e narrar), e as formas do agente projetar-se enunciativamente (implicado/autônomo) nas atividades sociais em que as ações de linguagem se desenvolvem.

Para fundamentar e justificar as definições que estabelece, Bronckart (2006) destaca influências técnicas e epistemológicas que contribuem para o desenvolvimento do ISD. Entre elas, cita as influências técnicas de:

I- Bloomfield (1933), com o método de análise distribucional e a análise em constituintes imediatos, que forneceu instrumentos para a identificação das categorias de unidades e de estruturas que lhes são atestáveis.

II- Culioli (1990, 2002, 2005), especialmente, três aportes: o primeiro consiste em reunir exemplares de textos, enunciados para em seguida, "evidenciar o que há de comum e de diferente nas famílias de enunciados"; o segundo tratou da reinterpretação dos conceitos de 'marcadores' e de 'operações'; e o terceiro refere-se aos conceitos introduzidos pelo autor para "designar e descrever as diferentes operações de linguagem: as noções, as relações primitivas e o esquema da *lexis* para reformular o estatuto da relação predicativa e de seus constituintes de base" (BRONCKART, 2006, p. 2, 3).

III- Simonin-Grumbach (1975) introduziu a noção de 'tipos de discurso'.

IV- Volochinov (1929[1977]), com a "abordagem do estatuto da unidade-texto, de um lado, das modalidades de interação entre as atividades de linguagem e os outros tipos de atividades humanas, de outro" (BRONCKART, 2006, p. 3).

V- Bakhtin (cf. 1978, 1984), com "análise do estatuto dos gêneros textuais, de um lado, dos mecanismos interativos que os organizam, de outro" (BRONCKART, 2006, p.3).

Das influências epistemológicas Bronckart (2006), destaca:

I- Vygotski (1934/1997; 1999), com a "psicologia de desenvolvimento" (2006, p. 4).

II- Saussure (1916, 2002), com a concepção do signo como entidade fundamental *processual*, (...); a concepção do sistema da língua, (...) em *perpétua interação* com os sistemas sociais, psicológicos e discursivos; o acento, enfim, sobre os mecanismos de mudança, e sobre e sobre a *dinâmica temporalizada*" (2006, p. 7).

Bronckart (2006) cita também as influências:

I- Filosofias de Wittgenstein (1961).

II- Filo-sociológicas de Habermas (1987), de Ricoeur (1986) e de Schütz (1998).

III- Psicológicas de Leontiev (1967), de Piaget (1970) e de Wallon (1938).

IV- Linguísticas de Humboldt (1835/1974) e de Coseriu (2001). (2003, p. 7).

Para a descrição de alguns fenômenos linguísticos locais e para a elaboração do modelo de arquitetura textual o ISD buscou orientações em vários trabalhos, a exemplo, os estudos sobre:

I- Mecanismos de conexão, de coesão de Charolles (1994).

II- A estruturação temporal de Benveniste (1966) e Weinrich (1973).

III- A elaboração de modelos gerais da organização textual de Roulet (1985), Adam (1990, 1992, 1999).

IV- A corrente da narratologia, e de Genette (1972), que evidenciam a complexidade e a heterogeneidade dos mecanismos enunciativos-discursivos (BRONCKART, 2006, p. 3-4).

O ISD ressignificou todas essas contribuições e contempla os textos como "os instrumentos maiores do desenvolvimento humano, não somente sob o ângulo dos conhecimentos e dos saberes, mas, sobretudo, sob o das capacidades de agir e da identidade das pessoas" (BRONCKART, 2006, p. 9).

2.1.1 Capacidades de linguagem e o ensino e aprendizagem da leitura

A concepção interacionista sociodiscursiva de linguagem pressupõe uma ação ativa e responsiva por parte dos agentes numa determinada interação verbal/semiótica. Tal concepção calca a ideia de que o sentido do texto se constrói na interação entre o leitor ativo, o texto e os contextos de produção e recepção.

No processo de leitura ou de produção de texto, o (s) agente (s) aciona (m) "operações do contexto macro e do contexto micro, da organização do texto, dos parâmetros de textualização e dos mecanismos enunciativos". O domínio dessas operações constitui as capacidades de linguagem. Conjunto a essas operações o leitor mobiliza os conhecimentos adquiridos e os saberes apropriados, os quais auxiliam na construção do sentido: os saberes enciclopédicos, linguísticos, interacionais e comunicacionais (CRISTOVÃO; STUTZ, 2017, p. 40-41).

Assim, para uma efetiva promoção da leitura, faz-se necessário uma abordagem a qual considere que os textos são sócio-historicamente construídos e reconfigurados em gêneros de textos e, sua apropriação é pautada na mobilização das capacidades de linguagem. "Os gêneros, nesse enfoque, constituem tanto objetos da interação social, como objetos do ensino da língua" (BARROS, 2015, p. 1).

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), as capacidades de linguagem contemplam três dimensões: a) capacidades de ação (CA), referem-se às capacidades de o agente mobilizar representações dos parâmetros do contexto - mundo físico, social e subjetivo, bem como, do conteúdo referente, adaptando-se à situação comunicativa; b) capacidades discursivas (CD), relacionadas à infraestrutura do texto, referem-se às capacidades de planejar e organizar os discursos e as sequências consoantes às intenções comunicativas e ao gênero escolhido; c) capacidades linguístico-discursivas (CLD), também relacionadas à infraestrutura do texto, referem-se às escolhas linguísticas-discursivas responsáveis pela coerência temática e suas relações de continuidade, ruptura e retomada de ideias no texto, os mecanismo de textualização - conexão, coesão nominal e coesão verbal; os mecanismos enunciativos, gerenciamento das vozes e as modalizações presentes o texto, bem como, as escolhas lexicais. Salientamos que a subdivisão das capacidades de linguagem é apenas de ordem pragmática e até mesmo pedagógica, pois "uma capacidade não age sozinha, pois ela é dependente das demais" (BARROS, 2012, p. 67).

As três capacidades de linguagem (CA, CD e CLD) apontadas por Dolz e Schneuwly (2004) se aproximam e dialogam com o método de análise de texto proposto por Bronckart (1999/2009), o qual orienta, primeiramente, a análise do contexto - os parâmetros mundos físico, social e subjetivo, e o conteúdo/temático e sua adequação à ação discursiva (quem escreve/fala; para quem; qual papel social dos interlocutores; de onde e quando; sobre qual conteúdo; com qual objetivo), mobilização das capacidades de ação.

Segundo Cristóvão (2010), as capacidades de linguagem são acionadas mediante as realizações de operações de linguagem. No nível do contexto, as operações de contextualização e do conteúdo mobilizam as capacidades de ação. No texto, na infraestrutura textual, as operações de planejamento e organização mobilizam as capacidades discursivas e no nível dos mecanismos de textualização e dos mecanismos enunciativos, as operações de textualização e morfossintaxe mobilizam as capacidades linguístico-discursivas. Veja no quadro, os níveis de análise, as capacidades de linguagem e as operações de linguagem.

Quadro 1: Os níveis de análise, as capacidades de linguagem e as operações de linguagem

Níveis de análise	Capacidades de linguagem	Operações de linguagem

Contexto	Capacidade de ação CA	Operações contextualização e do conteúdo: (1CA) Realizar inferências sobre: quem escreve o texto, para quem ele é dirigido, sobre qual assunto, quando o texto foi produzido, onde foi produzido, para que objetivo. (2CA) Avaliar a adequação de um texto à situação na qual se processa a comunicação. (3CA) Levar em conta propriedades linguageiras na sua relação com aspectos sociais e/ou culturais. (4CA) Mobilizar conhecimentos de mundo para compreensão e/ou produção de um texto (CRISTÓVÃO, 2010).
Infraestrutura do texto	Capacidades discursiva CD	Operações de planejamento e organização: (1CD) Reconhecer a organização do texto como layout, linguagem não verbal (fotos, gráficos, títulos, formato do texto, localização de informação especifica no texto) etc. (2CD) Mobilizar mundos discursivos para engendrar o planejamento geral do conteúdo temático. (3CD) Entender a função da organização do conteúdo naquele texto. (4CD) Perceber a diferença entre formas de organização diversas dos conteúdos mobilizados (CRISTÓVÃO, 2010).
Mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos	Capacidades linguístico-discursiva CLD	Operações de textualização e morfossintaxe: (1CLD) Compreender os elementos que operam na construção de textos, parágrafos e orações. (2CLD) Dominar operações que contribuem para a coerência de um texto (organizadores, por exemplo). (3CLD) Dominar operações que colaboram para a coesão nominal de um texto (anáforas, por exemplo). (4 CLD) Dominar operações que cooperam para a coesão verbal de um texto (tempos verbais, por exemplo). (5CDL) Expandir vocabulários que permitam maior compreensão e produção de texto. (6CDL) Compreender e produzir unidades linguísticas adequadas a sintaxe, morfologia, fonética, fonologia e semântica da língua. (7CDL) Tomar consciência das (diferentes) vozes que constroem um texto. (8CDL) Perceber as escolhas lexicais para tratar de determinado conteúdo temático. (9CDL) Reconhecer a modalização (ou não) em um texto. (10CDL) Identificar a relação entre os enunciados, as frases e os parágrafos de um texto, entre outras muitas operações que poderiam ser citadas. (11CDL) Identificar as características do texto que podem fazer o autor parecer mais distante ou mais próximo do leitor (CRISTÓVÃO, 2010).

Fonte: autora com base em Cristóvão (2010).

A classificação em níveis de análise consiste em um procedimento teórico, pois, uma ação de linguagem articula, simultaneamente, o nível do contexto e o nível do texto. O texto não pode ser compreendido fora do contexto, assim como, não se constitui um texto sem os recursos discursivos e linguísticos-discursivos que o semiotizam. E, no processo de leitura, o domínio das capacidades de linguagem é imprescindível para a compreensão do que se lê.

2.1.2 Reflexões sobre leitura

A leitura não é luxo ou ocupação nas horas vagas. É a conexão vida e liberdade. Mais que escolha ou pretensão, é construção organizada que articula pensamento e linguagens que não se traduzem apenas na decodificação dos símbolos. A leitura é uma atividade social e sua compreensão depreende da relação que o leitor constrói ao sistematizar o conteúdo do texto relacionando-o ao contexto de produção e sua compreensão depende da capacidade de articulação entre a estrutura interna do texto e os parâmetros do contexto.

Se os resultados das avaliações externas e internas apontam defasagem nos quesitos leitura e produção de textos é porque os alunos ainda não se apropriaram devidamente das ferramentas/instrumentos necessários para seu desenvolvimento. Daí a importância de pautar o ensino e a aprendizagem da língua na linguagem em uso, nos textos configurados em gêneros, pois, um indivíduo só é letrado em uma determinada prática de linguagem a partir do momento em que se apropria do gênero que a configura – desenvolve capacidades para a leitura e/ou escrita desse gênero e faz as mobilizações necessárias à situação interativa.

A leitura é o instrumento mediador da interação autor - texto - leitor. Um texto não é texto sem a interação e compreensão de seus interlocutores/leitores. A compreensão se constrói através da relação entre os conhecimentos prévios e os elementos presentes no texto, ou seja, a leitura e a produção de sentido são orientadas pelos conhecimentos da língua e de mundo.

A compreensão de um texto depende dos conhecimentos adquiridos e convocados durante a leitura, ou seja, as representações sobre as características mais ou menos estáveis do gênero, a mobilização das capacidades de linguagem subjacentes advindas das representações do contexto que esclarecem as orientações dos parâmetros físico, social e subjetivo, do conteúdo e as motivações promotoras de significação e sentido. Esses elementos auxiliam o leitor a criar expectativas para articular a exposição do conteúdo temático à sua função social e interacional. Ferreira e Dias (2005), no artigo *Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos*, salientam que a leitura é:

> além de uma atividade cognitiva, a leitura é também uma atividade social, situada, construtiva, dialógica e interativa que envolve a participação ativa do leitor, que se apoia em suas experiências passadas, em seus objetivos de leitura, em seus conhecimentos e ideias prévias, e no texto e contexto para gerar sentidos que se constroem nas várias transações e negociações entre estes, e os seus conhecimentos (FERREIRA, DIAS, 2005).

No momento da leitura, realizamos, concomitantemente, as operações de linguagem: no âmbito do contexto, as operações de contextualização e do conteúdo; na arquitetura interna do texto, as operações de planejamento e organização – a forma de projeção enunciativa responsável pela organização do conteúdo e a construção dos mundos discursivos, bem como, as unidades linguísticas que configuram os tipos de discursos, as sequências e planificações; as operações de textualização e morfossintaxe que conferem a coesão e a coerência; e o apontamento das vozes e modalizações presentes no texto. São essas mobilizações que possibilitam ao leitor dialogar com o autor, com a temática apresentada, com as vozes sociais, e, refletir e posicionar-se criticamente, concordar ou não com os pontos de vistas, confirmar ou reformular hipóteses e conceitos, perceber as subjetividades, contextualizar os acontecimentos narrados, comparar e aproximar, relacionando-os às épocas - o momento de produção e de recepção. Essa liberdade de refletir sobre a leitura permite ao leitor partilhar suas ideias e percepções, ao mesmo tempo em que amplia seu repertório sociocultural e textual.

Segundo Zilberman (2001, p. 54), "A experiência da leitura pode liberá-lo [o leitor] de adaptações, prejuízos e apertos de sua vida prática, obrigando-o a uma nova percepção das coisas". O leitor se movimenta no espaço-tempo de produção e retoma criando elos com o espaço-tempo de recepção, da leitura. E assim, poderá usufruir dos benefícios proporcionados.

A crônica, certamente, corrobora com tal perspectiva, pois, dentre as funções sociais está a de distrair o leitor depois de ter sido impactado com as notícias desagradáveis, como destaca Drummond (1984), a crônica vem no segundo caderno com "a função de corrigir o primeiro, que é um estoque fabuloso de terremotos, crimes e misérias" (DRUMMOND, 1984, apud WERNECK, 2012 p. 100).

Nas crônicas ocorre um fenômeno de hibridez que as permite se apresentar em diversas formas composicionais, com assuntos que transitam entre o real e o fictício. O autor cria um narrador para representar a vivência de determinada situação. Esse narrador pode contar o acontecimento como um personagem envolvido na cena ou apenas como um observador. No texto, as coordenadas organizadoras do conteúdo e as vozes sociais se vinculam ao narrador ainda que este seja uma representação do autor. O que exige do leitor a compreensão do propósito comunicativo em sua função social e das possibilidades de usos da linguagem, de modo que, as metáforas sejam compreendidas metaforicamente como presume-se na leitura literária.

Sanchez (2007) apresenta uma síntese das estratégias de leitura proposta por Dolz (1996), as quais visam a sistematização da aula de leitura, a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos educandos, são algumas delas:

> 1a) observar (a) a estrutura do texto e como os argumentos se organizam neles tornando o texto compreensível; (b) os aspectos linguísticos (léxico, estruturas gramaticais, fórmulas expressivas, o emprego de unidades linguísticas tais como dêiticos pessoais, organizadores textuais, elementos anafóricos, etc); (c) aspectos comunicativos da situação de produção do texto
> 2a) mobilizar as diversas capacidades de linguagem, atualizando permanentemente o seu sistema de conhecimentos que intervém na compreensão: o saber enciclopédico sobre o referente do texto, o conhecimento sobre o funcionamento das ações de linguagem, os princípios comunicativos numa situação de interação; conhecer os discursos dos gêneros textuais; o conhecimento sobre as estruturas textuais e o conhecimento linguístico
> 3a) saber reconhecer a intervenção do contexto para a construção da significação de um texto, para a avaliação da situação de leitura e para a reconstrução da situação de comunicação que o autor pretende conseguir através de seu texto (SANCHEZ, 2007, p. 71-72).

Uma aula de leitura não se limita ao código, aos aspectos meramente linguísticos. É imprescindível desenvolver as capacidades de linguagem dos aprendizes mediante atividades que requeiram seus usos. Leurquin (2014) sugere uma aula de leitura interativa desenvolvida em três etapas: 1) Antecipação da leitura, ativação dos conhecimentos prévios – instigados pela apresentação do título, tema e compreensão do plano geral do conteúdo através da leitura silenciosa; 2) Uma análise com base nos três níveis do texto, gotejada por meio de entradas, que dialogam com os níveis de análise de texto proposto por Bronckart (1999). São as entradas pelo contexto, pelo nível organizacional do texto, pelo nível enunciativo e pelo nível semântico – os tipos de discursos; 3) Preconiza a socialização da compreensão e das impressões construídas pelos aprendizes.

Traçamos um paralelo entre as três etapas da aula de leitura interativa e as etapas da sequência didática proposta pelos pesquisadores de Genebra. Notamos que a primeira etapa da aula de leitura envolve as duas primeiras etapas da SD (a apresentação da proposta e a produção inicial). Enquanto a segunda etapa, através da leitura direcionada, abarca as possibilidades de atividades a serem desenvolvidas nos módulos, contemplando a análise do contexto e da infraestrutura do texto, em seus três níveis, dispostos nas três camadas do *folheado textual* (BRONCKART, 2006). A terceira etapa caracteriza a produção final, a interpretação e compreensão do texto. Observe as etapas de uma aula de leitura interativa segundo Leurquin (2014) e as etapas da SD de Dolz, Noverraz e Scheneuwly (2004).

Quadro 2: As etapas de uma aula de leitura interativa Leurquin (2014) e as etapas da SD Dolz, Noverraz e Scheneuwly (2004).

Aula de leitura interativa	Sequência didática
Etapa 1 Conhecimentos prévios/ Antecipação da leitura	Apresentação da situação
	Produção inicial
Etapa 2 Análise dos três níveis do texto, em forma de entradas: nível do contexto, nível organizacional do texto, nível enunciativo, nível semântico.	Atividades desenvolvidas nos módulos de acordo com os objetivos
Etapa 3 Atividade de socialização das compreensões	Produção final

Fonte: autora adaptado de Leurquin (2014), Dolz; Scheneuwl (2004).

Essas estratégias expressam a visão do ISD sobre o texto, o ensino da língua mediado por gêneros de textos, e a organização sistemática das atividades a serem desenvolvidas. Nesse âmbito, estão consolidados os conceitos e o método de análise de texto proposto por Bronckart (1999).

2.1.3 Conceito de texto e gêneros de textos no ISD

Todo texto é resultado de uma inquietação psicológica, ação de linguagem, motivação que leva uma pessoa, em interação comunicativa, a mobilizar recursos, de acordo com os parâmetros do contexto e do conteúdo tematizador (pedir ajuda, contar uma história, dar uma informação, dica de culinária, reclamação etc.) a produzir um texto com suas pretensões e objetivos.

De acordo com Bronckart (1999), o texto é resultado de uma unidade psicológica, ação linguageira, associada a um modelo de gênero indexado. Os gêneros são os meios de efetivar linguisticamente os objetivos das ações de linguagens, adaptados às finalidades comunicativas. E ficam à disposição, como modelos, no intertexto. Os agentes, ao mobilizarem ações de linguagem para atingir seus objetivos, valem-se desses modelos de gêneros de textos.

Os gêneros são modelos/formatos de textos resultantes da interação dos agentes nas atividades sociais e de linguagem. São infinitos e mudam em relação às novas formações sociodiscursivas que se modificam historicamente, contudo, têm certa estabilidade.

Para Bronckart (1999), texto é:

> toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário, [...] o texto é a **unidade comunicativa** [...] na escala sócio histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram

> diferentes espécies de textos, [...] gêneros de texto (BRONCKART, 1999, p.137). (grifo do autor).

As atividades de linguagem são ilimitadas e têm os parâmetros da interação (finalidade sociocomunicativa, papel social, conteúdo temático, processos cognitivos mobilizados, suporte mediático etc.) como critérios de definição do gênero. Portanto, a classificação não pode se basear somente em critérios objetiváveis. Enfatizamos que "a noção de ação de linguagem reúne e integra os parâmetros do contexto de produção e do conteúdo temático, tais como um determinado agente os mobiliza, quando empreende uma intervenção verbal. " (BRONCKART, 2012, p. 99).

É por meio das produções textuais orais ou escritas que os indivíduos constroem suas representações sociais situáveis e passíveis de julgamentos, interagem e se integram nos processos de construção dos mundos e na (inter) ação com esses mundos. "Os textos são sequências organizadas de comportamentos verbais, orais ou escritos, que são atribuíveis a um agente singular, num contexto determinado de ação" (BRONCKART, 2003, p. 58). Para o ISD, texto e gênero de texto coocorrem de uma ação, mas não têm o mesmo significado. Bronckart (1999) explica:

> Chamamos de **texto** toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). Na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão **gênero de texto** em vez de gênero de discurso (BRONCKART, 1999, p. 75) (grifos do autor).

Os gêneros são mediadores e representantes das (inter) ações de linguagem, "instrumentos" de ensino e aprendizagem, indispensáveis para o desenvolvimento das capacidades de linguagem indispensáveis para o agir. Operar por meio de um gênero prevê propriedades do contexto e extrapola o reconhecimento das características típicas ou de suas finalidades. Bronckart (2012) salienta que:

> qualquer ação implica um agente, que, ao fazer uma intervenção no mundo, mobiliza determinadas capacidades mentais e comportamentais que ele sabe que tem (um poder-fazer), determinados motivos ou razões que ele assume (o porquê do fazer) e determinadas intenções (os efeitos esperados do fazer); sendo que esses últimos parâmetros (capacidades, motivos e intenções) definem a responsabilidade assumida pelo agente em sua intervenção ou em sua ação (BRONCKART, 2012, p.19-20).

Na interação (verbal/semiótica e social) os agentes acionam conhecimentos que se (re) estabelecem para garantir sentido, coerência (mobilização do tema - o que se pretende dizer, como, porque, para que; e o que se espera de seus interlocutores/leitores - juízos de valor), as

características estáveis do gênero, os recursos linguísticos e discursivos, o suporte, intertextualidade, acesso à informação, entre outros aspectos, e, esses dependem do grau de conhecimento que se tem sobre o conteúdo temático e a capacidade de mobilização dos recursos linguísticos-discursivos disponíveis para produzir uma unidade comunicativa adaptada a um gênero textual com seus segmentos de estatutos constitutivos e as marcas linguísticas que semiotizam, os tipos de discursos, "elementos constitutivos da heterogeneidade textual" (BRONCKART, 1999, p. 143).

Toda leitura de texto implica o reconhecimento de gênero textual disponível no quadro de uma língua e as possibilidades de mobilização dos subsistemas, as unidades linguísticas observáveis que constituem os tipos de discursos que dão tessitura ao texto. Machado e Cristóvão (2006) reforçam que:

> os gêneros de texto se constituem como artefatos simbólicos que se encontram à disposição dos sujeitos de uma determinada sociedade, mas que só poderão ser considerados como verdadeiras ferramentas/instrumentos para seu agir, quando esses sujeitos se apropriam deles, por si mesmos, considerando-os úteis para seu agir com a linguagem (MACHADO; CRISTOVÃO, 2006, p. 551)

Por compreender que um texto é o produto da interação verbal situada no quadro de uma atividade social, que articula operações psicológicas e linguísticas, Bronckart (1999) desenvolveu um *método de análise de texto* que propõe contemplar o texto considerando a situação que a originou, o contexto e o modo como o é semiotizado linguisticamente.

3 O MODELO DE ANÁLISE DE TEXTO À LUZ DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

Para analisar um gênero de texto em sua complexidade, Bronckart (1999) desenvolveu um *método de análise de textos* que abarca o *contexto de produção* – parâmetros do mundo físico: emissor, receptor, espaço e tempo em que o texto é produzido; parâmetros do mundo

social e subjetivo: em qual posição social se encontram, os valores, normas e regras; e a *arquitetura interna do texto*, esta, caracterizada como um folhado textual agrupa três camadas sobrepostas e interligadas. Observe o quadro a seguir:

QUADRO 3: MÉTODO DE ANÁLISE DE TEXTOS – BRONCKART ([1999] 2009)

Contexto de produção	**Arquitetura interna**
Parâmetros do mundo físico: - Agentes produtor (es) e receptor (es), espaço e tempo de produção. **Parâmetros do mundo social e subjetivo:** - Espaço e a posição social ocupada pelos agentes, e que influencia na integração das regras, normas e valores. **Conteúdo temático:** - Assunto tratado no texto.	**Infraestrutura textual:** - Plano geral do texto, tipos de discursos, tipos de sequências e outras formas de planificação. **Mecanismos de textualização:** - Conexão, coesão nominal e coesão verbal. **Mecanismos enunciativos:** - As vozes e as modalizações presentes no texto.

Fonte: autora, adaptado de Bronckart ([1999] 2009)

A primeira camada se ocupa da *infraestrutura textual* formada pelo *plano geral do texto*, organização dos conteúdos e a estrutura em que o texto se apresenta; os *tipos de discurso*, segmentos constituintes do texto resultantes do intercruzamento entre os mundos discursivos e o ato de produção - relação de conjunção, disjunção, implicação, autonomia; e, os *tipos de sequências*, formas de planificação que se descrevem como: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, injuntiva e dialogal, *script* e planificação. Na segunda camada, estão os *mecanismos de textualização*, mobilização dos recursos linguísticos responsáveis pela coerência textual. Na terceira camada, estão os *mecanismos enunciativos* representantes e introdutórios das vozes, quem diz, o que, (instâncias que assumem ou se responsabilizam pelo que é dito); e as modalizações, responsáveis pelas diversas avaliações do enunciador sobre um ou outro aspecto do conteúdo temático (BRONCKART, 1999).

Ressaltamos que o enfoque dessa pesquisa é a análise dos tipos de discursos em crônicas de Carlos Drummond de Andrade.

3.1 OS MUNDOS DISCURSIVOS E OS TIPOS DE DISCURSOS

Para o ISD, a produção do discurso é compreendida como um trabalho psicológico desenvolvido por agentes que configuram representações da realidade em um contexto de interação mediado por ações de linguagem que ocorrem em um espaço-tempo. Esses agentes de linguagem constroem representações, de forma particular, a partir de saberes coletivos

situados no quadro das práticas sociais, traduzindo-as em mundo discursivos a partir de coordenadas formais.

Conforme Bronckart (1999), os mundos representados pelos agentes humanos são denominados mundo ordinário, e os mundos criados pela atividade de linguagem são mundos virtuais.

> A atividade de linguagem, devido à sua própria natureza semiótica baseia-se, necessariamente, na criação de mundos virtuais. Esses mundos são sistemas de coordenadas formais que, de um lado, são radicalmente "outros" em relação aos sistemas de coordenadas dos mundos representados em que se desenvolvem as ações de agentes humanos, mas que, de outro, devem mostrar o tipo de relação que mantêm com esses mundos da atividade humana. Por convenção, chamaremos os mundos representados pelos agentes humanos de mundo ordinário e os mundos virtuais criados pela atividade de linguagem de mundos discursivos (BRONCKART, 1999, p. 151).

Segundo Cristóvão (2001, p. 61), mundos discursivos são sistemas de coordenadas formais e sua constituição se baseia em dois conjuntos de operações: a) a relação entre a organização do conteúdo temático com as coordenadas do mundo ordinário em que uma ação de linguagem acontece, e, b) a relação entre as instancias de agentividade e sua inscrição espaço-temporal no texto, e também, a relação com os parâmetros físicos da ação de linguagem.

De acordo com Bronckart (1999), as coordenadas organizadoras do conteúdo temático do texto podem ser: DISJUNTAS, quando as representações mobilizadas se situam em lugar e tempo diferentes daqueles em que se situam os agentes da interação, ou CONJUNTAS, quando essas representações estabelecem relação com o contexto de interação em que o texto está sendo produzido.

O agente de linguagem, representado por instâncias de agentividade (autor, personagens, grupos, instituições etc.) ao semiotizar o conteúdo pode organizá-los de duas formas: conjunta, próximo do mundo dos agentes, no tempo presente (mundo do EXPOR), ou disjunta, situado à distância no tempo passado ou futuro (mundo do NARRAR). Do mesmo modo ocorre quanto ao de produção, ou esse agente se inscreve no texto revelando sua relação no fluxo das ações e conteúdos representados, utilizando marcas de primeira pessoa (implicado), ou não explicita, mantendo-se distanciado (autônomo).

As formas de implicação e autonomia se entrecruzam com o NARRAR e o EXPOR, configurando os quatro mundos discursivos: NARRAR IMPLICADO, NARRAR AUTÔNOMO; EXPOR IMPLICADO e EXPOR AUTÔNOMO. Cada um desses mundos discursivos corresponde a um tipo de discurso. Conforme Bronckart (1999), no mundo do

EXPOR: *discurso interativo* (implicado) e *discurso teórico* (autônomo). No mundo do NARRAR: *relato interativo* (implicado) e *narração* (autônomo). Observe o quadro:

Quadro 4: Os mundos discursivos e os tipos de discursos

Mundos discursivos		
Coordenadas Gerais dos Mundos	**Disjunto** (distante do mundo da interação social em curso) Mundo do NARRAR	NARRAR
	Conjunto dessa interação social em curso Mundo do EXPOR	EXPOR
Relação ao Ato de Produção	**Implicado**: presença explicita do lugar, momento de produção agente-produtor, destinatário	NARRAR implicado EXPOR implicado
	Autônomo: não apresenta essas marcas	NARRAR autônomo EXPOR autônomo

Fonte: autora adaptado de Bronckart (1999).

Para o ISD, os tipos de discursos são segmentos que entram na composição dos gêneros, articulados entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos que dão ao texto sua coerência configuracional, e, podem ser identificados, ao menos parcialmente, por suas características linguísticas específicas. Segundo Bronckart (2010, p. 170),

> [...] podemos analisar e descrever as configurações de unidades linguísticas (subconjuntos de tempos de verbos, de pronomes, de organizadores, de advérbios, de modalização etc.) e de modos de organização sintática que traduzem ou exprimem esses mundos discursivos, o que permite a identificação de quatro tipos de discurso, que chamamos de "discurso interativo", "discurso teórico", "relato" e "narração" (BRONCKART, 2010 p. 170).

Essas marcas linguísticas influenciam também, na marcação das sequências, nos mecanismos de textualização e nos mecanismos enunciativos. Ao mesmo tempo em que semiotizam a projeção enunciativa do autor.

No gênero crônica, geralmente escrito, híbrido entre as esferas do jornalismo e da literatura, do real e do imaginário, para abordar o conteúdo temático o autor cria um narrador que pode contar o fato posicionado como um narrador-observador ou envolvido na cena, implicado – narrador-expositor. Logo, é possível analisar e descrever elementos linguísticos que caracterizam os quatro tipos de discursos, suas variantes e fusões. Contudo, há uma predominância dos tipos *narração* e *discurso interativo.*

Apresentaremos e exemplificaremos os tipos de discursos e suas unidades linguísticas constituintes e observáveis nos textos analisados.

3.1.1 Os tipos de discurso (discurso interativo e discurso teórico) e as possíveis variantes e fusões no eixo do EXPOR

a) **Discurso interativo**

De acordo com Bronckart (1999), o **discurso interativo**, seja na forma de diálogo ou monólogo, oral ou escrito, em interação real ou encenada, as coordenadas gerais de mundo são conjuntas (próximas dos agentes), ou seja, não apresenta ancoragem espaço-temporal. Quanto ao ato de produção, encontram-se implicadas e sua principal característica é a presença de unidades linguísticas - nomes próprios, verbos e adjetivos em primeira e segunda pessoa do singular e do plural que remetem à própria interação verbal; nos diálogos, a interação é marcada pela alternância de turnos de fala; frases não declarativas (frases interrogativas, exclamativas, imperativas); exploração dos verbos nos tempos presente, pretérito perfeito e o futuro perifrástico, representando respectivamente, simultaneidade, anterioridade e posterioridade; ostensivos; unidades que remetem ou a objetos acessíveis aos agentes ou ao espaço ou ao tempo da interação; anáforas pronominais, por oposição às anáforas nominais; auxiliares de modo: poder/ querer/ dever; e, densidade verbal baixa, densidade sintagmática muito baixa e poucos organizadores textuais. O discurso interativo pode se manifestar de três formas, conforme veremos a seguir.

O primeiro tipo de discurso interativo que apontaremos é o *discurso interativo primário* - presente nos gêneros originariamente orais, onde o mundo da semiotização do conteúdo temático está atrelado ao mundo ordinário dos agentes envolvidos na ação de linguagem como nos gêneros de bate-papo e entrevistas, nos quais, a apresentação das falas ocorre por meio do discurso direto, demarcada pela alternância de turnos de fala, às vezes, sem respostas.

Vejamos o exemplo de discurso interativo primário a partir da transcrição de um trecho adaptado de uma entrevista concedida por Carlos Drummond de Andrade à sua filha, a jornalista Maria Julieta, em 22 de janeiro de1984, cujos áudios estão disponíveis no *site* Projeto Memórias. A entrevista ganha um tom de conversa informal cheia de cumplicidade e afeto. Dentre os assuntos abordados ao longo da entrevista destacamos um trecho em que falam sobre a morte, sobre a vida, realização e missão e, o entrevistado resume filosoficamente, suas impressões. Nesse contexto, o conteúdo temático está relacionado à vida do escritor. E os agentes se encontram implicados no mesmo espaço e tempo. Vejamos:

> ***Maria Julieta**: **Hoje...** estamos **aqui** para entrevistá-**lo... Você** está preparado para a morte?*
> ***Drummond**: Tanto quanto é possível... **eu acho** que estou... **eu acho**... mas não **afirmo**... porque **eu sei** lá qual é a sensação que pode me ocorrer?... na hora que eu sentir que **estou** morrendo... pode ser uma reação de aceitação... ou pode ser também de revolta... **né? (Entrevista adaptada)***

Observemos nesse segmento que, sua compreensão não é possível sem o conhecimento da ação de linguagem que deu origem à produção, pois, não explicita ancoragem espaço-temporal, o que determina que as coordenadas gerais de mundo são conjuntas, ou seja, os agentes estão situados no mesmo espaço-tempo em que ocorre a interação verbal; as referências dêiticas remetem diretamente aos agentes da interação – (*você*) remetendo ao destinatário, e, os pronomes verbos e adjetivos em primeira pessoa (*eu, me, meus, minha*) indicam que o conteúdo temático está implicado, relacionado ao mundo dos agentes; dêiticos espaciais *(aqui*); dêiticos temporais (*hoje*); os verbos no tempo presente (*acho, afirmo, fico, é*) e pretérito perfeito (*foi, adaptei, impuseram, traçaram, estudei, fui*) indicam respectivamente, simultaneidade e anterioridade dos fatos; diálogo marcado pela alternância dos turnos de fala e a presença de frases não declarativas – interrogativas. Também se observa que Maria Julieta faz-lhe perguntas e Drummond as responde com marcas de oralidade como gaguejo e pausas representados pelo sinal de pontuação reticencias (...). O entrevistado faz uso da expressão (*né*?), contração da expressão, "não é? ", originada pela pressa da fala, como uma busca de confirmação de entendimento do que foi dito.

b) **Variantes do discurso interativo**

Vejamos agora, exemplos de *discurso interativo secundário* observados em gêneros geralmente escritos como o conto, a peça de teatro e a crônica. Nesses gêneros, o mundo discursivo criado é relacionado ao mundo ordinário das personagens no plano ficcional, cuja compreensão depende de um discurso principal no qual é encaixado, quer seja um segmento de relato interativo ou de narração. Nos dizeres de Bronckart (1999, p. 187-189), os discursos interativos secundários constituem uma "variante do discurso interativo".

Observemos agora, um segmento da crônica *A música popular entra no paraíso* (1980), uma homenagem póstuma a Vinicius de Moraes (1913-1980), escrita um dia após sua morte, e publicada no dia seguinte, em 11 de julho de 1980, no *Jornal do Brasil*. Em forma de peça de teatro, o autor imagina a chegada de Vinícius no céu e cria um diálogo entre os personagens Deus e São Pedro, os quais interagem face a face. Na cena, São Pedro convence Deus a deixar Vinícius entrar no céu. Nesse mundo discursivo, há um discurso híbrido, pois, o conteúdo temático está relacionado ao acontecimento da morte do poeta e compositor Vinicius de Moraes

ocorrido no mundo ordinário. Já o momento da representação da cena relaciona-se ao mundo ficcional dos personagens. O discurso interativo dialogado se estabelece na interação no mundo ficcional criado pelo autor, constituindo, portanto, uma variante do discurso interativo.

> ***A música popular entra no paraíso***
>
> *Deus – Quem é **este baixinho** que **vem aí**, ao som do violão, de **copo** cheio na mão?*
>
> *São Pedro – **Senhor**, pelos indícios, só pode ser **o vosso** servo **Vinicius**, Menestrel da Gávea e dos amores inumeráveis.*
>
> *Deus – Será que **ele vem** fazer alaúza no **céu**, perturbando o coro dos **meus anjos-cantores,** diplomados pela Schola Cantorum do mestre São Jorge, o Grande?*
>
> *São Pedro (**hesitante**) – **Bem… Eu acho**, com a devida licença, que **ele traz** um som novo, mais terrestre, menos beatífico, **é** certo, mas com uma suavidade brasileira inspirada nos seresteiros **seus** avós, os quais **já** têm assentos cativos junto ao **vosso trono**, **Senhor**. Coisa mui digna de **vossa** especial atenção.*
>
> *Deus – Hum, hum…*
>
> *São Pedro – **Posso** continuar, **Senhor**?*
>
> *Deus – Ele **deu** alegria ao **meu** povo?*
>
> *São Pedro (exultante) – Se **deu**, Senhor! E para isso não **precisava** sempre compor canções alegres. **Ia** até o fundo das canções tristes, (...)*
>
> *Deus (disfarçando a emoção) – Mande entrar, **mande** entrar **logo esse rapaz**. Vinicius **entra** rodeado de **anjos, crianças, virgens e matronas** que entoam mansamente: (ANDRADE, 1980, p. 1)*

No texto, as falas são precedidas pelos nomes dos personagens e o elemento tipográfico (–) travessão, com alternância dos turnos de fala, as marcas de entonação de voz, expressões faciais e/ou indicações de movimentação em cena estão grafadas entre parênteses, exatamente como em uma peça de teatro, e serve para orientar os atores na interpretação da cena.

Nesses segmentos, a ausência de ancoragem espaço-temporal indica que as coordenadas gerais de mundo estão situadas próximas dos agentes em conjunto da ação de linguagem que ocorre no mesmo espaço e tempo onde situam os personagens, ou seja, no mundo do EXPOR amparado em uma esfera ficcional. O caráter IMPLICADO se caracteriza pela presença de unidades linguísticas que se referem diretamente aos personagens (*este baixinho*, *Senhor*, *meus anjos-cantores*, *meu povo*); ao espaço (*aí, no céu*) e ao tempo (*já*, *logo*). Os ostensivos (*este, aí, esse*); pronomes (*vosso, meus, eu, seus, vossa*), e adjetivos (*baixinho, rapaz*) de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural; verbos nos tempos presente (*vem, acho, traz, é, têm, posso, tem, mande*) e passado (*deu, precisava, ia*); frases interrogativas (*Quem é este baixinho que vem aí, ao som do violão, de copo cheio na mão*? / *Será que ele vem fazer alaúza no céu, ...? / Ele deu alegria ao meu povo?);* frase imperativa (*Mande entrar, mande entrar logo esse*

rapaz.); marcas de oralidade (*bem... / Hum hum...)*. Quanto às marcas linguísticas grafadas entre parênteses, no texto, são referências internas e correspondem aos agentes representados. Na interpretação da peça de teatro essas referências são externas, realizadas pelos atores.

Podemos observar as unidades linguísticas regulares constitutivas do discurso interativo, de forma mais detalhada, a partir de um trecho da crônica de Carlos Drummond de Andrade intitulada *Recalcitrante* (1974), na qual os segmentos de discurso interativo secundários, em itálico, são encaixados no segmento de discurso narração. O discurso principal apresenta o cenário e caracteriza os personagens que interagem na ação de linguagem.

A compreensão do discurso interativo depende do contexto criado pelo discurso principal, segmento de narração. Nesse segmento, o narrador apresenta o contexto espacial e temporal, situa os personagens sob um ponto de vista e conta a história em terceira pessoa. Veremos aqui, então, um discurso interativo encaixado ao discurso narração, onde ocorre um discurso interativo secundário. A interação dialogada implica os personagens, o trocador e passageiros, que interagem no mesmo espaço e tempo, em um ônibus coletivo. Dentre os passageiros, destaca-se o personagem principal, um moço com roupas de banho molhadas de água da praia que insiste em viajar sentado no banco do ônibus, desrespeitando as normas de uma portaria preestabelecida que determina "O passageiro, ainda que com roupa sobre as vestes de banho molhadas, somente poderá viajar de pé". As estruturas dialogadas traduzem as falas das personagens expressas através do discurso direto, antecedidas pelo sinal de pontuação travessão (—).

Recalcitrante

O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado placidamente no banco lateral, escorria um fio de água que ia compondo, no piso do ônibus, a microfigura de uma piscina.

— ***Ei, moço****, quer fazer o favor de levantar?*

[...]

— *O* ***senhor aí****, cavalheiro, quer cutucar o braço do* ***distinto****, pra ele* ***me*** *prestar atenção?*

[...]

— *O* ***senhor*** *está desrespeitando a portaria e* ***eu tenho*** *que convidar o senhor a descer do ônibus.*

— ***Eu****, descer porque* ***estou*** *suado? Sem essa.*

— *O* ***ônibus*** *vai parar e* ***eu chamo*** *a polícia.*

— *A polícia vai* ***me*** *prender porque* ***estou*** *suando?*

— *Vai botar o senhor pra* ***fora*** *porque* ***é*** *um… recalcitrante.*

O passageiro pulou, transfigurado:

— ***O quê? Repita****, se for capaz.*

> *— Re… calcitrante.*
>
> *— **Te** quebro a cara, ouviu? Não admito que ninguém me insulte!*
>
> *— **Eu?** Não **insultei**.*
>
> *— **Insultou** sim. **Me chamou** de réu. Réu não **sei** o quê, calcitrante, sei lá o que é **isso**. Retira a expressão, ou lá vai bolacha.*
>
> *— Mas é a portaria! A portaria é que diz que o recalcitrante…*
>
> *— Não **tenho** nada com a portaria. **Tenho** é com **você**, seu cretino. Retira **já** a expressão, ou…* (ANDRADE, 1974, p. 9-40)

A tentativa de diálogo se dá no início da cena (Ei, moço), o que determina uma interação dos agentes-personagens postos na cena, no mesmo espaço e tempo criado pelo cronista no mundo ficcional. Caracterizado pela presença de unidades linguísticas que remetem à própria interação verbal marcada pelos turnos de fala, sinalizados no texto pelo sinal de pontuação travessão (—). Sobre as marcas linguísticas de interação, podemos observar nomes próprios, verbos, pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e/ou do plural (*moço, senhor/ eu/ estou/ chamo/ me/ te/ você/ tenho, sei*...), projetando o caráter conjunto implicado do mundo discursivo criado. Outra marca importante são as frases não declarativas, como por exemplo: Frases interrogativas (*— Ei, moço, quer fazer o favor de levantar? / — O senhor aí, cavalheiro, quer cutucar o braço do distinto, pra ele me prestar atenção? / — Eu, descer porque estou suado?);* frases exclamativas *(— Não admito que ninguém me insulte! / — Mas é a portaria!);* Frases imperativas *(— **Repita**, se for capaz. / — **Retira** a expressão.../ — **Retira** já a expressão ou...).*

Quanto à exploração dos tempos verbais, no discurso interativo, geralmente, compõem-se pelo presente (*quer **fazer o favor/** O senhor **está** desrespeitando a portaria e eu **tenho** que convidar...),* o pretérito perfeito (***Insultou** sim. Me **chamou** de réu),* e o futuro perifrástico (*O ônibus **vai parar/ Vai botar** o senhor),* representando respectivamente, simultaneidade, anterioridade e posterioridade.

Presença de unidades que remetem ou a objetos acessíveis aos agentes da interação, ou ao espaço ou ao tempo da interação: Ostensivos (*— O senhor **aí**, cavalheiro/ — Vai botar o senhor pra **fora/** sei lá o que é **isso**);* dêiticos espaciais (*— O senhor **aí/** — O **ônibu**s vai parar e eu chamo a polícia/ — Aquela pregada **ali);*** dêiticos temporais *(Retira **já**).* Presença de modalizadores: "poder", "querer", "dever", "ser preciso" *(**quer** fazer o favor/ quer cutucar o braço do distinto/ eu **tenho** que convidar);* marcas de oralidade (***ei***).

Importante salientar que os segmentos de discurso interativo, nesse trecho, constituem uma variante dos tipos de discursos, posto que, a criação do mundo discursivo e a semiotização

do conteúdo mobilizado está relacionada ao mundo ordinário das personagens, e não do autor empírico Carlos Drummond de Andrade.

c) Discurso teórico

No mundo EXPOR, podemos encontrar também o **discurso teórico**, monologado e escrito, as coordenadas gerais de mundo são conjuntas (próximas do mundo dos agentes), mas, o ato de produção é autônomo (não apresenta marcas de agentividade, espaço, tempo) marcada pela ausência de nomes próprios, verbos e adjetivos em primeira e segunda pessoa do singular e do plural; ausência de dêiticos espaciais e/ou temporais, de ostensivos, de auxiliares de modo, de frases declarativas; ausência de verbos no tempo futuro; os tempos verbais dominantes são: presente e futuro do pretérito; presença de anáforas nominais; procedimentos metatextuais, intertextuais e intratextuais; com múltiplos organizadores com valor lógico-argumentativos; modalizações logicas; frases passivas, a maioria, trucada; densidade verbal fraca; e, densidade sintagmática elevada.

Vejamos as marcas linguísticas típicas de discurso teórico observadas em um trecho de uma crônica escrita por Carlos Drummond de Andrade para o *Jornal do Brasil*, intitulada *Ciao* (1984, p.1). No trecho, o narrador-expositor demonstra as vantagens de ser cronista em relação a outros profissionais do jornal, como o repórter e o editorialista.

> *Crônica tem **essa** vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, **forçado** a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem **a** faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que **ele** acontece; dispensa a especialização **suada** em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa.* (ANDRADE, 1984, p.1)

Nesse segmento de discurso teórico, o narrador-expositor apresenta sua concepção/argumentação acerca do conteúdo temático "crônica", abordando alguns privilégios que o cronista usufrui se comparado a outros profissionais do jornal. A ausência de ancoragem espaço-temporal, juntamente com a dominância de verbos no tempo presente, determina que o mundo discursivo construído pertence ao eixo do EXPOR - as coordenadas gerais de mundo estão conjuntas, próximas do mundo ordinário do agente produtor. Sua autonomia é marcada pela ausência de unidades linguísticas que façam referência ao (s) agente (s) produtor (es) e/ou ao (s) destinatário (s) – ausência de nomes próprios, de pronomes, de adjetivos e/ou verbos de primeira e segunda pessoa do singular ou do plural; ausência de frases interrogativas,

exclamativas e imperativas; de dêiticos espaciais ou temporais; e, de ostensivos. Dentre as unidades linguísticas constituintes desse tipo de discurso, nesse segmento verificamos a presença de: verbos no tempo presente (*obriga, exige, acontece, dispensa)*; anáforas pronominais e nominais (*a crônica tem* ***essa*** *vantagem/ não exige de quem* ***a*** *faz/ apuração do fato na hora mesma em que* ***ele*** *acontece)*; procedimentos metatextuais sobre o papel de cada categoria jornalística no ato de escrever: (*editorialista,* ***forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas****/ repórter,* ***responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece***); frases passivas (do *editorialista,* ***forçado*** *a definir uma posição.../ especialização* ***suada****)*. A compreensão do segmento de discurso teórico não exige conhecimento dos parâmetros da ação de produção.

d) Variantes, fronteiras e fusão do discurso teórico

Vimos que o discurso teórico é autônomo quanto às condições de produção e, portanto, não apresenta referências aos agentes produtor/receptor. Porém, Bronckart (1999, p. 190-191) adverte para as possíveis "variantes e fronteiras do discurso teórico".

1) A presença da assinatura do autor empírico no paratexto sugere pessoalidade e coloca em xeque a autonomia, a exemplo dos gêneros dicionário e enciclopédia. E, no gênero monografia cientifica, cujo objetivo é a exposição teórica, podem apresentar enunciados que remetem à própria atividade expositiva com marcas linguísticas típicas de discurso interativo. Quando essas marcas são delimitáveis no texto, teremos segmento de discurso teórico entrecortado por segmento de discurso interativo.

2) O discurso teórico e o discurso interativo podem se fusionar originando um tipo **misto interativo-teórico** caracterizado pela presença simultânea de unidades linguísticas dos dois tipos (BRONCKART, 1999, p. 192).

A crônica, devido a sua elasticidade e hibridismo, é um gênero capaz de comportar segmentos de todos os tipos e variantes dos tipos de discursos. Analisando a questão da assinatura do autor empírico nos paratextos dos gêneros, fato que também ocorre com a crônica, seja no jornal, livro ou antologia, poderá induzir o leitor a equivocadamente, relacionar o conteúdo temático ao mundo ordinário do agente produtor e, em consequência, comprometer sua compreensão e a interpretação.

Observemos o tipo *misto interativo-teórico* no trecho da crônica *Ciao* (1984), no qual o narrador-expositor apresenta e argumenta sobre alguns tipos de crônicas e de cronistas de acordo com o assunto específico que lhe serve de inspiração, ao mesmo tempo em que discute

de modo subjetivo o papel e a responsabilidade do cronista projetando-se enunciativamente ora de forma distanciada, autônomo e ora de forma implicada, com a propriedade de quem domina o assunto. No segmento, as marcas de discurso interativo, destaques sublinhados, e em negrito, as marcas de discurso teórico.

> *CIAO*
>
> *[...]*
>
> *Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., **mas** a crônica de que estou falando é **aquela** que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que cobramos dos **outros**. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito. **Claro** que ele **deve ser** um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, **porque** a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo. (ANDRADE, 1984, p.1)* **destaques nossos**

Observamos que ações de linguagem se efetuam para explicar e convencer ao leitor sobre as funções da crônica, e o papel do cronista ao abordar os diversos temas do cotidiano. O narrador-expositor traz informações que são ao seu ver, verdadeiras, incontestáveis, independentes da situação de produção, mas, ao mesmo tempo, na ausência imediata de um destinatário, o considera compartilhando da ideia expondo seu ponto de vista e antecipando suas objeções (*Sei bem/ O que lhe pedimos/compreendo/ seria pretensão*). Apresenta marcas linguísticas do discurso interativo (palavras sublinhadas) - pronomes e verbos em primeira pessoa relacionado ao narrador-expositor ([Eu] sei, estou, compreendo, [nós] pedimos, cobramos), e do discurso teórico (palavras em negrito) – os organizadores lógico-argumentativos (mas, porque), as modalizações lógicas (claro, deve ser), anáforas pronominais e nominais (a crônica de que estou falando é *aquela*/ Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que cobramos dos *outros*). Os dois tipos se fusionam, ou seja, não há uma delimitação clara de onde começa ou termina cada tipo.

Agora, vejamos um quadro comparativo das unidades linguísticas coocorrentes nos tipos de discursos do mundo do EXPOR, segundo Bronckart (1999).

Quadro 5: Unidades linguísticas coocorrentes nos tipos de discursos do mundo do EXPOR

	Discurso interativo	**Discurso teórico**
Quanto às coordenadas gerais e o ato de produção	Conjunto/Implicado	Conjunto/autônomo

Interação verbal/ inscrição dos interactantes	Presença de unidades que remetem à própria interação verbal; Marcas tipográficas e alternância de turnos de fala.	Ausência
	Nomes próprios, verbos, pronomes e adjetivos em primeira e segunda pessoa do singular e do plural.	Ausência
	Numerosas frases não declarativas (interrogativa, imperativa, exclamativa).	Ausência de frases não declarativas.
Exploração dos tempos dos verbos	Presente, pretérito perfeito e futuro (representando simultaneidade, anterioridade e posterioridade).	Dominância de Presente, futuro do pretérito, e ausência de futuro
Interação espaço e tempo	Presença de dêiticos espaciais e/ou temporais.	Ausência de dêiticos espaço-temporais e presença de dêiticos intratextual.
	Ostensivos	Ausência de ostensivos
Organizadores textuais	Anáforas pronominais	Anáforas pronominais e nominais
	Auxiliares de modo: poder/ querer/ dever	Ausência
	Ausência de modalizações lógicas e de procedimentos metatextuais, intertextuais ou intratextuais.	Modalizações lógicas/ Procedimentos metatextuais, intertextuais e intratextuais.
	Poucos	Múltiplos organizadores com valor lógico-argumentativo/ Presença de numerosas frases passivas, "passiva truncada"
Densidade sintagmática	Muito baixa	Elevada
Densidade verbal	Elevada	Densidade verbal fraca

Fonte: autora com base em Bronckart (1999, p. 167-173).

Os tipos de discursos do eixo do expor, discurso interativo (implicado) e discurso teórico (autônomo) se diferem pela presença/ausência das unidades linguística que caracterizam a implicação/autonomia. Na sequência veremos os tipos de discursos do eixo do narrar.

3.1.2 Os tipos de discurso (relato interativo e narração) e as possíveis variantes do eixo do NARRAR

a) Relato interativo

No **relato interativo**, quer seja em uma interação no plano do mundo ordinário – *relato interativo primário,* ou no plano do mundo ficcional – *relato interativo secundário,* as

coordenadas gerais de mundo são **disjuntas** (postas à distância do mundo dos agentes), e, **implicado** quanto ao ato de produção (apresenta marcas de agentividade, espaço, tempo). Dessa forma, no tipo relato interativo, a interação verbal ocorre em um espaço e tempo diferentes daqueles onde ocorreram os acontecimentos relatados, porém, os agentes se encontram implicados. A disjunção se caracteriza pela ancoragem espaço-temporal situada em outro lugar, perceptível pela presença de organizadores espaço-temporais; e a exploração dos verbos no tempo passado. Já a implicação se caracteriza pela presença de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, referindo-se diretamente aos agentes da interação verbal relatada.

Outras marcas linguísticas como: anáforas pronominais, às vezes associadas a anáforas nominais por repetição fiel; verbos no pretérito perfeito e imperfeito (marcando isocronia), e às vezes, mais-que-perfeito, futuro simples ou condicional (marcando heterocronia, projeção ou retroação e/ou contraste). Esse tipo de discurso confere um papel monologado, não apresentando frases interrogativas, exclamativas e imperativas.

No *relato interativo primário*, presente nos gêneros originalmente orais, como depoimentos dados em entrevista, as coordenadas gerais são relacionadas ao mundo ordinário dos agentes implicados na ação de linguagem. Já no *relato interativo secundário*, presente nos gêneros originalmente escritos, como nos romances e crônicas, as coordenadas gerais fazem referências ao mundo ordinário dos personagens da interação posta em cena. Para Bronckart (1999, p.194), os segmentos relatados "são quase sempre encaixados em segmentos de discurso interativo". A compreensão dos segmentos de relato interativo depende do discurso principal que o engloba.

Observemos as marcas linguísticas que configuram o tipo de discurso *relato interativo* em um segmento extraído da crônica *Como Comecei a Escrever* (1980, p. 6). Essa crônica apresenta um relato pessoal que tematiza a história do autor e o desenvolvimento do gosto pela palavra escrita, relatando que seu interesse pelas palavras começou pelo fascínio por gravuras coloridas que implementavam as páginas do *suplemento de domingo* do jornal *Gazeta*, representada pelo narrador. O texto inicia com um segmento de *narração* que contextualiza e ilustra o cenário onde se desenvolveram os acontecimentos relatados "por volta de 1910 (...) interior do Brasil". A compreensão do segmento de *relato interativo* dependente das informações fornecidas no discurso narração. Vejamos:

> Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão, e o cinema chegava ao interior do Brasil uma vez por semana aos domingos. As notícias do mundo vinham pelo jornal, três dias depois de publicadas no Rio de Janeiro.

> *Papai era assinante da Gazeta de Notícias, e* ***antes*** *de aprender a ler* ***eu*** *me sentia fascinado pelas gravuras coloridas do suplemento de Domingo. Tentava decifrar o mistério das letras* ***em redor*** *das figuras, e mamãe* ***me*** *ajudava* ***nisso***. ***Quando*** *fui para* ***a escola*** *pública,* ***já*** *tinha a noção vaga de um universo de palavras que era preciso conquistar.*
>
> ***Durante*** *o curso,* ***minhas*** *professoras costumavam passar exercícios de redação. Cada um de* ***nós*** *tinha de escrever uma carta, narrar um passeio, coisas* ***assim***. *Criei gosto por esse dever, que* ***me*** *permitia aplicar para determinado fim o conhecimento que ia adquirindo do poder de expressão contido nos sinais reunidos em palavras.* (ANDRADE, 1980, p. 6, grifos nossos).

A configuração desse tipo de discurso é marcada pelas marcas linguísticas que constituem o mundo disjunto e implicado. Nesse segmento, a disjunção se caracteriza pela presença de verbos no passado (*era, sentia, tentava, ajudava, fui, tinha, costumavam, criei, permitia, ia*), e a implicação, pela presença de unidades linguísticas que remetem aos agentes na interação relatada, pronomes e adjetivos em primeira pessoa (*eu, me, minhas*), organizadores espaciais (em redor, a escola), organizadores temporais (*antes, quando, já, durante*), também, por anáforas pronominais e, às vezes, nominais ([aluno] *nós*/ decifrar o mistério das letras (...) me ajudava *nisso/* narrar um passeio, coisas assim).

Enfatizamos que o conteúdo temático, mesmo evidenciando fatos e acontecimentos relacionados ao mundo ordinário do autor Carlos Drummond de Andrade, sua apresentação discursiva é realizada mediante a criação de um mundo discursivo onde o narrador assume a responsabilidade sobre os ditos proferidos. Na crônica citada a figura do autor coincide com a figura do narrador que realiza um relato interativo.

b) Narração

Na **narração**, segundo Bronckart (1999, p. 178), as coordenadas gerais de mundo são **disjuntas**, a atividade narrativa se desenvolve a partir de uma origem espaço-temporal explicita ou não, indicando que os acontecimentos narrados se desenvolveram em um espaço-tempo diferentes daqueles onde se efetua a interação verbal. É **autônomo** quanto ao ato de produção, não apresenta unidades linguísticas que remetem à própria interação verbal, ausência de pronomes e adjetivos de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural. Geralmente escrito, e sempre monologado, "comporta apenas frases declarativas". Apresenta organizadores temporais; anáforas pronominais, e anáforas nominais, geralmente, na forma de uma retomada do termo antecedente ou substituição lexical; explora os tempos verbais: pretérito perfeito e imperfeito (marcam isocronia e contraste), mais-que-perfeito (marcam retroação) e futuro do pretérito (marcam projeção); com media densidades verbal e sintagmática.

Observemos as marcas linguísticas de narração em um segmento extraído da última crônica intitulada *Ciao* publicada na seção *Suplemento Cultural*, no *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, em 29 de setembro de 1984. Momento em que o escritor, aos 81 anos de idade, despede-se dos leitores e do jornal com o qual contribuiu de outubro de 1969 até a data da publicação. O termo *CIAO*, utilizado no título da crônica, é um vocábulo italiano com valor semântico semelhante ao tchau brasileiro, e, anteriormente utilizado pelo autor. A exemplo, no livro *Boca de Luar* (1984), a palavra aparece em três crônicas: *O velho*, *Declarações à colegial que veio entrevistar-me* e *Frívolo Cronista*. Em *Frívolo Cronista* (1984), o "ciao" marca o encerramento do texto e da interação que estabelecia, mesmo que fictícia, com um leitor específico, do Rio Grande do Norte. Já na última crônica, o "ciao" abrange um público maior, todos os leitores do JB. No texto o autor declara que "a tarefa do croniqueiro estreado no tempo de Epitácio Pessoa (algum de vocês já teria nascido nos anos a.C. de 1920? duvido) não foi penosa e valeu-lhe algumas doçuras".

> ***CIAO***
>
> ***Há 64*** *anos, um adolescente fascinado por papel impresso notou que, no andar térreo do prédio onde morava, um placar exibia* ***a cada manhã*** *a primeira página de um jornal modestíssimo, porém jornal. Não teve dúvida. Entrou e ofereceu os seus serviços ao* ***diret****or, que era, sozinho, todo* ***o*** *pessoal da redação. O homem olhou-****o****, cético e perguntou:*
>
> *(...)*
>
> ***O diretor****, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer o jornal para* ***ele****, praticamente de graça, topou. Nasceu* ***aí****, na velha* ***Belo Horizonte*** *dos* ***anos 20****, um cronista que* ***ainda hoje****, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas croniquices.*
>
> *(...)*
>
> *As duas grandes casas do jornalismo brasileiro ele se orgulha de ter pertencido ao extinto Correio da Manhã, de valente memória, e o Jornal do Brasil, por seu conceito humanístico da função da Imprensa no mundo.*
>
> ***Quinze anos*** *de atividade no primeiro e* ***mais 15****, atuais, no segundo, alimentarão as melhores lembranças do velho jornalista. (ANDRADE, 1984, p.1).*

No texto, o autor cria um mundo discursivo posto à distância dos agentes da interação verbal. A disjunção é explicitamente marcada pela ancoragem espaço-temporal "*Há 64 anos*", "*Belo Horizonte dos anos 20*". Nesse mundo disjunto, o narrador discorre em terceira pessoa causando um efeito de distanciamento. Monologado, não apresenta frases não declarativas, nem unidades linguísticas que remetam diretamente ao agente produtor C. D. A. ou aos seus destinatários, leitores de crônicas no *Jornal Brasil*, caracterizando a autonomia.

Além da disjunção e autonomia, o tipo de discurso *narração* apresenta organizadores temporais (*um placar exibia* ***a cada manhã****/ um cronista que* ***ainda hoje/ Quinze anos*** *de*

atividade no primeiro e ***mais 15***, ***atuais***...); anáforas pronominais (*ofereceu os seus serviços ao* ***diretor****, que era, sozinho, todo* ***o*** *pessoal da redação/ olhou-****o*** *cético/ O* ***diretor****, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer o jornal para* ***ele***); e anáforas nominais por substituição lexical (*A duas* ***grandes casas do jornalismo brasileiro*** *ele se orgulha de ter pertencido ao extinto* ***Correio da Manhã****, de valente memória, e o* ***Jornal do Brasil*** */* ***Quinze anos*** *de atividade no primeiro e* ***mais 15****, atuais*).

c) Variantes de *Narração*

Bronckart (1999, p. 195-200) aponta duas possibilidades de *variantes da narração*: 1) marcas de primeira pessoa - os segmentos apresentam propriedades específicas da narração (origem espaço-temporal, organizadores temporais, subsistema dos tempos narrativos etc.), e comportam marcas de primeira pessoa, (mas nunca de segunda pessoa). Ao considerar as propriedades da narrativa: narrador, personagens, tempo da narrativa, percebe-se que essas dêixis remetem não ao mundo ordinário do autor empírico, mas sim, ao narrador ou aos personagens criados no mundo narrativo; 2) a mobilização de verbos no tempo presente - os segmentos apresentam propriedades específicas da narração como origem espaço-temporal, organizadores temporais, ausência de dêixis externa etc, mas, apesentam verbos no tempo presente. Segundo Bronckart (1998, p. 198), os verbos no tempo presente em segmentos de narração podem ser:"ocorrências locais de presente, ou têm como tempo de base uma forma de presente, chamada de presente histórico, presente de narração ou presente dramático. (...) o presente histórico tem um valor temporal exclusivamente interno" p.198-200). Como no segmento "ainda hoje, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas croniquices" (ANDRADE, 1984, p. 6). Porém, a mobilização do tempo presente na narrativa pode se caracterizar como variante de narração "quando o fio da atividade narrativa coincide estritamente com o da diegese (...) excluindo quase totalmente qualquer possibilidade de retroação e de projeção" (BRONCKART, 1999, p.198-200).

Quadro 6 - Unidades coocorrentes nos discursos do mundo do NARRAR

	Relato interativo	**Narração**
Quanto às coordenadas gerais e o ato de produção	Disjunto/implicado	Disjunto/autônomo
Interação verbal	Presença de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural.	Ausência de pronomes e adjetivos de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural.
	Ausência de frases declarativas	Presença de frases declarativas

Interação espaço e tempo	Presença de organizadores espaço-temporais.	Presença de organizadores temporais
Exploração dos tempos dos verbos	Pretérito perfeito e imperfeito (marcam isocronia), e às vezes, mais-que-perfeito, futuro simples ou condicional (marcam heterocronia, projeção ou retroação e/ou contraste).	Pretérito perfeito e imperfeito, (marcam isocronia e contraste), Mais que perfeito composto (marcam retroação) e futuro do pretérito e formas complexas (marcam projeção).
Organizadores textuais	Presença dominante de anáforas pronominais, às vezes associadas a anáforas nominais por repetição fiel.	Presença conjunta de anáforas pronominais e de anáforas nominais, estas últimas apresentando-se geralmente na forma de uma retomada do sintagma antecedente, substituição lexical.
Densidade verbal	Elevada	Média (a meio caminho entre a do discurso interativo e a do discurso teórico).
Densidade sintagmática	Baixa	Média

Fonte: autora com base em Bronckart (1999, p. 198-200).

Conforme Bronckart (1999, p.197), ao analisar segmentos de narração é importante distinguir as propriedades do contexto (parâmetros do mundo físico, social e subjetivo), e as do próprio texto considerando as características do mundo narrativo, para assim, evitar atribuir as ações de linguagem que se efetuam no mundo discursivo criado, realizadas pelo narrador, ao mundo ordinário do autor empírico. O narrador é uma criação do autor e corresponde a uma das propriedades do mundo narrativo. Podendo este atuar como **observador**, posicionando-se externo às instâncias de agentividades postas em cena na narração, e assim, narrar os fatos e ações em terceira pessoa do singular ou do plural, verbalizando os personagens pelos nomes próprios, adjetivos e pronomes de terceira pessoa. O narrador pode, também, investir-se em um personagem e apresentar-se implicado aos acontecimentos e ações, e assim, desenvolver a narrativa em primeira pessoa, o **narrador-expositor**. As referências dêiticas verbalizadas referem-se não ao autor empírico e à sua ação de linguagem, mas sim, ao mundo dos personagens representados, ainda que, a personificação do narrador seja semelhante ao próprio autor empírico como ocorre no gênero autobiografia.

Quanto à validação dos conteúdos mobilizados, estes dependem da relação que estabelece com as "regras em vigor no mundo ordinário", podendo ser facilmente avaliados ou interpretados, quando os mundos são "construídos no quadro dos gêneros históricos", narrar-realista. Já quando os mundos são construídos no quadro dos gêneros ficcionais, o "conteúdo pode apenas ser parcialmente sujeito a uma tal avaliação" (BRONCKART, 1999, p. 154).

Vimos as classificações dos tipos de discursos e suas possíveis variantes e fusões apresentaremos as formas como esses tipos podem se articular no texto.

3.1.3 Modos de articulação dos tipos de discursos

Os tipos de discursos são segmentos constituintes dos textos, assim, cada gênero de texto mobiliza ao menos um tipo de discurso. Pela diversidade dos gêneros e os limitados tipos de discursos, mesmo havendo um tipo predominante para determinado gênero, uma "relativa estabilidade", é possível em um mesmo gênero de texto um único tipo ou diferentes tipos de discursos. Sendo um texto heterogêneo em discursos, sua articulação pode ocorrer por duas formas: encaixamento e/ou fusão.

Encaixamento – quando um *discurso interativo secundário* se encaixa ao um outro tipo discurso chamado de *discurso principal* por marcas/indicações próprias do *discurso direto* como: verbos de dizer no discurso principal, e por procedimentos tipográficos como travessões, pontuação, mudança de linha, etc. O discurso encaixado geralmente depende do discurso principal, encaixante para o introduzir e elucidar o mundo discursivo criado. E, ambos mantêm suas propriedades linguísticas específicas. Vejamos alguns exemplos de articulação por encaixamento na crônica *Ciao* (1984):

> Olhou-o cético, e **perguntou**:
>
> – *Sobre o que pretende escrever?*
>
> – *Sobre tudo. Cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível.*
>
> *(...)*
>
> ...como a lhe **dizerem**: ***"****É para você não ficar metido a besta, julgando que seus comentários passarão à História****"***

No trecho, os seguimentos de narração ilustram e introduzem a interação na qual se desenvolveu o discurso interativo, que pode ser, como mostra no exemplo: dialogado, expresso através do discurso direto, introduzido pelos verbos **perguntou** e a lhe **dizerem**; e, pelos elementos tipográficos **dois pontos** (:), o **travessão** (–), e **aspas** (" "), ou monologado, por meio do discurso indireto, ou do discurso indireto livre.

Em muitas situações discursivas é difícil de estabelecer uma fronteira onde começa e onde termina um tipo de discurso, apresentando-se então, fusionados. Na *fusão*, marcas de implicação e marcas de autonomia se integram desde o nível da frase constituindo um tipo misto de discurso. Segundo Bronckart (1999, p. 193), pode ocorrer fusão nos tipos de discursos da ordem do EXPOR, caracterizada "pela presença simultânea de subconjuntos de unidades

características do *discurso interativo* e do *discurso teórico*", constituindo o tipo *misto interativo-teórico*.

Já nos tipos de discursos da ordem do NARRAR, ou o mundo discursivo é autônomo quanto ao ato de produção – *narração,* ou é implicado – *relato interativo*. Podendo ocorrer inserções locais de segmentos de narração em relatos interativos. Contudo, o autor reconhece que pode haver articulação por fusão entre *narração* e *discurso teórico* no gênero monografia científica e em obras históricas constituindo um tipo *misto narrativo-teórico*. E, no gênero autobiografia, por comportar os estatutos de autor, de narrador e de personagem-herói, pode apresentar alterações na condução da narrativa provocando um intercruzamento dos mundos discursivos, aproximando da fusão.

Nas crônicas, a criação do mundo discursivo e a configuração dos tipos de discursos dependem da forma como autor empírico mobiliza e organiza o conteúdo temático em relação ao narrador ou aos personagens, e a forma como estes se inscrevem no texto, se são verbalizados ou não, juntamente, com a inscrição espaço-temporal. Ou seja, a crônica pode comportar os quatro mundos discursivos (expor implicado, expor autônomo, narrar implicado e narrar autônomo).

Observamos que os tipos de discursos e suas variações estão articulados com as sequências textuais que atuam em conjunto para a organização do conteúdo temático nos textos empíricos.

3.2 A ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO E A MARCAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS

Há uma pluralidade de conteúdos e de formas possíveis de relacioná-los e adequá-los à situação comunicativa pretendida. Tais possibilidades requerem dos agentes mobilizações de capacidades de linguagem que perpassam os parâmetros do contexto, o conteúdo e a escolha do gênero, a organização discursiva e os recursos linguísticos que se articulam para compor os enunciados.

A organização do conteúdo temático em um texto, seja linear ou não, se dá mediante à marcação das sequências, que assim como os tipos de discursos, constituem a infraestrutura textual como "formas de planificação possíveis, mas não necessárias, dos tipos de discurso" (BRONCKART, 2010, p. 171). Para elucidar essa questão, Bronckart (1999/2010) baseia-se em Adam (1990, 1991a, 1991b, 1992) e aponta os cinco tipos de sequências por ele propostas: argumentativa, descritiva, dialogal/injuntiva, explicativa e narrativa, revisa-as e reorganiza suas

caracterizações, em seguida, apresenta os *scripts* e esquematizações, como outras formas de planificação.

Na **sequência Narrativa**, o autor coaduna com o modelo proposto por Labov e Waletzky (1967), o qual defende como padrão. Para os autores a **narração** é uma sequência linear marcada por começo, meio e fim. O conteúdo se organiza:

- Situação inicial; ações; resolução; situação final; avaliação; moral; sendo que as duas últimas dependem do posicionamento do narrador.

Observa-se essas marcações na organização da crônica *Como Comecei a Escrever*, a qual está estruturada em cinco parágrafos. A *situação inicial* é marcada no primeiro parágrafo, um relato linear de como era a vida no interior, em 1910, quando não havia rádio e televisão e as notícias do mundo vinham pelo jornal.

> Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão, e o cinema chegava ao interior do Brasil uma vez por semana aos domingos. As notícias do mundo, três dias depois de publicadas no Rio de Janeiro. Se chovia a potes, a mala do correio aparecia ensopada, uns sete dias mais tarde. Não dava para ler o papel transformado em mingau (ANDRADE, 1980, p. 6).

As *ações* estão distribuídas nos três parágrafos seguintes:

> Papai era assinante da Gazeta de Notícias, e antes de aprender a ler eu me sentia fascinado pelas gravuras coloridas do suplemento de Domingo. Tentava decifrar o mistério das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso. Quando fui para a escola pública, já tinha a noção vaga de um universo de palavras que era preciso conquistar.
> Durante o curso, minhas professoras costumavam passar exercícios de redação. Cada um de nós tinha de escrever uma carta, narrar um passeio, coisas assim. Criei gosto por esse dever, que me permitia aplicar para determinado fim o conhecimento que ia adquirindo do poder de expressão contido nos sinais reunidos em palavras. Daí por diante as experiências foram se acumulando, sem que eu percebesse que estava descobrindo a leitura. Alguns elogios da professora me animavam a continuar. Ninguém falava em conto ou poesia, mas a semente dessas coisas estava germinando. Meu irmão, estudante na Capital, mandava-me revistas e livros, e me habituei a viver entre eles. Depois, já rapaz, tive sorte de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.

No quinto parágrafo está a *resolução* e a *avaliação:*

> Então começou uma fase muito boa de troca de experiências e impressões. Na mesa do café-sentado (pois tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado) eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam. Eles também sacavam seus escritos, e eu tomava parte nos comentários. Tudo com naturalidade e franqueza.

Avaliação, "Aprendi muito com os amigos, e tenho pena dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica".

Na **sequência argumentativa,** o autor utiliza a caracterização proposta pela escola de Grize (1984). Essa sequência tem como início um tema complexo gerador da polêmica sobre o qual se desenvolvem pontos de vistas divergentes que exigem elementos que fundamentam ou refutam. O conteúdo se organiza em quatro fases:

- Premissas (exposição da tese); argumentos (elementos que respaldam e defendem o ponto de vista assumido); contra-argumentos (elementos que ampliam ou restringem, justificam ou refutam os argumentos); conclusão (o resultado, o efeito dos argumentos e dos contra-argumentos que podem ser satisfatórios ou originar uma nova tese). Observemos no trecho da crônica *O Frívolo Cronista* (1984),

Premissa - "O inútil tem sua forma particular de utilidade";

Argumentos – *"*É a pausa, o descanso, o refrigério do desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade"

Contra-argumentos – "exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. "

Conclusão – "Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões de vida".

A **sequência explicativa** origina-se a partir de um dado ou fenômeno incontestável, mas que carece de explicação, explanação das causas e/ou dos efeitos. Podendo ser organizada em quatro fases:

- Constatação inicial (apresentação de um fenômeno incontestável); problematização (questionamentos acerca do fenômeno apresentado: porque, como); resolução (respostas aos questionamentos, elementos); conclusão e avaliação (entendimento sobre o qual reformula e complementa a constatação inicial). Observe um exemplo de sequência explicativa no trecho da crônica *Ciao* (1984):

Constatação inicial – "Crônica tem essa vantagem: "

Problematização – "não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; "

Resolução – "dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa".

Conclusão e avaliação – "Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo".

A **sequência descritiva** apresenta uma ordem hierárquica ou vertical, não necessariamente linear, que se desenvolve em três fases:

- Ancoragem (marcação do tema, geralmente, um tema-título, *ancoragem*, quando aparece no início; *afetação*, quando no final; e *reformulação*, quando no decorrer e é retomado durante a sequência); aspectualização (decomposição e caracterização dos aspectos ou elementos do tema-título); relacionamento (os elementos descritos se relacionam a outros por comparação ou metáforas), como podemos ver a seguir:

Ancoragem – *"*Sei bem que existem o cronista. "

Aspectualização – *"*político, o esportivo, o religioso, o econômico etc."

Relacionamento – "mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo." (sequência extraída de *Ciao* (1984)).

Quando os segmentos descrevem ações, instruções ou procedimentos são chamados de **injuntivos**, têm como finalidade fazer agir e se organizam nas mesmas três fases da sequência explicativa. Uma simples enumeração das partes é chamada de grau zero da descrição.

A **sequência dialogal** é marcada pela interação verbal situada, presente em segmentos de discurso interativo primário ou secundário, na qual ocorre implicação dos parâmetros físicos da ação de linguagem em curso, (quer sejam relacionadas ao (s) agente (s) ordinário (s) ou às personagens postas em cena) e se alteram os turnos de fala produzindo um texto coerente. Suas fases são:

- Abertura (o embreamento da interação, início do contato, geralmente, por meio de saudações); transacional (frequência co-construtora do conteúdo temático); encerramento (fim da interação).

O último parágrafo da crônica O *Frívolo Cronista* exemplifica esse tipo de sequência:

Abertura – "Meu leitor (ou ex-leitor) mato-grossense-do-norte, (...)"

Transacional – "não me queira mal porque não alimento a sua fome de conceitos graves, eu que me cansei de gravidade, espontânea ou imposta, e pratico o meu número sem pretensão de contribuir para o restauro do mundo. O sábio citado por Goethe me justifica, absolve e até premia. Eu disse no começo que não estou para brincadeira? Mentira; foi outra frivolidade. "

Encerramento – “Ciao. ”

O ***script*** é uma forma de planificação dos segmentos da ordem do NARRAR, quando nas sequências narrativas expõe os fatos em ordem cronológica sem gerar nenhuma tensão.

A **esquematização** representa o grau zero da planificação dos segmentos da ordem do EXPOR. Quando o texto é simplesmente informativo ou expositivo, não apresentando objetos de contestação ou problemáticas.

Todo texto é constituído por uma ou mais sequências que se articulam por múltiplos encaixamentos e mesclas. O que determina o tipo de sequência é a forma como é organizado o conteúdo temático em cada uma delas. Visto que, sua escolha depende do conhecimento/representação que se tem sobre o destinatário, e as intenções e finalidades pretendidas pelo agente-produtor (BRONCKART, 2003).

3.3 OS MECANISMOS DE TEXTUALIZAÇÃO E OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS

Os **mecanismos de textualização** são os elementos responsáveis pela coerência textual. São *os mecanismos de conexão*, os organizadores textuais e argumentativos que exercem as funções de segmentação (delimitação das partes do texto), demarcação ou balizamento (articulação das fases de uma sequência), e empacotamento (integração de duas ou mais frases, seja por ligação, conjunções coordenadas, ou por encaixamento, conjunções subordinadas), e exercem também, valores temporais, espaciais e lógicos; *os mecanismos de coesão nominal*, anáforas pronominais e anáforas nominais que exercem a função de retomada no texto; e *os mecanismos de coesão verbal* que asseguram a organização temporal dos acontecimentos ou ações verbalizadas no texto (BRONCKART, 2003).

Os **mecanismos enunciativos** são responsáveis pela coerência pragmática do texto: as vozes e as modalizações. As *vozes* são entidades representantes que assumem a responsabilidade do que é enunciado. Bronckart (1999) destaca a existência de três vozes que podem se articular constituindo uma polifonia: a voz do autor empírico (o próprio autor do texto tece comentários e avaliação sobre o que é enunciado no texto); vozes sociais (as vozes de outras pessoas/instituições fora do texto, mas que avaliam o conteúdo temático); vozes das personagens (vozes de pessoas/personagens implicadas no texto); polifonia (várias vozes). As *modalizações* são as avaliações, julgamentos e opiniões sobre o que é enunciado. As modalizações determinam o valor/posicionamento que é atribuído a alguns aspectos temáticos

observáveis no texto, diretamente relacionadas aos mundos objetivo, social, subjetivo e discursivo, portanto, quatro tipos de modalizações:

Lógica – avalia verdades sobre o que é enunciado, julgando como certo, provável, improvável... por exemplo: é óbvio que..., certamente, improvável, impossível etc.

Deôntica – os valores sociais, interações socialmente reguladas, o que é ou não permitido, expressões de: poder, dever, obrigação, necessidade, ser preciso...;

Apreciativas – expressam valores subjetivos, é a opinião do avaliador, se é bom, ruim..., expressões como: infelizmente, lamentável, felizmente, ainda bem...

Pragmática – revela a responsabilidade enunciativa tanto do mundo objetivo quanto do mundo subjetivo (às vezes, se fundem dificultando sua distinção), geralmente marcada pelos auxiliares de modo: poder, querer, é preciso, é necessário...

Segundo Bronckart (1999), as funções das modalizações não estão diretamente relacionadas aos tipos de discursos, mas a aspectos do gênero textual. Há textos que apresentam várias modalizações, em outros são raras, e ainda, há textos que não apresentam nenhum tipo de modalização.

3.4 DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL E A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O ISD, em uma de suas vertentes, a *Didática da Língua* investiga os usos de gêneros textuais para aprendizagem de língua materna, no contexto da Suíça, o francês (Schneuwly; Dolz, 2004), e no Brasil, para o ensino do português (Machado; Abreu-Tardelli; Lousada, 2004a; 2004b; 2005; 2007; Machado, 2001; 2005; Nascimento, 2011; Barros, 2012; Abreu-Tardelli; Apostolo, 2018), e depreende que o ensino e aprendizagem de uma língua deve ser mediado por meio de textos ou melhor de gêneros de textos, produtos concretos da ação de linguagem.

Os gêneros são ao mesmo tempo, produtos das vivências culturais e sociais e instrumento didático, unidade de interação que vai além da comunicação, de sua estrutura, estilo ou forma, "são entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa" (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Os gêneros de texto funcionam como instrumentos mediadores do ensino e aprendizagem não apenas nas aulas de Língua portuguesa, mas de qualquer disciplina, pois, são produto de todas as ações de linguagem. São "artefatos culturais" (NASCIMENTO, 2011) que possibilitam a "inserção prática dos indivíduos nas atividades comunicativas humanas"

(MACHADO, 2005, p.251). São meios pelos quais as práticas de linguagens se concretizam e as capacidades linguísticas se desenvolvem e ampliam-se.

Ao interagir por meio de um gênero o agente necessita "adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidades de ação, CA); mobilizar os modelos discursivos (capacidades discursivas, CD); dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursivas, CLD)" (DOLZ; SCHNEUWLY; 2004, p. 52). Essas capacidades extrapolam as dimensões do gênero.

Marcuschi (2008) destaca a responsabilidade do professor de língua materna e o convida a ensinar a língua por meio de gêneros textuais, situações reais de linguagem. Para ele, a "aula de língua materna é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente interno ao sistema da língua e vai além da atividade comunicativa e informacional" (MARCUSCHI, 2008a. p. 173).

Carla V. Coscarelli (2007) atenta para a importância e o cuidado ao trabalhar com os gêneros textuais. O gênero não deve ser visto fora do contexto, da situação linguageira que o originou. Além disso, o professor precisa estar atento para não cair na velha prática de utilizar o gênero de texto como pretexto para ensinar sobre o gênero ou sobre a língua e suas estruturas com fim em si mesmo. Um único gênero pode ser explorado sob diversos aspectos. Porém,

> Classificar e listar as características de um gênero, no entanto, não parece ser o mais relevante. É preciso que os estudantes percebam a finalidade do texto, bem como os recursos linguísticos usados e o efeito de sentido que visam provocar. É preciso, muitas vezes, que eles identifiquem quem está falando no texto, para quem, em que situação e com que objetivo. É preciso que percebam a ironia ou o humor, quando o autor lança mão desses elementos, é preciso que a metáfora seja compreendida metaforicamente. É preciso estabelecer a relação entre o texto e os recursos não-linguísticos usados no texto, entre muitas outras operações de construção de sentido que o leitor precisa fazer para compreender o texto (COSCARELLI, 2007, p. 83).

É com base na complexidade que se estabelece e perpassa uma ação de linguagem efetivada em gêneros de texto (produção, compreensão, interpretação), que se justifica a pertinência do trabalho sistematizado em torno de um gênero a ser ensinado/aprendido. De acordo com Bronckart (2006),

> Não podemos nunca aplicar *diretamente* na Escola os novos conhecimentos científicos, qualquer que seja seu grau de pertinência e de seu interesse: primeiro, porque, necessariamente, os conhecimentos científicos têm de ser selecionados, transformados e simplificados para poderem ser compreendidos pelos alunos... e pelos professores; segundo, porque esses conhecimentos, por princípio, são incompletos e hipotéticos, o que faz, inevitavelmente, com que a Escola tenha de suprir essas lacunas e que, pelo menos em parte, tenha de construir um saber cujo estatuto é de natureza propriamente escolar (BRONCKART, 2006, p. 205).

Nesse panorama, o ISD defende a importância da didatização do gênero, contornar os conhecimentos/saberes científicos e transformá-los em saberes a serem ensinados. “A esse processo de transição entre o conhecimento científico do objeto de ensino e o conhecimento didatizado, a literatura vem denominando *transposição didática*” (BARROS, 2012, p. 12).

Para que um gênero, a princípio comunicativo, torne-se instrumentos de ensino e aprendizagem no contexto da sala de aula os pesquisadores de Genebra desenvolveram a metodologia da “engenharia didática” que visa elaborar/organizar materiais/dispositivos que favoreçam a “transposição didática”. Assim, para que os gêneros funcionem como instrumentos ou “megainstrumentos” no processo de ensino aprendizagem é imprescindível a elaboração e/ou utilização de um “modelo didático”, que na concepção de Schneuwly e Dolz (2004, p. 81) deve apresentar três princípios importantes:

Princípio da legitimidade – investigação dos conhecimentos teóricos já conceituados cientificamente e que devem ser apropriados pelo professor, para a partir daí poder delimitar, dimensionar os elementos ensináveis, as características típicas e atípicas;

Princípio da pertinência – seleção dos conteúdos a serem ensinados/aprendidos com base nas necessidades especificas dos alunos, nos objetivos educacionais, e, nas especificidades que fazem com que se priorize um conhecimento/conteúdo em detrimento de outro.

Princípio da solidarização – organização sistemática dos saberes a serem ensinados em razão dos objetivos almejados.

É através do processo de elaboração, organização ou adaptação do modelo didático que o professor/pesquisador toma conhecimento das dimensões e das potencialidades da ação por meio da apropriação de tal gênero, e planeja as atividades especificas de acordo com as capacidades de linguagem a serem desenvolvidas nos alunos.

Abreu-Tardelli e Apostolo (2018) depreendem que:

> o modelo didático de gêneros textuais possibilita o levantamento das características ensináveis de um determinado gênero textual e, dessa forma, funciona como base de um processo de transposição didática, no qual se transformam os saberes em função de um objetivo: o ensino-aprendizagem de língua. É desse modelo que se originam as sequências didáticas criadas e/ou adaptadas a cada contexto de sala de aula que irão orientar o trabalho com os alunos. O modelo didático pode ser compreendido, dessa forma, como um “megainstrumento” de trabalho para o professor, para auxiliá-lo nas atividades a serem desenvolvidas com os alunos (...) (ABREU-TARDELLI; APOSTOLO, 2018, p. 368).

O modelo didático apresenta finalidades de cunho cientifico, didático-metodológico e avaliativo, tanto das capacidades de linguagem a serem desenvolvidas nos alunos, quanto dos resultados efetivamente alcançados, das inferências no trabalho do professor-pesquisador que

fomentam a planificação mais consciente das atividades a serem desenvolvidas consoantes com os objetivos e necessidades específicas.

Schnewly e Dolz (2004, p.82) justificam o modelo didático de gênero para o ensino de línguas enfatizando dois pontos primordiais:

1. ele se constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores;
2. ele evidencia as dimensões ensináveis, com base nas quais diversas sequências didáticas podem ser concebidas.

Segundo Cristóvão (2002), um modelo didático deve contemplar:

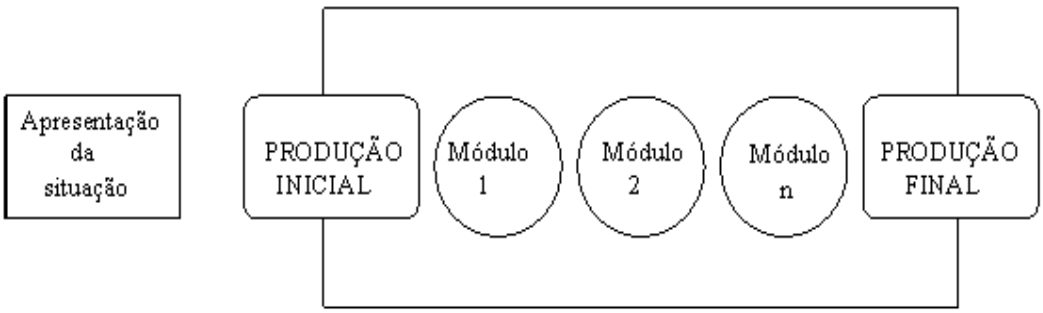
> a) resultados de aprendizagem expressos por documentos oficiais e da determinação das capacidades reveladas pelos alunos;
> b) conhecimento dos experts daquele gênero e conhecimentos linguísticos do gênero;
> c)Capacidade de linguagem dos alunos.
> [...] O modelo didático visa apontar, segundo o que é ensinável, às capacidades de linguagem que poderão ser desenvolvidas a partir do trabalho com os textos pertencentes a gêneros específicos que circulam em nosso meio (CRISTÓVÃO, 2002, p. 43-44).

É a partir do modelo didático que são elaboradas as sequências didáticas (atividades a serem desenvolvidas para ensinar os conhecimentos selecionados). O processo de organização/elaboração da sequência didática deve ocorrer de modo espiral, a princípio, descendente, do geral para as especificidades, e depois, espiral-ascendente, as especificidades estudadas separadamente se organizam para compor o gênero de texto com todas suas dimensões. Ao desenvolver as atividades, na prática, permite-se observar, intervir e confrontar os saberes, avaliar os avanços e a efetivação da aprendizagem.

Uma "Sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. " Com o propósito de "favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação" (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 96-97).

Conforme os autores, uma sequência didática deve ser desenvolvida em etapas: a apresentação da situação, a produção inicial, a elaboração dos módulos e a produção final**.** Cabe ressaltar que a SD projetada pelos autores é condizente aos desafios da produção escrita, portanto, para a leitura, sugere-se adaptação.

Quadro 7: Esquema da sequência didática



Fonte: DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 83.

Na apresentação da situação, os alunos tomarão conhecimento da proposta, o gênero textual em estudo e as dimensões ensináveis, bem como, os objetivos e as capacidades de linguagem a serem desenvolvidas. Para tanto, abre-se o diálogo buscando identificar o que os alunos já sabem: características contextuais de produção e recepção (quem escreve, para quem, em qual papel social se encontram, qual a relação socioafetiva estabelecida, sobre o que, quais os conteúdos típicos do gênero, finalidades, propósito comunicativo, qual suporte e esfera de circulação); Características típicas do gênero (organização, o tamanho, a estrutura, o tipo de linguagem); e, as unidades linguísticas que o semiotizam, típicas do gênero. Em suma, "A fase inicial de apresentação da situação permite, portanto, fornecer aos alunos todas informações necessárias para que conheçam o projeto comunicativo visado e a aprendizagem de linguagem a que está relacionado" (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.100).

Para propiciar o acesso a tais informações, o professor pode orientar pesquisas (usando a internet pelo celular ou computador), ou apresentar/explicitar o modelo didático do gênero referente através de *slides*, *datashow* ou impresso; propor a leitura de um conjunto de textos do mesmo gênero, de modo que, os aprendizes possam confrontar suas hipóteses, perceber as semelhanças e diferenças, e principalmente, perceber a importância de aprender o gênero, reconhecer seu valor social. Pois, sabemos que toda ação de linguagem é motivada pela atividade de linguagem que a antecede e os gêneros mesmo utilizados com função pedagógica, são antes, unidades de comunicação.

Produção inicial/leitura inicial – consiste na primeira atividade prática, exercitando o que foi exposto na apresentação inicial. É com base nos resultados dessa produção/leitura que o professor melhor redireciona suas atividades, toma ciência de quais conhecimentos já foram apropriados e quais merecem maior atenção. Para o aluno, tal avaliação propicia maior consciência de sua aprendizagem e suas dificuldades. Ainda, de acordo com os autores genebrinos, essa atividade e a avaliação permitem refinar as sequências, modulá-las e adaptá-

las à realidade da turma, ou ainda, diversificar as atividades para igualar as oportunidades de aprender. Pois,

> Por meio da produção, o objeto da sequência didática delineia-se melhor nas suas dimensões comunicativas e também se manifesta como lugar de aprendizagem necessária das dimensões problemáticas. Assim, a sequência começa pela definição do que é preciso trabalhar a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos que, apropriando-se dos instrumentos de linguagem próprios ao gênero, estarão mais preparados para realizar a produção final (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 87).

Os módulos são elaborados a partir dos conhecimentos que os alunos já dominam para outros que ainda não dominam, ou dominam parcialmente, ou ainda, da necessidade de desenvolver e/ou ampliar as capacidades de linguagem pertinentes; aumentando gradativamente o grau de complexidade enquanto aprofunda os conhecimentos. Para regular os passos do e no processo de ensino e aprendizagem é imprescindível práticas de avaliação. A avaliação consiste num confronto entre o ponto inicial, o percurso e os resultados obtidos. Funciona como instrumento de verificação, diagnóstico, e de mediação, avaliação formativa, e deve estar presente do início ao fim da SD.

> Para o ISD, a avaliação é considerada um gesto didático específico de regulação, e, na SDG, a avaliação da primeira produção do aluno, um ato de regulação didática interna, com caráter diagnóstico – foco deste artigo. Já as regulações locais operam durante as atividades didáticas, nas interações com os alunos, de forma coletiva ou individualizada (BARROS, 2015, p. 338)

O diagnóstico dos conhecimentos que o aluno já possui, das capacidades de linguagem desenvolvidas ou não, serve para nortear o planejamento e elaboração de atividades que o possibilite avançar. Durante a realização das atividades, a medida em que são avaliados o processo e os resultados, outras regulações poderão ser feitas com intuito de otimizar a aprendizagem e o desenvolvimento das capacidades de linguagem.

Ressaltamos que, considerando o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais, e seguindo a resolução n.º 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020, determinada pelo programa PROFLETRAS, as atividades elaboradas são propositivas, não foram aplicadas em sala de aula. Contudo, reforçamos a importância da análise minuciosa do contexto específico de ensino e aprendizagem, ao qual se destinam as atividades, pois, a relação entre teoria e a prática sofre interferências que podem variar de um contexto para outro, posto que, os sujeitos pertencem a uma organização social, econômica e

cultural que, assim como o momento histórico, que certamente agem sobre ele (CRISTOVÃO, 2004, p. 254).

Assim, essa pesquisa propositiva visa dialogar sobre as capacidades de linguagem necessárias para a leitura e análise de textos do gênero crônica, na perspectiva do ISD, com base no modelo de análise de Bronckart (1999), certos de que a investigação para produção/adaptação do modelo didático e a reflexão e elaboração das sequências didáticas muito contribuiu para a formação e prática da professora-pesquisadora.

3.5 ELABORAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

As etapas da sequência didática para a leitura e análise dos tipos de discursos em crônicas de Carlos Drummond assemelham-se às etapas da sequência didática desenvolvida pelos pesquisadores de Genebra. Assim, na apresentação inicial, expõe-se a proposta de leitura e análise das crônicas através de questionamentos buscando identificar o que os alunos já sabem sobre o gênero crônica; Em seguida, a leitura e interpretação inicial - Conhecendo o autor e reconhecendo o gênero crônica. Apresentação do escritor através de imagens disponíveis no *Google*, um vídeo documentário disponível no *Youtube*, e a leitura e compreensão de sua biografia e da crônica *Como comecei a escrever* (1980). Essa crônica traz um relato sobre como desenvolveu o gosto pela palavra escrita e algumas contribuições que lhe acenderam escritor. Nessa etapa, vamos reunir informações sobre o contexto de produção das crônicas, mobilizando as capacidades de ação; perceber o conteúdo temático e se está relacionado à vida do escritor; identificar o narrador, a figura que fala no texto; perceber que mesmo o conteúdo temático estando relacionado com a vida real do escritor, a figura que gerencia as vozes no texto é o narrador. Essa etapa serve como diagnóstico sobre o nível de conhecimento em que os alunos se encontram, ao mesmo tempo em que lhes possibilita avanços.

Módulo I - A infraestrutura textual: *o plano geral do texto* na crônica C*iao* (1984). Através da atividade de leitura e análise, buscamos identificar o conteúdo temático abordado; compreender os parâmetros do contexto relacionado ao autor, agente produtor do texto na interação verbal relacionada ao mundo ordinário, e do narrador, figura criada pelo autor para gerenciar as vozes no texto; identificar os personagens; reconhecer qual é o tipo de crônica; diferenciar o mundo ordinário do autor empírico do mundo ordinário do narrador e dos personagens; explorar as operações de contextualização, de planejamento e organização.

Módulo II – A infraestrutura textual – os tipos de discursos - mobilização das capacidades discursivas através da leitura e análise da infraestrutura das crônicas *Recalcitrante* (1974) e *A música popular entra no paraíso* (1980). Buscamos identificar o plano geral do texto, um resumo do conteúdo temático; a forma como esse conteúdo está organizado em relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem (se próximo ou distante) se situados no mundo do EXPOR ou do NARRAR; a forma como os agentes em ação na interação verbal se inscreve no texto (se explicita ou não, as relações que mantêm com os parâmetros físicos da ação de linguagem) implicação ou autonomia. Propiciar oportunidades para os aprendizes compreenderem como se caracteriza a criação dos mundos discursivos EXPOR e NARRAR e os tipos de discursos pertencentes a cada mundo: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração.

Ao observar as coordenadas gerais de mundo e sua relação com o ato de produção é possível identificar se pertencem ao mundo do EXPOR ou do NARRAR. E, pela inscrição das instâncias de agentividade no texto e sua relação com os parâmetros físicos da ação de linguagem é possível perceber se há implicação ou autonomia. Por se tratar do gênero crônica, depreende que pertençam ao mundo do narrar. Assim, quando o discurso for textualizado na ordem do EXPOR, tem-se o narrador-expositor, quando na ordem do NARRAR tem-se o narrador.

Os tipos de discursos – *discurso interativo, discurso teórico, relato interativo, narração*, são identificados após identificar os quatros mundos discursivos *EXPOR implicado, EXPOR autônomo, NARRAR implicado, NARRAR autônomo.* Para tal, observa-se o modo como o conteúdo temático está organizado em relação ao mundo ordinário dos agentes (conjuntos – situados no mesmo espaço e tempo, ordem do EXPOR, ou disjuntos – situados em outro espaço e tempo, ordem do NARRAR), e, a forma como as instâncias de agentividadade estão relacionados aos parâmetros físicos da linguagem (implicado quando apresenta dêiticos pessoais e espaço-temporais, ou autônomo quando não apresenta). Os tipos de discursos podem fusionar constituindo tipos mistos: *misto interativo-teórico, misto narrativo-teórico*.

Módulo III - Leitura e análise de crônicas socializando as compreensões sobre os tipos de discursos e os efeitos na construção do sentido. Leitura e análise das crônicas *O Frívolo Cronista, (1984),* e *Ciao* (1984), buscando articular a leitura à análise das unidades linguísticas para perceber a criação dos mundos discursivos e dos tipos de discursos e os efeitos provocados. Para auxiliar na caracterização do contexto, dos mundos discursivos e dos tipos de discursos utilizamos quadros com perguntas norteadoras para as respectivas análises.

Quadro 8: Perguntas norteadoras para analisar o contexto de produção e recepção das crônicas

Contexto de produção	
Parâmetros do mundo físico	-Quem escreveu? - De onde escreveu? - Quando? - Para quem escreveu?
Parâmetros do mundo social e subjetivo	- Qual é o lugar social de produção? (escola, editora, estúdio, jornal...) - Qual papel social do escritor? (professor, aluno, escritor, compositor...) - Qual (s) papel social do (s) receptor/leitor (es)? (estudante, professor, leitor de jornal/livro...) - Qual finalidade/objetivo? (qual efeito (s) pretende alcançar/atingir: distrair, divertir, informar, despertar para uma questão social...)
Conteúdo temático do texto	(quais são os conteúdos típicos do gênero crônica?) - Qual é o assunto tratado? (qual a temática) - Qual o suporte de circulação? (livro, jornal, site...)

Fonte: autora com base em Bronckart (1999)

Ao responder, mesmo que hipoteticamente, as perguntas que exploram as representações do contexto e do referente, o leitor realiza operações que, quando dominadas constituem as capacidades de ação.

Para identificar os mundos discursivos e os tipos de discursos, observa-se as unidades linguísticas e o papel que elas desempenham. Assim, analisamos os textos respondendo às questões norteadoras e apontando as marcas no texto.

Quadro 9: Perguntas norteadoras para a classificação dos mundos discursivos e a identificação dos tipos de discursos

Apresenta origem temporal, ou seja, explicita quando o fato aconteceu?
Apresenta organizadores temporais?
Explora qual (s) tempos verbais?
Apresenta dêiticos de agentividade como nomes próprios, pronomes e adjetivos de 1ª e/ou de 2ª pessoa?
Apresenta dêiticos espaciais, elementos que fazem referência ao espaço da interação?
Apresenta dêiticos temporais, elementos que fazem referência ao tempo da interação?
Apresenta quais Anáforas, nominais, pronominais?
Apresenta organizadores textuais, mecanismos de conexão e de coesão nominal e verbal? Qual a função que exercem?
Apresenta modalizações? Quais? (lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas)
Argumenta/explica/generaliza, verdades incontestáveis?

Fonte: autora adaptado de Bronckart (1999)

Ao realizar a leitura e análise do texto no nível da infraestrutura textual, o leitor realiza operações de planejamento e organização que quando dominadas constituem as capacidades discursivas. Sendo o texto constituído por unidades linguísticas, sua compreensão requer do leitor também, a mobilização das capacidades linguístico-discursivas constituídas no domínio das operações de textualização e morfossintaxe (CRISTÓVÃO, 2010).

4 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Embasada nos princípios teórico-metodológicos do Interacionismo Socidiscursivo para os quais o ensino e aprendizagem de língua deve ser mediado pelos produtos concretos das ações de linguagem os gêneros de textos, essa pesquisa se adequa às perspectivas da

metodologia qualitativa de caráter interpretativo e tem como *corpus* para análise e interpretação cinco crônicas de Carlos Drummond. Norteada pelos procedimentos metodológicos da Engenharia Didática desenvolvida pelos pesquisadores de Genebra, filiados ao ISD, o Modelo teórico/didático do gênero e a Sequência Didática. A metodologia da Engenharia didática segundo Dolz (2016):

> Visa a conceber tecnicamente as tarefas e as ações dos alunos para aprender, coordenar as intervenções dos professores e elaborar dispositivos suscetíveis de resolver os problemas de ensino da língua. Ela organiza, transforma e adapta os saberes sobre a língua e as práticas discursivas para o ensino. Principalmente, a engenheira tem a responsabilidade de conceber projetos escolares e de elaborar dispositivos, atividades, exercícios, materiais escolares e novas tecnologias da comunicação escrita, oral e audiovisual. Com este objetivo, ela imagina e planifica as formas sociais de trabalho escolar dos alunos. Também está encarregada de inventar ferramentas para facilitar as aprendizagens e de orientar as intervenções e os gestos profissionais do professor. Finalmente, ela realiza pesquisas sobre as inovações introduzidas, controlando e avaliando a implementação das novidades (DOLZ, 2016, p. 241).

Com base nos procedimentos metodológicos da Engenharia didática, foi elaborado um modelo didático do gênero crônica e uma sequência didática com atividades de leitura e análise. Com o respaldo da metodologia da pesquisa interpretativista, a qual considera o contexto onde estão inseridos os agentes e os objetos sobre os quais analisam. Pois, segundo Saccol (2009, p. 262), "todo o nosso conhecimento sobre a realidade depende das práticas humanas e é construído por meio da interação entre as pessoas e o mundo no qual vivemos, sendo transmitido em um contexto social". Assim, os resultados são produzidos como parte da interação social entre o professor-pesquisador e o objeto pesquisado.

Quanto à interação entre o professor-pesquisador e o objeto de pesquisa Bortoni-Ricardo salienta que:

> O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32-33).

Apoiados nesses paradigmas fizemos um estudo buscando as contribuições de estudiosos e pesquisadores a fim de nortear nossas ações no processo de pesquisa, na modelização do gênero e na elaboração da sequência didática. Tornando a crônica, gênero a princípio comunicativo, em ferramenta, objeto mediador do processo de ensino e aprendizagem

de língua, considerando as capacidades de linguagem que podem ser desenvolvidas mediante a realização das atividades de leitura e análise da infraestrutura das crônicas. Então, investigamos as características do gênero, segundo os especialistas delimitando os conhecimentos ensináveis e, com base no modelo de análise de texto de Bronckart (1999), analisamos cinco exemplares de crônicas do escritor Carlos Drummond de Andrade, *Como comecei a escrever* (1970/[1980]), *Recalcitrante* (1974), *A música popular entra no paraíso* (1980), *O Frívolo Cronista* (1984) e *Ciao* (1984). A partir da análise elaboramos uma sequência didática (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004) de leitura interativa e análise linguística com foco na infraestrutura textual, em especial, os tipos de discursos.

Como forma de oportunizar experiências de leitura e análise discursiva, buscamos identificar, mesmo que hipoteticamente, as características contextuais de produção e recepção (quem escreve; para quem; onde e quando; qual o assunto abordado; qual o objetivo comunicativo; o suporte e esfera de circulação). Na infraestrutura do texto, exploramos o plano geral do texto, a organização dos conteúdos e a estrutura em que o texto se apresenta; as unidades linguísticas que o semiotizam e promovem a construção dos mundos discursivos e configuram os tipos de discursos, bem como, os efeitos que essas escolhas produzem.

4.1 CONTEXTO DE ESTUDO-PESQUISA E DE PROPOSIÇÃO DE APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE LEITURA

Essa pesquisa faz parte dos estudos desenvolvidos no curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), *campus* Prof. Alberto de Carvalho, Itabaiana, Sergipe. Sob a orientação do prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva. A escolha pela temática a ser investigada partiu da inquietação frente ao baixo índice de proficiência leitora retratado nos resultados de avaliações externas com PISA, SAEB e IDEB, e também constatado no contexto de sala de aula em minhas vivências de professora da rede pública.

A proposta foi pensada para ser realizada em uma turma de 9º ano, em uma Escola Municipal do interior de Monte Santo, Bahia. Porém, considerando o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais e de intervenção, o PROFLETRAS, através da resolução n.º 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 2 de junho de 2020, determinou que os trabalhos de conclusão dessa sexta turma poderiam ter caráter propositivo, uma vez que não seria possível a testagem e aplicação das atividades.

O direcionamento das atividades de leitura e análise de textos do gênero crônica, propositivas para a turma do nono ano, deveu-se ao fato de perceber que os alunos mesmo

estando no último ano do Ensino fundamental apresentam baixo índice de leitura, não de decodificação, mas de compreensão e interpretação. O que reforça a importância de propiciar aos estudantes, atividades de leitura que requeiram a mobilização das capacidades de linguagem e os permitam agir sobre o texto, pois, a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto e sua compreensão depreende das capacidades de linguagem desenvolvidas pelos agentes leitores.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA E ANÁLISE TEXTUAL DAS CRÔNICAS (*CORPUS*)

As práticas de leitura vão muito além do âmbito escolar, daí a necessidade de subsidiar os alunos com estratégias de leitura e análise textual que lhes permitam conhecer e dominar as mobilizações psicológicas e linguísticas necessárias para produzir e compreender enunciados com sentido e coerentes.

A leitura na perspectiva interacionista sociodiscursiva possibilita olhar para o texto como produto de uma interação sócio-histórica, cultural e verbal, que vai além da palavra, da frase e do próprio texto. Abarca os contextos físico, sócio-subjetivo, o conteúdo temático e a arquitetura textual em suas três camadas: infraestrutura textual, mecanismo de textualização e mecanismos enunciativos, bem como, os efeitos produzidos pelas escolhas linguísticas.

5.1 ANÁLISE DO CONTEXTO – CAPACIDADE DE AÇÃO

Apesar de o escritor ter se reportado aos leitores por meio de diferentes gêneros e de diversos lugares, o contexto de produção das crônicas analisadas é o mesmo: o J*ornal do Brasil,* no Rio de Janeiro. A crônica é um gênero escrito, ligado à imprensa jornalística, normalmente produzido para ser veiculado em jornais ou revistas, mas por seu caráter literário compõe livros e antologias.

As crônicas analisadas foram escritas por Carlos Drummond de Andrade, no Rio de Janeiro, nos anos 1970 a 1984. Destinada aos leitores do *Jornal do Brasil,* instituição jornalística com a qual o escritor colaborou por 15 anos, três vezes por semana com a seção de "cultura" do *Caderno B,* do *Jornal do Brasil* e, principalmente, com seus leitores; com o jornalismo, a arte, a literatura, a língua (portuguesa-brasileira), a linguagem, enfim, com a vida, o prazer e o conhecimento que se desprendem de seus escritos. Drummond foi jornalista, cronista, poeta e funcionário público aposentado, "que, 'sem fazer concessões de técnica ou linguagem', atrai 'desde a massa de leitores universitários ao mais obscuro leitor provinciano'" (BASTOS, 2006, p. 20). O assunto de suas crônicas são os eventos do cotidiano e da vida das pessoas.

Em seus textos, buscava sempre um traço que distraísse o leitor, chamando a atenção de maneira sutil para os eventos do cotidiano. Trazem como temática, acontecimentos relacionados à sua própria história de vida, como nas crônicas *Como comecei a escrever* e *Ciao*; situações e comportamentos da vida urbana, como em *Recalcitrante;* homenagem a amigos, como a homenagem póstuma a Vinícius de Morais na crônica *A música popular entra no paraíso;* e, argumentos e contra-argumentos em defesa do espaço da crônica na coluna, dando ênfase à função social da crônica e o papel do cronista, como em *O Frívolo Cronista*, em resposta a um leitor que reclamou da frivolidade da coluna. Algumas dessas crônicas migraram do *Jornal do Brasil* para os livros. *Como Comecei a Escrever* foi publicada em 1970 e transposta para o livro *Para Gostar de Ler (1980); Recalcitrante (1974)* transposta para os

livros *De Notícias e Não Notícias Faz-se a Crônica*; e O *Frívolo Cronista* faz parte do livro *Boca de Luar* (1984). *A*tualmente, encontram-se disponíveis, também, em *sites* e *blogs*.

5.2 OS TIPOS DE DISCURSOS NAS CRÔNICAS

Ao realizar a leitura e análise do texto no nível da infraestrutura textual, o leitor realiza operações de planejamento e organização que quando dominadas constituem as capacidades discursivas. Sendo o texto constituído por unidades linguísticas, sua compreensão requer do leitor também, a mobilização das capacidades linguístico-discursivas constituídas no domínio das operações de textualização e morfossintaxe. (CRISTÓVÃO, 2010).

A crônica, de modo geral, é um gênero pertencente a ordem do narrar, cujos conteúdos verbalizados se situam em outro lugar diferente daquele em que estão inseridos o agente produtor, o autor e seus destinatários, os leitores. Contudo, por ser livre para tratar de qualquer assunto real ou fictício, e assumir características diversas, pode se apresentar em diversas formas: narrativa em prosa; dialogada; como peça teatral; argumentativo, apresentar e defender um ponto de vista; ou ainda, sobrepor as características. Assim, mesmo quando é possível perceber que o conteúdo está relacionado ao mundo ordinário do autor empírico, deve-se analisar considerando os elementos da narrativa, o narrador, os personagens e o cenário onde os acontecimentos se desenvolvem. O narrador pode posicionar-se apenas como observador e escrever/verbalizar em terceira pessoa ou investir-se em personagem e interagir na cena escrevendo em primeira pessoa.

Logo, ao relacionar o conteúdo ao mundo ordinário do narrador e dos personagens, o mundo discursivo, este pode aparecer situado tanto no mundo do NARRAR (disjunto) quanto no mundo do EXPOR (conjunto), podendo apresentar marcas de agentividade, espaço e tempo (implicação) ou não apresentar essas marcas (autonomia). Assim, a crônica é um gênero que pode comportar os quatro tipos de discursos, suas variantes e fusões.

Geralmente, predomina o tipo de discurso *narração*, com segmentos de *discurso interativo* encaixado no discurso principal como em *Recalcitrante* e *Ciao.* Os acontecimentos ancorados no passado na narração (origem temporal; organizadores temporais; verbos no passado; frases declarativas; anáforas pronominais e nominais por substituição lexical, ausência de dêiticos de agentividade, espaciais e/ou temporais), e atualizados no discurso interativo.

Mas, também, pode o conteúdo ser verbalizado no tempo presente pelos personagens "representados" como é o caso da crônica em forma de peça teatral *A música popular entra no paraíso*, na qual predomina o *discurso interativo* (interação dialogada com frases não declarativas: interrogativa, exclamativa e imperativa; alternância de turnos de fala; verbos no presente; presença de dêiticos de agentividade, espaciais e/ou temporais).

O conteúdo também pode está ancorado no passado e o agente narrador ou os personagens estarem implicados constituindo o *relato interativo*, conforme observado na crônica *Como Comecei a Escrever* (origem temporal, organizadores temporais; verbos no passado; frases declarativas; anáforas pronominais e nominais por repetição fiel; presença de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, que remetem diretamente aos protagonistas da interação verbal).

O narrador pode argumentar um fato de maneira lógica mantendo-se afastado, discurso teórico (não apresenta origem temporal; nem dêiticos de agentividade; explora os verbos no tempo presente; apresenta organizadores textuais; modalizações lógicas; procedimentos metatextuais, intertextuais e intratextuais; anáforas pronominais e nominais se referindo ao intratexto). Ou argumentar de maneira lógica e expor explicitamente seu ponto de vista, buscar aprovação ou fazer objeções, e assim, ter-se o tipo misto interativo-teórico como observado em segmentos da crônica *Ciao* (marcas de discurso teórico e marcas de discurso interativo se intercruzam no texto). Ou ainda, o narrador apresentar um fato ancorado no passado com argumentação lógica, verdadeira, constituindo o tipo misto narrativo-teórico, também observado na crônica *Ciao* que em alguns segmentos apresenta simultaneamente, marcas de narração e de discurso teórico. Assim como a flexibilidade organizacional e discursiva das crônicas possibilita a presença de quaisquer tipos de discursos, pode apresentar também, os diversos tipos de sequências narrativas descritivas, dialogais, argumentativas e todas as outras.

5.3 ANÁLISE INTERPRETATIVA DA CRÔNICA *RECALCITRANTE* (1974)

O cronista, bom observador, captura cenas do cotidiano para servi-lhes de assunto para suas crônicas. A crônica *Recalcitrante* traz como tema a rotina dos trocadores/cobradores de ônibus no Rio de Janeiro, durante o verão, período em que as pessoas frequentam as praias com maior intensidade. Para apresentar o conteúdo, o autor cria um mundo discursivo com um narrador e personagens que participam de uma ação de linguagem dentro de um ônibus. O

narrador apresenta o cenário e introduz os personagens que interagem verbalmente na cena. A intenção do autor é chamar atenção de maneira sutil e crítica para o problema relacionado ao comportamento dos banhistas que, em sua maioria, entram no ônibus ainda molhados querendo viajar sentados molhando as poltronas e o piso do ônibus. Atitude que incomoda os trocadores.

No texto, o narrador contextualiza o cenário e os personagens postos em cena na interação. O próprio título, *Recalcitrante*, denuncia a resistência e a teimosia. A ação envolve o trocador e um jovem passageiro que insiste em sentar-se no banco do ônibus com as vestes molhadas causando desconforto a outros passageiros e ao cobrador que precisa "sair de seu pobre trono" para pedir para que se levante. Nas palavras do trocador, o homem é um desses "passageiros que não aprendem como viajar em coletivo. Não aprendem e não querem aprender. (...) acham que compraram o ônibus e podem fazer dele casa da peste".

O narrador curioso observa a cena e confere no texto sua aproximação no episódio. Atentamente vai narrando o que observa, apresentando as cenas, as vozes, as emoções, sensações, opiniões, as impressões, o comportamento e descreve os gestos e ações, o perfil físico e psicológico do passageiro, e vai dando pistas sobre as causas e as consequências da "problemática" comportamental dos banhistas quando chega o verão, na cidade do Rio de Janeiro, a insistência em desrespeitar "a portaria" que diz: "O passageiro, ainda que com roupa sobre as vestes de banho molhadas, somente poderá viajar de pé."

Na interação verbal dialogada, o trocador insiste para que tal moço se levante, mas este, ironicamente se recusa. Em meio a insistência sem sucesso, o trocador adjetiva o rapaz de recalcitrante, o que causa um conflito, pois, o tal moço não conhece o significado da palavra e fica bravo reagindo com violência "Te quebro a cara, ouviu? Não admito que ninguém me insulte! ". Nessa abordagem o autor denuncia outros "problemas" sociais além da estupidez comportamental, a ignorância que sobressalta diante do estranhamento linguístico e a interpretação do sentido da palavra "recalcitrante", e a violência como forma de resolver conflitos. O ato se encerra indefinido pois o narrador precisa descer do ônibus ao chegar no seu destino. Conforme o trecho do texto:

> O passageiro pulou, transfigurado: — O quê? Repita, se for capaz.
> — Re… calcitrante.
> — Te quebro a cara, ouviu? Não admito que ninguém me insulte!
> — Eu? Não insultei.
> — Insultou sim. Me chamou de réu. Réu não sei o quê, calcitrante, sei lá o que é isso. Retira a expressão, ou lá vai bolacha.
> (...)
> Retira não retira, o ônibus chegou ao meu destino, e eu paro infalivelmente no meu destino. Fiquei sem saber que consequências físicas e outras teve o emprego da palavra "recalcitrante".
> (DRUMMOND, 1974)

Em *Recalcitrante*, as coordenadas gerais de mundo estão implicitamente disjuntas do mundo ordinário do agente-produtor e dos leitores (Carlos Drummond de Andrade; leitores do *Jornal do Brasil*, 1974), mesmo que no jornal, suporte primeiro de circulação, apresente a data de publicação e o nome do autor, e, quando organizadas e transpostas para o livro, apresenta a data de publicação da obra. Tais marcas de identificação se encontram no paratexto.

O conteúdo temático é organizado em um mundo discursivo posto a distância do mundo ordinário dos agentes produtor e receptores (mundo do narrar). A origem temporal que exprime a disjunção é apenas inferível (chegando o verão, janeiro, ônibus, praia), não explicita exatamente quando o fato aconteceu, apesar de ser possível situar o leitor num tempo indeterminado através das expressões: "chegando o verão" e "calorão de janeiro".

Os mundos discursivos são criados e se referem aos personagens postos em cena. Os segmentos de narração, ilustra o cenário e introduz os personagens que dialogam nos segmentos de discurso interativo. Podemos dizer que essa crônica se constitui por segmentos de *narração* e segmentos de *discurso interativo*, e a compreensão global do texto dependente da articulação desses segmentos. Contudo, não requer conhecimento sobre o espaço-tempo de produção.

Nos segmentos de narração, o mundo discursivo é posto a distância e o narrador não participa da cena, apenas apresenta os fatos. Já nos segmentos de discurso interativo, o mundo discursivo – conjunto e implicado – refere-se aos personagens que interagem na cena, e sua compreensão depende parcialmente do mundo discursivo ilustrado pela *narração*. Esses segmentos devem ser analisados não em relação ao mundo ordinário do agente-produtor (Carlos Drummond de Andrade), mas em relação ao mundo das personagens postas em cena no texto.

O narrador, numa linguagem leve, coloquial, próxima da oralidade, apresenta as cenas, descreve as características do "moço", e o desenrolar da trama. Indica os gestos, ações e as sensações: ("O trocador olhou, viu, não aprovou"; "esfregou as mãos no rosto, em gesto de enfado e desânimo"; o moço estava "ocupando cada vez mais espaço, ouvia e não respondia"; então, o trocador "coçou a cabeça"; "forrou-se de paciência"; e, ao chamá-lo de recalcitrante, o tal moço "pulou transfigurado"). O narrador faz inferências sobre o pensar dos personagens e

tece comentários: (“devia estar pensando”; “Tendo comprado passagem por sessenta e cinco centavos, acham que compraram o ônibus e podem fazer dele casa da peste”; “era preciso tomar providência”; “O cavalheiro, vê lá se ia se meter numa dessas”; “Embora sem surpresa (...) sabia de experiência própria”). E, ainda, ilustra com referência extra textual: (“bem disse Dario quando fazia gol no Atlético Mineiro: problemática demais”). Assim, podemos dizer que os segmentos de narração, ilustram (“O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado”), englobam (“O trocador esfregou as mãos no rosto, em gesto de enfado e desânimo, diante de situação tantas vezes enfrentada, e murmurou:”), e entrecortam (“*Nada. Dormia?*”) os segmentos de discurso interativo.

As marcas linguísticas estão relacionadas aos personagens na cena. Nenhuma unidade linguística faz referência direta ao agente-produtor, e os personagens postos em cena no texto são identificáveis graças aos segmentos da narração. Conforme o trecho: “O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado placidamente no banco lateral, escorria um fio de água que ia compondo, no piso do ônibus, a microfigura de uma piscina”. E nas vozes do discurso interativo, a exemplo: “_O senhor aí, cavalheiro, quer cutucar o braço do distinto, pra ele me prestar atenção?”.

Em tom irônico e humorístico, utiliza o discurso direto, em um discurso interativo secundário, encaixado nos segmentos da narração, discurso principal. Estabelece uma relação de dependência marcada pelos verbos: *murmurou*, *insistiu*; elementos tipográficos: dois pontos (:), travessão (-) para marcar o início das falas das personagens, e mudança de linha.

No **discurso interativo**, o embreamento da tentativa de diálogo se dá no início da cena (Ei, moço, ...), o que determina uma interação dos agentes-personagens postos na cena, no mesmo espaço e tempo. Caracterizado pela presença de unidades linguísticas que remetem à própria interação verbal marcada pelos turnos de fala, e ao caráter conjunto implicado do mundo discursivo criado, marcado por numerosas frases não declarativas.

Frases interrogativas:

Ei, moço, quer fazer o favor de levantar?
Vamos levantar?
Como é, não levanta?
Levantar pra quê?

Frases exclamativas:

Moço! Ô moço!

Frases imperativas

***Vamos**, diz o que pensou.*
***Retira** a expressão...*
***Retira** já...*

Quanto à exploração dos tempos verbais, no discurso interativo, geralmente, mobiliza o presente, o pretérito perfeito e o futuro parafrástico. Representando, respectivamente, "simultaneidade, anterioridade e posterioridade" (BRONCKART, 1999). Exemplos:

Ei, moço, *quer **fazer** o favor de levantar?*
*Esses caras **são** de morte.*
*O senhor aí, cavalheiro, **quer** cutucar o braço do distinto, pra ele me prestar atenção?*
*O ônibus **vai parar** e eu chamo a polícia.*
***Vai botar** o senhor pra fora porque é um… recalcitrante. — **Insultou** sim. Me **chamou** de réu.*

• Presença de unidades que remetem ou a objetos acessíveis aos interactantes ou ao espaço ou ao tempo da interação.

Ostensivos:

***Esses** caras são de morte.*
*O senhor **aí**, cavalheiro...*
*Vai botar o senhor pra **fora***
*Insultou sim. Me chamou de réu. Réu não sei o quê, calcitrante, sei lá o que é **isso**.*

Dêiticos espaciais e dêiticos temporais:

*O senhor **aí** ...*
*Estou bem **aqui**.*
*Aquela pregada **ali**...*
*Retira **já**...*

A presença de verbos, pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, que remetem diretamente aos protagonistas da interação verbal e que têm, portanto, um valor exofórico:

***Vamos**, levantar?*

***Estou** bem aqui.*

***Eu** sei ...*

***Seu** calção...*

*Olha, **o senhor** está de calção de banho...*

*Nunca **vi** suar tanto na **minha** vida...*

***Eu**, descer porque **estou** suado?*

***A polícia** vai **me** prender...*

*Não **tenho** nada com a portaria. **Tenho** é com **você**, **seu** cretino.*

Presença de auxiliares de modo; “poder", "querer", "dever", "ser preciso".

***quer** cutucar o braço do distinto — Eu sei, mas **é preciso** levantar.*

*o senhor **tem de** levantar —**Tenho** que suar de pé?*

*eu **tenho** que convidar o senhor ...*

A narração, segundo Bronckart (1999, p. 178), “é um tipo de discurso geralmente escrito e sempre monologado, que, consequentemente, comporta apenas frases declarativas”. As unidades linguísticas que configuram esse tipo de discurso geralmente são:

Tempos verbais: pretérito perfeito e imperfeito, (marcando a isocronia entre o curso da atividade narrativa e o curso dos acontecimentos da diegese), pretérito mais-que-perfeito (marcando retroação) e futuro do pretérito (marcando projeção), e, ocorrências locais de presente, chamada de presente histórico, presente de narração ou presente dramático (p. 199).

Marcas de isocronia:

Olhou; aprovou; escanchado; escorria; esfregava; ostentou; murmurou; disse; fazia; compraram; insistiu; dormi; ouvia; respondia; ignorou; coçou; sabia; teve; bateu; olhou; insistiu; forrou; pulou; chegou; fiquei; teve;

Marcas de retroação:

estava cansado; tendo comprado; era preciso;

Marcas de projeção:

ia compondo; devia estar pensando; querem aprender; podem fazer; quer cutucar; quer entrar;

Inserções de tempo presente:

*Não **aprendem** e não **querem** aprender.*
*Olhos abertos, pernas cabeludas **ocupando** cada vez mais.*
***Ficam** de camarote.*
***fazendo** a difícil ginástica de sempre.*
*eu **paro** infalivelmente.*

Organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos, subordinativos, a partir das origens espacial (Rio de Janeiro, ônibus), e temporal (chegando o verão).

Organizadores temporais:

***Todo ano** a mesma coisa*
*chegando o **verão***
***quando** fazia gol*

Organizadores espaciais:

*banco **lateral**,*
***piso** do ônibus*
*Teve, pois, que sair do seu **trono***
*o ônibus chegou ao meu **destino***

Anáforas pronominais e anáforas nominais:

*acham que compraram o **ônibus** e podem fazer **dele** casa da peste.*
*O **cavalheiro**, vê lá se ia **se** meter numa dessas...*
*o **cobrador** coçou a cabeça. (...). Teve, pois, que sair do seu **trono**, **pobre trono** de **trocador**)*
*Fiquei sem saber que **consequências** físicas e **outras** teve o emprego da palavra "recalcitrante".*

A ausência de pronomes e adjetivos de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural remetendo diretamente ou ao agente-produtor, ou a seus destinatários é um traço linguístico a ser observado na narração, principalmente, na marcação de disjunção e autonomia.

Para tal, faz-se necessário compreender as “propriedades do contexto” (as quais remetem aos agentes do mundo ordinário – autor empírico e os parâmetros físicos e sócio subjetivo) e as “propriedades do próprio texto”, as “características da atividade narrativa” e a noção de narrador (a figura que assume e gerencia a atividade do narrar) (BRONCKART, 1999, 196).

Assim, na crônica *Recalcitrante*, o último segmento de narração: “Retira não retira, o ônibus chegou ao **meu** destino, e **eu** paro infalivelmente no **meu** destino. **Fiquei** sem saber que consequências físicas e outras teve o emprego da palavra ‘recalcitrante’”. A implicação dos parâmetros de ação de linguagem (pronomes e verbo em primeira pessoa) relacionam-se não ao agente-produtor, autor (Carlos Drummond de Andrade), mas ao narrador encenado na narrativa. E, constitui-se uma *variante de narração* que mobiliza marcas de primeira pessoa (mas nunca de segunda pessoa).

Ressaltamos o papel que as unidades linguísticas desempenham na configuração dos mundos discursivos (EXPOR e NARRAR) marcando conjunção/disjunção, implicação/autonomia, e, por conseguinte, os tipos de discursos (discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração). Essas unidades também influenciam na marcação das sequências, nos mecanismos de textualização e nos mecanismos enunciativos (BRONCKART, 1999).

Bronckart (1999) defende que as condições de emprego de unidades específicas dos relatos interativos, das narrações ou dos discursos teóricos não são adquiridas nem precocemente, nem espontaneamente, [...]requer um procedimento didático explícito, devem ser ensinados “confrontar os alunos [...]com segmentos de discursos que apresentam as características **típicas** [...] É só quando esse domínio é adquirido, [...]debruçar-nos sobre as ocorrências de unidades **atípicas**, comentá-las e explicá-las ” (BRONCKART, 1999, p. 212-213).

5.4 ANÁLISE INTERPRETATIVA E DOS TIPOS DE DISCURSOS NA CRÔNICA *A MÚSICA POPULAR ENTRA NO PARAÍSO* (1980)

A crônica *A música popular entra no paraíso* foi publicada dois dias depois da morte de Vinicius de Moraes. No texto, o autor Carlos Drummond de Andrade idealiza a chegada de Vinícius de Moraes no céu. Para apresentar o conteúdo, o autor criou um mundo discursivo relacionado aos personagens, agentes que verbalizam os acontecimentos. A crônica é estruturada em forma de peça teatral com enredo, cenário e personagens situados no mesmo

espaço e tempo, e os acontecimentos são apresentados através do diálogo fictício entre os personagens.

Deus, ao ver Vinícius chegando no céu, inicia um diálogo com São Pedro, perguntando-lhe quem é o baixinho. São Pedro responde-lhe que é Vinícius. Assim, Vinícius de Moraes torna-se o assunto da conversa. Deus, conhecedor da vida de Vinicius na terra, teme que este venha fazer balbúrdia no céu e com suas músicas atrapalhar o coral dos anjos.

São Pedro imediatamente interfere expressando sua opinião defendendo o estilo musical de Vinícius e recomenda que Deus o dê atenção especial. Deus demonstra aprovação e São Pedro pede para continuar. Deus, com ar de desconfiança manda continuar e declara sobre o gosto de Pedro pela música quando ainda era pescador (intertextualidade).

São Pedro continua em defesa de Vinícius, utilizando adjetivos que o exalta. Volta no tempo para relatar efeitos de suas ações, e equiparar a função social da música profana de Vinícius à musica sagrada. Deus expressa surpresa diante das colocações de São Pedro.

São Pedro atribui a Deus a reponsabilidade por permitir que Vinícius vivesse ao seu modo (o direito ao livre arbítrio), carinhosamente se refere como "a poetinha" e relata a forma como este distribuiu amor, amores (as mulheres). Deus, por sua vez, o questiona se a troca de mulheres não teria sido mais falta de amor do que excesso. São Pedro novamente o defende alegando que essas vivências o inspiraram a compor as canções que glorificam a figura feminina (geradoras de vidas), como forma de glorificar a criação divina.

Deus demonstra interesse e quer saber como se chama. São Pedro com entusiasmo o apresenta elevando sua forma de amar, distinguindo-a de personagens históricos. Tece elogios, fazendo com que Vinícius se pareça único, o melhor. Fala da poesia em suas composições, da qualidade musical e dos efeitos produzidos nos ouvintes. Assim, Vinícius entra no céu e é recebido ao som de sua música cantada por um coral de anjos. E, para estender a homenagem a outras personalidades já falecidas, o autor introduz um narrador situado no mesmo espaço e tempo da interação verbal que verbaliza seus nomes próprios dizendo que também estão fazendo parte do coral.

Nessa crônica, não explicita nenhuma origem espaço-temporal, e os personagens agentes na interação de linguagem, Deus e São Pedro estão no mesmo espaço e tempo, falando sobre acontecimentos acessíveis aos seus mundos, ou seja, as coordenadas organizadoras do conteúdo temático (a chegada de Vinícius no céu) estão próximas, ***conjunto***. Na configuração dos mundos discursivos, quando a organização do conteúdo (o assunto tratado) é acessível aos agentes de interação (Deus e São Pedro), portanto, estão no mundo EXPOR. O texto apresenta

unidades linguísticas que remetem à própria interação verbal o que caracteriza a ***implicação.*** A semiotização linguística desses dois aspectos constitui o tipo ***discurso interativo.***

Observemos alguns trechos da conversa buscando identificar a tradução dos mundos discursivos criados pelos agentes personagens e semiotizados linguisticamente em tipos de discursos. Lembrando que as representações mobilizadas pelos agentes nessa ação de linguagem são analisadas/vinculadas ao mundo ordinário dos personagens e não do escritor Carlos Drummond de Andrade.

Agora, vejamos uma possibilidade de análise e descrição das unidades linguísticas que semiotizam o conteúdo nos segmentos correspondentes às falas dos personagens. Tomamos como base *as perguntas norteadoras para a classificação dos mundos discursivos e a identificação dos tipos de discursos* (quadro 8).

Quadro10: Unidades linguísticas que configuram os tipos de discursos na crônica *A música popular entra no paraíso*

Segmentos da crônica *A música popular entra no paraíso*	**Análise das unidades linguísticas que configuram os tipos de discursos**
Deus – Quem é **este baixinho** que vem ***aí***, ao som do violão, de copo cheio na mão? São Pedro – **Senhor**, pelos indícios, só pode ser o **vosso** servo **Vinicius,** Menestrel da Gávea e dos amores inumeráveis. Deus – Será que ele vem fazer alaúza no ***céu***, perturbando o coro dos **meus** anjos-cantores, diplomados pela Schola Cantorum do mestre São Jorge, o Grande? São Pedro (hesitante) – Bem… **Eu** acho, com a devida licença, que **ele** traz um som novo, mais terrestre, menos beatífico, é certo, mas com uma suavidade brasileira inspirada nos seresteiros **seus** avós, os quais **já** têm assentos cativos junto ao **vosso** trono, **Senhor.** Coisa mui digna de **vossa** especial atenção. Deus – Hum, hum… São Pedro – Posso continuar, **Senhor**? Deus – Vá dizendo, **Pedro**. É sabido que **você** tem um fraco por essa gente que canta de noite, esteja ou não pescando, principalmente não estando. São Pedro – Pois **eu** digo, **Senhor**, que **esse baixinho *aí***, todo simpatia e delicadeza, é um de **vossos** bons servidores na Terra, pois combateu a maldade pela ternura, a injustiça pela fraternidade, e compôs os cânticos profanos que, elevando o coração dos ouvintes, fazem o mesmo que os cânticos sagrados.	A compreensão é possível mesmo sem o conhecimento da ação de linguagem que deu origem à produção, pois, os nomes dos personagens antecedem suas falas. A interação é marcada pela alternância de turnos de fala e por numerosas frases não declarativas; - Ausência de ancoragem espaço-temporal, o que determina os agentes estão situados no mesmo espaço-tempo da interação verbal; - Unidades que remetem diretamente aos agentes, nomes próprios, pronomes verbos e adjetivos em 1ª e 2ª pessoa (*senhor, meus, eu, vosso, vossa, Pedro, você*); - Verbos no tempo presente (*é, vem, pode, acho, traz, posso, tem, digo*); e verbos no tempo passado expressando anterioridade (*combateu, compôs*); - Frases interrogativas; - Frase imperativa ***(vá** dizendo);* - Unidades que remetem a objetos/ pessoas e/ou ao espaço e tempo acessíveis aos agentes: - Ostensivos (*este baixinho, Vinícius, anjos-cantores, aí, ele, esse baixinho aí);* - Dêiticos espaciais *(céu*); - Dêiticos temporais (*já*); - Auxiliar de modo "poder" (*só **pode** ser);* - Marcas de oralidade (hum..., vá dizendo);

Deus (surpreso) – O mesmo?	- A indicação entre parêntese expressando emoção orienta o ator no momento da representação/encenação da peça.
São Pedro – Vinicius, não o patrício romano, que o amor conduziu do paganismo à fé cristã, **mas** o de Melo Moraes, filho de pais **que** curtiam o Quo Vadis. *Este nasceu diretamente para o amor, e não precisou meter-**se** nas embrulhadas do paganismo de Nero para achar o rumo de sua alma. **Ele já** estava traçado pelas estrelas de outubro, **vossas mensageiras**. Vinicius nasceu com a célula poética, e **esta** desabrochou em cânticos variados, na voz de* seus *lábios e na dos instrumentos. Com **estes*** cânticos ***ele*** *encantou o seu povo. E era um povo necessitado de canto, um canto tão necessitado* mesmo*!* (...)	Para explicar para Deus quem foi Vinícius, São Pedro argumenta, distinguindo-o e exaltando suas ações. Esse trecho apresenta segmento do *discurso teórico:* Organizadores lógico-argumentativos; Referências intertextuais: (personagens históricos – políticos de Roma; o *Quo vadis);* Frases passivas; Anáforas com função dêitica intertextual; E segmento de *narração*: - Organizadores temporais; - Verbos no passado; - Anáforas pronominais; - Anáforas nominais por substituição lexical, - Origem espaço-temporal implícita (morte de Vinícius)
São Pedro (exultante) – Se deu, **Senhor**! *E para isso não precisava **sempre** compor canções alegres. Ia até o fundo das canções tristes, mas dava-lhes uma tal doçura e meiguice que as pessoas, ouvindo-as, não sabiam se choravam ou se viam consoladas velhas mágoas.* Era um coração se desfazendo em música, **Senhor**. *Deu tanta alegria ao povo, que até a **última hora** de sua vida (esta não chegou a ser longa, mas se alongou em canção) trabalhou com seu fiel parceiro Toquinho para levar às crianças um tipo musical de felicidade.* Morreu, pois, a **vosso** serviço, Senhor.	Apresenta dois tipos de discursos: *Discurso interativo* Pronomes de 2ª pessoa (Senhor, vosso) remetendo ao interlocutor- Discurso *narração* em itálico -Organizadores temporais; - Verbos no passado;

Fonte: autora

5.5 ANÁLISE DOS TIPOS DE DISCURSOS NA CRÔNICA C*IAO* (1984)

A cônica *Ciao* foi publicada pelo agente produtor Carlos Drummond de Andrade, no *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro em 29 de setembro de 1984, data em que o cronista, em consonância com o título da crônica, *CIAO,* despede-se dos leitores e marca o fim do compromisso de escrever periodicamente para o jornal, com o qual contribui por 15 anos, três vezes por semana, terças, quintas e domingos. Nessa crônica, o autor revisita a memória e destaca acontecimentos que marcaram o início da carreira, sua trajetória de cronista e serviram-lhe de assunto para as crônicas. Para se projetar enunciativamente, o autor cria um mundo discursivo ancorado no passado, há 64 anos atrás, e um narrador que organiza e gerencia as vozes no texto, escrevendo em terceira pessoa, causando um efeito de distanciamento – alguém que apenas testemunhou os acontecimentos sem fazer interferência. Ao longo do texto, o conteúdo transita por diversas fases da vida do autor, iniciando com um Drummond jovem e finalizando com um Drummond velho.

Os acontecimentos estão situados distantes do agente/narrador que verbaliza. A disjunção é explicitamente marcada pela ancoragem espaço-temporal "*há 64 anos*", "*Belo Horizonte dos anos 20*", juntamente com a exploração dos verbos no tempo passado (*notou que.../ entrou e ofereceu seus serviços.../ o homem olhou-o/ perguntou*). No primeiro parágrafo, contextualiza os personagens (um adolescente e o diretor do jornal) e introduz um trecho do diálogo estabelecido entre eles em um certo momento. O narrador segue verbalizando os acontecimentos observados. Em alguns momentos argumenta sobre a função da crônica e o papel do cronista explicando de modo lógico, distanciado, em outros, expõe seu ponto de vista sobre o assunto fazendo objeções. Apresenta trechos de falas de personagens através do discurso direto e do discurso indireto livre. No final do penúltimo parágrafo, o narrador aproxima e interage diretamente com o cronista a quem se referia e, com ironia leve impera uma ordem ou pedido para que ceda espaço aos cronistas mais jovens e vá descansar.

O agente de linguagem para interagir com o leitor através dessa crônica, fez representações de si e dos acontecimentos que marcaram sua trajetória de cronista desde 1920, quando ainda jovem, em seu primeiro emprego no jornal, até 29 de setembro de 1984, data em que publica a crônica *Ciao*, momento em que se despede do jornal e dos leitores. Construiu um mundo discursivo ancorado no passado para narrar os acontecimentos, em certo momento, reproduz diálogos estabelecido entre os personagens, cujo conteúdo é acessível ao mundo ordinário desses personagens na interação de linguagem, e apresenta referencias dêiticas que integram os parâmetros da ação de linguagem ao próprio conteúdo. Em outros segmentos, o narrador expõe seu conhecimento teórico sobre o tema "crônica" e os "tipos de cronistas" o explica de maneira lógica, ao seu ponto de vista.

Vejamos uma possibilidade de análise dos segmentos de tipos de discursos constituintes da crônica *Ciao*. Buscamos identificar sua organização do ponto de vista linguístico-discursivo e os efeitos de sentidos provocados pelas escolhas dos recursos linguísticos que semiotizam os tipos de discursos articulados em sua composição.

Quadro 11: 1º Momento: Representação do momento em que o personagem inicia sua trajetória de cronista profissional

Segmentos dos tipos de discurso na crônica *Ciao*	**Marcas Linguísticas e organização textual**	**Efeitos**
Narração		

***Há 64** anos, um adolescente fascinado por papel impresso notou que, no andar térreo do prédio onde morava, um placar exibia **a cada manhã** a primeira página de um jornal modestíssimo, porém jornal. Não teve dúvida. Entrou e ofereceu os seus serviços ao diretor, que era, sozinho, todo **o** pessoal da redação. O homem olhou-**o**, cético e perguntou:* *(...)*	Origem temporal situada em outro lugar, distante dos agentes na interação verbal. Narrador em terceira pessoa. Verbos no pretérito perfeito. Organizadores textuais (locuções adverbias, advérbios, pronome demonstrativos de lugar) que marcam o tempo e o espaço distante da situação de produção do discurso.	O autor faz uma retrospectiva de como iniciou sua carreira de cronista. Para isso, criou um mundo discursivo ancorado no passado e um narrador que o apresenta. O narrar desenvolvido em 3ª pessoa produz um efeito de distanciamento e independência entre os acontecimentos verbalizados e o mundo ordinário dos personagens (cuja representação coincide com a história real do próprio autor "representado"). A origem temporal e os verbos no tempo passado expressam anterioridade, ações acabadas; Já o organizador temporal expressa a frequência e o período em que ocorre o acontecimento expresso. As ações são organizadas em ordem cronológica e de forma objetiva, sua compreensão não depende do conhecimento das condições de produção. A inserção do verbo "perguntou" acompanhado pelo sinal de pontuação dois pontos (:) ilustra e introduz uma interação verbal encenada que irá se encaixar nesse segmento.
Discurso interativo *- Sobre o que pretende escrever?* *- Sobre tudo. Cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível.*	A compreensão do discurso interativo depende do discurso principal em que está encaixado. O conteúdo temático está organizado próximo aos agentes colocados na cena, cuja introdução foi ilustrada no segmento de Narração que antecede. Utilização do discurso direto. Uso de travessão Alternância dos turnos de fala. Sequência dialogal. Verbo no tempo presente.	O narrador reproduz um trecho da conversa efetivada pelos personagens (o adolescente e o diretor do jornal) para enfatizar o momento, e demostrar seu desejo, entusiasmo e disposição para escrever sobre qualquer assunto. Para isso, utiliza recursos do discurso direto para encenar o diálogo entre o diretor do jornal e o Carlos Drummond adolescente.
Narração		
*O diretor, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer o jornal para **ele**, praticamente de graça, topou. Nasceu **aí**, na velha **Belo Horizonte** dos **anos 20**, um cronista que **ainda hoje**, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas croniquices.*	O conteúdo temático organizado à distância dos agentes na interação verbal. -Organizadores espaço-temporais; - Verbos no tempo passado; - Pronome de 3ª pessoa; - O Verbo no presente, (comete) relaciona-se ao tempo da narrativa.	Ilustra como, onde e quando o agente representado (C. D. A) tornou-se cronista profissional. Marca o fechamento da procura pelo serviço e inicia As marcas de tempo presente indicam que a ação que se iniciou no passado se estendeu até o momento. Um efeito de atualidade para dizer que o cronista continua escrevendo crônicas.

Fonte: autora com base na crônica *Ciao* (ANDRADE, 1984), e no método de análise de texto (BRONCKART, 1999.

Quadro 12: 2º Momento: Representação da trajetória do cronista personagem (Carlos Drummond de Andrade) e a memórias de acontecimentos que serviram de assuntos para outras crônicas

Segmentos de tipos de discursos na crônica *Ciao*	**Marcas linguísticas e organização textual**	**Efeitos**
Narração	- Ausência de dêiticos de agentividade e de marcadores espaço-temporais; Verbos no tempo Passado. Verbos no tempo presente e passado com valor genérico, estilístico (não têm valor dêiticos).	Explicar, defender um ponto de vista. O narrador corrige, argumenta e justifica o "erro" ao empregar o verbo "*comete*" no tempo presente. Enfatiza que já está na hora de o cronista encerrar a carreira profissional e despedir-se dos leitores "pendurar as chuteiras". O narrador atualiza o narrar no tempo e no espaço (*chegou o momento*) para expressar seu ponto de vista sobre a despedida do cronista, considerando o momento oportuno para dizer adeus aos leitores.
*Comete é tempo errado de verbo. Melhor dizer: cometia. Pois **chegou o momento** deste **contumaz rabiscador** de letras pendurar as chuteiras (que na prática jamais calçou) e dizer aos leitores um ciao-adeus sem melancolia, mas oportuno.*		
Narração	O verbo de 1ª pessoa não constitui um dêitico ao autor, mas sim, um a relação de identidade entre o narrador e o personagem. Os verbos no tempo presente – Elementos da narrativa. Constitui uma variante da narração.	O narrador acredita que o personagem está satisfeito por ter passado tantos anos exercendo o oficio de cronista. Apresenta alguns acontecimentos históricos testemunhados pelo cronista ao longo de sua trajetória e que lhe serviram de assuntos para suas crônicas. (assistiu sentado e escrevendo). O narrador fala como alguém que acompanhou de perto a trajetória e sabe inclusive, o tipo de comportamento e as emoções despertadas diante dos fatos. A exploração dos verbos no passado indica que os acontecimentos não ocorreram concomitante ao mesmo tempo em que ocorria a interação verbal, a escrita da crônica. Na declaração "*as pequenas alegrias do cotidiano, **abertas** a qualquer um, que **são** certamente as melhores."* Acentua o assunto da crônica, temas ligados ao cotidiano. O conteúdo relaciona-se ao cronista personagem com base em acontecimentos passados. Os verbos no passado indicam conclusão de ações e dos acontecimentos. Os verbos no presente representam ideias subjetivas do narrador. A ânfora retoma o termo *leitor.*
*Creio que ele pode gabar-se de possuir um título não disputado por ninguém: o de mais velho cronista brasileiro. Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de 11 presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um bisado), sem contar as altas patentes militares que se atribuíram **esse** título. Viu de longe, mas de coração arfante, a Segunda Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares frustrados, mas renascidos,os ismos de vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelos homens; as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um, que **são** certamente as melhores. Viu tudo isso, ora sorrindo ora zangado, pois a zanga tem seu lugar mesmo nos temperamentos mais aguados. Procurou extrair de cada coisa não uma lição, mas um traço que comovesse ou distraísse o leitor, fazendo-**o** sorrir, se não do acontecimento, pelo menos do próprio cronista,*		

que às vezes se torna cronista do seu umbigo, ironizando-se a si mesmo antes que outros o façam.		

Fonte: autora com base na crônica *Ciao* (ANDRADE, 1984), e no M*étodo de análise de texto* (BRONCKART, 1999).

Quadro 13: 3º Momento: O narrador reflete e argumenta sobre a crônica, sua função social e o papel do cronista

Segmentos de tipos de discurso na crônica *Ciao*	**Marcas linguísticas**	**Efeitos**
Discurso Teórico	Ausência da origem espaço-temporal e organizadores Temporais. - Verbos no tempo presente; - Anáforas pronominais e nominais. -Procedimentos metatextuais; -Frases passivas.	O narrador declara que a crônica, ou melhor o cronista leva vantagem se comparado com outros profissionais do jornal. Argumenta sobre o tema com impessoalidade e apresenta verdades, ao seu ver, incontestáveis; A compreensão do segmento de discurso teórico não exige conhecimento dos parâmetros da ação de produção. Os verbos no presente a tornam atuais as informações. enquanto as frases passivas e o pronome pessoal referem-se não aos agentes, mas sim, ao tema.
Crônica tem **essa** vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, **forçado** a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem **a** faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que **ele** acontece; dispensa a especialização **suada** em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa.		
Discurso Misto Interativo-teórico	Ausência da origem espaço-temporal e organizadores temporais; Verbos no tempo presente; - Nesse segmento há uma fusão dos tipos de discursos; Presença simultânea de unidades linguísticas dos dois tipos de discursos:	O narrador confunde-se com o personagem que tem relação com o autor empírico Carlos Drummond de Andrade para expor seu conhecimento sobre o assunto, argumentar e defender seu ponto de vista sobre a função social da crônica e o papel do cronista.
*Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., **mas** a crônica de que estou falando é **aquela** que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que cobramos dos **outros**. O que lhe pedimos é uma espécie de*		

loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em <u>nós</u> a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito. ***Claro*** *que ele* ***deve ser*** *um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não <u>compreendo</u>, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo,* ***porque*** *a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso* ***seria*** *pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação* ***é*** *limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.*	Discurso interativo (as palavras sublinhadas) Verbos na 1ª pessoa, no tempo presente; -Discurso teórico (palavras em negrito); - - Organizadores textuais; - Modalizações logicas; - Procedimento metatextual; - Verbos no futuro do pretérito; Anáforas nominais;	Traz informações que são ao seu ver, verdadeiras, incontestáveis, independentes da situação de produção, mas, ao mesmo tempo, na ausência imediata de um destinatário, o considera compartilhando da ideia expondo seu ponto de vista e antecipando suas objeções. Os verbos no tempo presente sincronizam a organização do conteúdo no tempo da diegese, e tornam as informações atuais, lógicas. E, os organizadores textuais assumem valor argumentativo.
Segmento de Narração entrecortado por segmento de Discurso interativo *Com esse espírito, a tarefa do croniqueiro estreado no tempo de Epitácio Pessoa (algum de vocês já teria nascido nos anos a.C. de* ***1920****? duvido) não <u>foi</u> penosa e <u>valeu</u>-l****he*** *algumas doçuras. Uma delas ter <u>aliviado</u> a amargura de mãe que perdera a filha jovem. Em compensação alguns anônimos e inominados* ***o*** *<u>desancaram</u>, como a* ***lhe*** *dizerem: "É para você não ficar metido a besta, julgando que seus comentários <u>passarão</u> à História". Ele <u>sabe</u> que não passarão.* ***E daí?*** *Melhor aceitar as louvações e esquecer as descalçadeiras.*	Marcas de Narração: - Origem temporal situada no passado, anos 20; - Verbos no tempo passado; - Ausência de dêiticos de agentividade, de espaço e/ou tempo; - Anáfora pronominal - Os Verbos no tempo futuro (projeção Marcas de discurso interativo - Pronome de 2ª pessoa remetendo ao interlocutor, leitor; - Frase não declarativa, interrogativa; - Verbos no tempo presente; - Reprodução de fala por meio de discurso direto citado entre aspas, e do discurso indireto livre;	O narrador, para expressar que o cronista não é mais um jovem faz referências ao tempo e a história. Situa sua estreia como cronista no tempo em que Epitácio Pessoa foi o presidente da república. Afirma que o cronista conseguiu pelo menos algumas vezes, alcançar seu objetivo ao produzir crônicas. Mesmo sabendo que não agradou a todos prefere ficar com as melhores lembranças. A expressão temporal determina o início da trajetória do cronista, enquanto os verbos no tempo passado apresentam as ações verbalizadas já concluídos em outro tempo. As anáforas referem-se ao cronista tematizado na crônica. O narrador ao dialogar com os leitores, mais uma vez declara sobre a idade do cronista que estreou quando eles ainda não eram nascidos. Os verbos no presente atualizam os fatos narrados; Já os verbos no tempo futuro tecem projeção negativa sobre o tempo de duração da crônica. A fala reproduzida entre aspas é voz de leitores insatisfeitos com as crônicas e com o cronista.

Narração Foi o que esse outrora-rapaz fez ou tentou fazer em mais de seis décadas. Em certo período, consagrou mais tempo a tarefas burocráticas do que ao jornalismo, porém jamais deixou de ser homem de jornal, leitor implacável de jornais, interessado em seguir não apenas o desdobrar das notícias como as diferentes maneiras de apresentá-las ao público. Uma página bem diagramada causava-lhe prazer estético; a charge, a foto, a reportagem, a legenda bem feitas, o estilo particular de cada diário ou revista eram para ele (e são) motivos de alegria profissional.	Organizadores temporais; - Verbos no tempo passado; -Anáforas pronominais e anáforas nominais; - Frases declarativas;	Os verbos no passado e os organizadores temporais colocam os acontecimentos verbalizados em outro tempo e espaço – NARRAR; A ausência de dêiticos; e a presença de frases declarativas e das anáforas não relacionam o agente produtor ou o narrador aos acontecimentos verbalizados. Mais uma vez, o narrador chama a atenção para o longo tempo de produção do cronista "por mais de seis décadas". Tematiza o trabalho como funcionário público fora dos jornais e enfatiza seu fascínio pelas atividades ligadas ao jornal.
Narrativo-teórico *As duas grandes casas do jornalismo brasileiro ele se orgulha de ter pertencido ao extinto Correio da Manhã, de valente memória, e o Jornal do Brasil, por seu conceito humanístico da função da Imprensa no mundo.* ***Quinze anos*** *de atividade* ***no primeiro*** *e* ***mais 15,*** *atuais,* ***no segundo****, alimentarão as melhores lembranças do velho jornalista.*	Narrativo-teórico - Verbo no tempo passado; - Organizadores temporais; - Organizadores metatextuais; - Frases declarativas Os verbos no presente e no futuro indicam simultaneidade e projeção, (não possuem valor dêitico).	Narra a participação do cronista em dois grandes jornais, situando que no momento, faz parte do *Jornal do Brasil*. Faz comentários lógicos ao se referir a cada um dos jornais. Explora o verbo orgulhar no tempo presente para exprimir o prestígio dos jornais e a alegria do cronista em ter feito parte. As lembranças desses 30 anos trabalhando no jornal constituem as melhores lembranças do agora "velho jornalista".
Segmento de narração e segmento de discurso interativo *E é por admitir esta noção de velho, consciente e alegremente, que ele* ***hoje*** *se despede da crônica, sem se despedir do gosto de manejar a palavra escrita, sob outras modalidades, pois escrever é sua doença vital,* ***já agora*** *sem periodicidade e com suave preguiça. Ceda espaço aos mais novos e* ***vá cultivar*** *o seu jardim, pelo menos imaginário.* *Aos leitores, gratidão,* essa palavra-tudo.	- Organizadores temporais; (Os verbos no tempo presente constituem o tempo da narrativa); Já no discurso interativo: - As frases no imperativo	O narrador justifica a despedida do cronista, e ressalta que é com alegria que ele se despede da crônica e do compromisso de escrever periodicamente. Contudo, afirma que este, enquanto viver, continuará escrevendo Para finalizar, atualizam-se no tempo e no espaço e o narrador compreende que já está mesmo na hora de despedir-se e impera ao cronista que ceda o cargo e vá descansar. Sincroniza o tempo da ação de linguagem ao tempo da diegese. Finaliza o texto agradecendo aos leitores.

Fonte: autora com base na crônica *Ciao* (ANDRADE, 1984), e no método de análise de texto (BRONCKART, 1999)

A análise apresentada clarifica que os tipos de discursos são configurações linguísticas constituintes dos gêneros, e a crônica pode mobilizar mais de um tipo de discurso, além de suas variantes e fusões dos tipos. Nota-se também que cada segmento de discurso apresenta suas unidades linguísticas típicas, coocorrentes nos tipos de discursos. E as escolhas linguísticas produzem os efeitos de sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto que ora finalizamos representa parte do trajeto dessa professora pesquisadora durante o curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), resultando em uma experiência enriquecedora que modificou a forma de olhar para o texto e para o contexto da sala de aula.

Essa pesquisa embasada nos pressupostos teórico-metodológicos do ISD se propôs a investigar como a leitura e análise dos tipos de discursos em textos do gênero crônica podem contribuir para o desenvolvimento das capacidades de linguagem e da compreensão leitora dos aprendizes. Nessa perspectiva, dialogamos sobre as concepções de ensino e aprendizagem de uma língua a partir do texto, configurado em gênero de texto de acordo com suas finalidades.

Entendemos que um gênero antes de se tornar objeto de ensino precisa ser didatizado e, para isso, a metodologia da Engenharia Didática desenvolvida pelos pesquisadores genebrinos orienta os procedimentos metodológicos necessários para que um gênero de texto, a princípio, social e comunicativo torne-se um gênero a ser ensinado e aprendido na escola. Pois, o processo de modelização didática, delimita os conhecimentos ensináveis e a sequência didática organiza as atividades de modo sistemático com o objetivo de desenvolver as capacidades de linguagem dos aprendizes.

A realização dessa pesquisa confirma que a crônica é um excelente gênero de texto para trabalhar em sala de aula, pois além de atrativo por seu tamanho curto e linguagem simples, aborda temáticas diversificadas possibilitando o leitor mobilizar diferentes capacidades de linguagem ao buscar compreender o sentido do texto estabelecendo relações com o contexto de produção, com os elementos da narrativa e as diversas possibilidades discursivas, bem como, os efeitos de sentido produzidos pelas escolhas linguísticas-discursivas. O aluno, ao ser seduzido pela leitura da crônica, pode se interessar em buscar compreender mais sobre o contexto sócio-histórico e cultural em que foi produzida ampliando seu leque de conhecimentos.

A leitura e análise de crônicas na perspectiva interacionista sociodiscursiva oportuniza o aprendiz a realizar as diversas operações de linguagem no plano do contexto e do conteúdo, do planejamento e organização e, da textualização e morfossintaxe, essas mobilizações favorecem o desenvolvimento de suas capacidades de linguagem (CRISTÓVÃO, 2010).

Nas crônicas é possível compreender os parâmetros do contexto relacionados ao mundo ordinário do agente produtor e ao mundo ordinário dos personagens, e na perspectiva

do texto, a organização do conteúdo pode ser situada próxima dos agentes, o narrador e/ou os personagens postos em cena – mundo EXPOR, ou a distância – mundo do NARRAR. Pode apresentar ou não, marcas que remetem diretamente aos agentes, ao espaço e ao tempo da interação verbal, configurando a implicação ou a autonomia, características importantes na classificação dos tipos de discursos. Assim, as crônicas podem ser constituídas por quaisquer tipos de discursos, inclusive, por variantes e fusões dos tipos.

A metodologia da Engenharia Didática contribui significantemente com os processos de ensino de ensino e aprendizagem, norteando o professor na elaboração e organização de materiais didáticos, bem como, no desenvolvimento e sistematização das atividades. Quanto à metodologia qualitativo-interpretativa, observamos que dialoga com o método de análise do ISD, pois reconhece que "não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes" (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32), e a capacidade de compreensão depreende dos conhecimentos de mundo junto às capacidades de linguagem desenvolvidas ao longo dos processos de interação social e verbal.

Para avaliar a mobilização das capacidades de linguagem nos processos de leitura e análise das crônicas consideramos os preceitos da avaliação formativa (NASCIMENTO, 2010), observando como são feitas as representações do contexto – capacidade de ação CA, e na infraestrutura do texto, como é apresentado o resumo, a compreensão do plano geral, e, a identificação os tipos de discursos – as capacidades discursivas CD, e o uso e apreensão dos efeitos de sentido provocados pelas escolhas linguístico-discursivas - capacidade linguístico-discursiva CLD. As observações devem ser feitas em todas as etapas, a fim de perceber as dificuldades apresentadas e fazer as mediações e intervenções necessárias à compreensão do texto e ao desenvolvimento das capacidades de linguagem.

Ressaltamos que as atividades elaboradas não foram aplicadas em sala de aula devido à crise sanitária causada pelo coronavírus (COVID-19), ficando, portanto, propositivas, conforme pondera a resolução n.º 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 2 de junho de 2020, determinada pelo programa PROFLETRAS. Assim, as impressões a respeito da mobilização e desenvolvimento das capacidades de linguagem foram analisadas com base nas aptidões requeridas à própria pesquisadora.

Por fim, essa pesquisa reforçou a importância de o professor ser pesquisador, produzir e adaptar ferramentas que favoreçam o desenvolvimento das capacidades de linguagem e, consequentemente, promover uma melhor atuação social.

REFERÊNCIAS

ABREU-TARDELLI, Lilia Santos; APOSTOLO, Malu Ciencia. **O papel do modelo didático de gêneros textuais no ensino de línguas.** Calidoscópio Vol. 16, n. 3, p. 361-368, set/dez 2018 Unisinos - DOI: 10.4013/cld.2018.163.01

ANDRADE, Carlos Drummond de. Como Comecei a Escrever. In: **Para gostar de ler**. 4ª. ed. Crônicas. Editora Ática. São Paulo. 1980

ANDRADE, Carlos Drummond de. Recalcitrante. In: **De notícias e não notícias faz-se a crônica**. 10.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 39-40. Disponível em: www.companhiadasletras.com.br/trechos/13494.pdf . Acesso em: 18 abr. 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O Frívolo Cronista. In: **Boca de luar.** 1ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2014. p. 114-117.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Ciao. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Carlos Drummond de Andrade, São Paulo, n. 27, p. 54-55, out. 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A música popular entra no paraíso. 1980.

ARAÚJO, Nukácia M. S. A avaliação de objetos de aprendizagem para o ensino de língua portuguesa: análise de aspectos tecnológicos ou didático-pedagógicos? In: ARAÚJO, Júlio; ARAÚJO, Nukácia. **Ead em tela**: docência, ensino e ferramentas digitais. Campinas: Pontes, 2013.

ARRIGUCCI JR., Davi. Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

BASTOS, Dilza Ramos. **Em Busca de uma Metodologia de Análise Documentária para as Crônicas Jornalísticas de Carlos Drummond de Andrade.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, Universidade Federal Fluminense – UFF. 2006.

BARROS, Eliana M. Deganutti de. **A capacidade de ação discursiva: representações do contexto de produção em situação de ensino-aprendizagem da escrita** Trab. linguist. apl. vol.54 no.1 Campinas jan./jun. 2015 disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318134438146041. Acesso em: nov. 2020.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. O agir linguageiro e a prática de produção textual na escola. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 1, p. 77-94, jan./abr. 2015.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais: a sequência didática como instrumento de mediação**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina/PR, 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2012.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. 1ª ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, Educ. 2009.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2ª ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, Educ, 1999/2009.

BRONCKART, Jean Paul. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. São Paulo: Mercado de Letras, 2008a.

BRONCKART, Jean Paul. Sobre linguagem, ação-trabalho e formação: as contribuições da démarche ISD: entrevista com Jean-Paul Bronckart. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, nº 47, p. 273-286, jun, 2008b.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Mercado de Letras: São Paulo, 2006.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo.** Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. reimpressão. São Paulo: EDUC, 2003.

CACILHO, M. A. **Gêneros digitais no ensino de língua portuguesa: análise de material apostilado.** 2016. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Centro-Oeste.158 f., 2016.

CANDIDO, Antônio. A vida ao Rés-do-chão. In.: **A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.13-22.

CANDIDO, Antônio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas, SP: UNICAMP. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHO, José R. Leitura e produção textual no espaço escolar. Niterói: Muiraquitã, 2002.

COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COSCARELLI, Carla V.; NOVAIS, Ana Elisa. **Leitura: um processo cada vez mais complexo**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul.-set. 2010.

COSCARELLI, Carla V. Entendendo a leitura**.** Revista de **Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: UFMG. v. 10, n. 1, p.7-27, jan./jun. 2002.

COSTA, C. **Pena de aluguel: escritores e jornalistas no Brasil 1904-2004**. SP: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Vol 6. 7.ed. São Paulo: Global, 2004ª

COUTINHO, Afrânio. "Ensaio e crônica". In: --- (Dir.); COUTINHO, E. F. (Co-Dir.). **A literatura no Brasil**. v. 6. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro, 1971

CRISTOVÃO, V. L. L.; STUTZ, L. **Sequências didáticas**: semelhanças e especificidades no contexto francófono como L1 no contexto brasileiro como LE. In: SZUNDY, Paula Tatianne Carréra et al (Org.). **Linguística Aplicada e Sociedade**. Ensino e Aprendizagem de Línguas no Contexto Brasileiro. Campinas, SP.Pontes Editores, 2011

CRISTÓVÃO, V. L. L. Gêneros textuais e educação inicial do professor de língua inglesa. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 10, n. 3, p. 705-734, set./dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322010000300013. Acesso em: 18 abr. 2021.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. **Gêneros Textuais: Teoria e Prática II**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

CRISTÓVÃO, V. L. L. Modelo Didático de Gênero como instrumento de formação de professores. In: Meurer, José Luiz; Motta-Roth, Désirée (orgs). **Gêneros Textuais e práticas discursivas – Subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

CRISTÓVÃO, V. L. L. **Gêneros e ensino de leitura em LE**: os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo

DIONISIO, Ângela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: Luiz Antonio Marcuschi; Angela Paiva Dionísio. (Orgs.). **Fala e escrita**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DOLZ, Joaquim. Ensinar a língua portuguesa: da sequência didática ao (s) itinerário (s) de ensino. In: Encontro Internacional do Interacionismo Sociodiscursivo, 4, Porto Alegre, 2019. Anais. Porto Alegre, [s.n.]

DOLZ, Joaquim. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. Revista Delta, nº32.1/237-260 Disponível em: https://doi.org/10.1590/010244503217262875205 41 Acesso em: 24 out. 2020.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça B. B Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos. **Psicol. Reflex. Crit.,** Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2005. Disponível em https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300005. Acesso em: 16 ago. 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 15. ed. São Paulo: Autores Associados, 1986.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 6. Ed. Paz e Terra, 1982.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 03, p. 335-352, dez. 2010.

GOMES, Carlos Magno Santos. O modelo cultural de leitura. ***Nonada*** Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, n. 18, p. 167-183, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Ações Internacionais**: PISA Resultados 2015. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa_2015_brazil_prt.pdf. Acesso em: jun. 2020.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor**: **Aspectos Cognitivos da Leitura** - 8ª Ed. – Campinas, SP: Pontes, 2002.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995. p. 15-61.

LENHARO, R. I. **Participação social por meio da música e da aprendizagem de língua inglesa em um contexto de vulnerabilidade social**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

LEURQUIN, E. V. L. O espaço da leitura e da escrita em situação de ensino e de aprendizagem de português língua estrangeira. In: **Eutomia,** Recife, 14 (1): 167-186, dez. 2014. Disponível em: http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/755. Acesso em: 6 nov. 2020.

LOUSADA, Eliana Gouvêa. **Abordagens metodológicas em estudos discursivos**. São Paulo: Paulistana, 2010.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V.L. A Construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. In: _____. **Linguagem e educação: o ensino e aprendizagem dos gêneros textuais**. Organização Lília Santos Abreu-Tardelli e Vera Lúcia Lopes Cristóvão. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 123-151.

MACHADO, Anna Rachel. 2007. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, A.M. de M.; MACHADO, A.R.; COUTINHO, A. (Org.). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas: Mercado das Letras. p. 77-100.

MACHADO, Anna Raquel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia. **A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros**. Linguagem em (Dis) curso. Tubarão/SC, v.6, n.3, p.547-573, set./dez. 2006.

MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 258-259.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão de textos: algumas considerações. In: DIONISIO, Ângela e BEZERRA, Auxiliadora. O Livro Didático de Língua Portuguesa: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008. p. 46-59.

MARTINS, R. A. F. ou LEÃO, Ricardo (pseudônimo literário). **A obra cronística de Carlos Drummond de Andrade: impressões e visões sobre a sociedade, a cultura e o cotidiano brasileiro.** Estação Literária, v. 11, p. 119-135, 2013.

MIRANDA, Florência. 2008. Géneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do interaccionismo sociodiscursivo: que relações? Estudos Linguísticos / Linguistic Studies nº 1, julho de 2008, p. 81-100

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. v. 2. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

MOISÉS, Massaud. **Dicionários de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1999.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. Gêneros escolares: das práticas de linguagem aos processos de desenvolvimento humano. In: FERNANDES, Luiz Carlos (Org.). **Interação**: práticas de linguagem. Londrina: EDUEL, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli.et al. **Leitura perspectivas interdisciplinares**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2005, 115

PONTARA, C. L. **Gêneros textuais e sequência didática propiciando um ensino significativo de análise linguística e expressão escrita em língua inglesa**. 2015. 444 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RAMALHO, Christina Bielinski. **Retratos do cotidiano: a crônica em três vozes**. 2012. <https://doi.org/10.28998/rl.v1i49.948. Acesso em: 8 nov. 2020.

SACCOL, Amarolinda Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em Administração. **Revista de Administração da UFSM**, v. 2, p. 277-300, 2009.

SANTANA, Catiana S. Correia; CARVALHO, J. Ricardo. Crônica de humor: Objeto de ensino-aprendizagem na perspectiva do Interacinismo Sociodiscursivo. 2016.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-moderno. **Revista Famecos**, Porto Alegre, dez. 2003, p. 23-32. Conferência proferida pela Prof.ª Dr.ª Lucia Santaella (PUC/SP) durante o **4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**. Recife, nov. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vzlhvVHLE1s. Acesso em: 28 ago. 2014.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: ____ (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p.71-91.

SILVA, Célia Sebastiana. Consciência crítica na prosa de ficção de Carlos Drummond de Andrade. Brasília: Departamento de Teoria e Literatura, UnB, 2006.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008. Acesso em: 24 jun. 2016.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Drummond o gauche no tempo**. Rio de Janeiro: Lia, 1972.

SANTOS, Leonor W. dos. Leitura na escola: como estimular os alunos a ler. In: TAVARES, K.; BECHER, S.; FRANCO, C. (Orgs.). **Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011, p. 64-83. Disponível <http://www.lingnet.pro.br/pages/ebooks-lingnet.php> acesso em: 13, out. 2020.

STUTZ, L.; CRISTOVÃO, V. L. L. Políticas educacionais nas prescrições para o Ensino Médio: dimensões para o ensino de leitura. **Letras & Letras**, v. 33, n. 2, p. 35-63, 8 nov. 2017.

TAVARES, K.; Leitura na escola: como estimular os alunos a ler. In: TAVARES, K.; BECHER, S.; FRANCO, C. (Orgs.). **Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011, p. 6483. Disponível em: http://www.lingnet.pro.br/pages/ebooks-lingnet.php. Acesso em: 24 mai. 2020.

WERNECK, Humberto. Croniqueiro maior. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Carlos Drummond de Andrade, São Paulo, n. 27, p. 99-109, out. 2012.

APÊNDICES

Apêndice A

SINOPSE DAS ATIVIDADES

Quadro 3: Sinopse das atividades de leitura e interpretação inicial

MOMENTOS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Momento 1 **Pré-leitura**	- Apresentar a imagem do escritor e perguntar se o conhecem; - **A**ssistir a um vídeo documentário apresentado pela *TV Cultura*, que se encontra disponível no *Youtube*, https://youtu.be/kMZHoLdfLVo No qual o próprio Drummond, estudiosos, parentes e amigos o apresentam e comentam sobre sua história de vida, seus textos, o ato de escrever etc; - Fazer questionamentos oralmente induzindo-os a acionar os conhecimentos prévios e despertar o interesse para as leituras.	- Perceber a opinião de especialista sobre seus escritos; - Reunir informações sobre o escritor Carlos Drummond de Andrade; - Conhecer características da crônica e o papel do cronista nas palavras do próprio cronista; - Entender o contexto de produção das crônicas - Conhecer o contexto de recepção da leitura (conhecimentos prévios sobre o gênero crônica e o cronista);
Momento 2 **Leitura I**	- Leitura da biografia do escritor Carlos Drummond de Andrade e das crônicas *Como Comecei a Escrever* e *Ciao.* - Responder os questionários sobre a leitura da biografia;	- Confrontar as informações apresentadas na biografia às informações apresentadas no vídeo.
Momento 3 **Leitura II**	- Leitura da crônica *Como Comecei a Escrever (1973).* - Responder os questionários sobre a leitura.	Identificar no conteúdo das crônicas informações relacionadas à própria vida do cronista. - Conhecer os parâmetros físicos do contexto de produção; - Distinguir autor e narrador;
Momento 4 **Pós-leitura**	- Socialização das respostas oralmente; (correção das atividades) - Discursão oral para **i**ntroduzir as noções de mundos discursivos, narrador e autor empírico;	- Conhecer a função do narrador nos textos; - Reconhecer que é possível narrar em 1ª e em 3ª pessoa (formas de projeção enunciativa); - Perceber que o conteúdo temático de um texto é resultado das representações sociais e psicológicas do agente mediante seus objetivos;

Fonte: autora

Quadro 4: Sinopse das atividades dos módulos

MÓDULOS	METODOLOGIA	OBJETIVOS
Módulo I	- Apresentar a crônica *Ciao* em seu suporte original, o jornal, chamar atenção para a distribuição do	- Identificar o assunto tratado no texto; - Identificar os personagens;

Análise da infraestrutura textual – O plano geral do texto na crônica *Ciao*	texto, o título e a assinatura do autor empírico. (Perguntar se conhecem o significado da palavra *Ciao*). - Leitura silenciosa da crônica. - Responder as questões de compreensão e interpretação.	- Reconhecer qual é o tipo de crônica; - Diferenciar o mundo ordinário do autor empírico do mundo ordinário do narrador e dos personagens; - Explorar as operações de contextualização, de planejamento e organização; -Identificar se o conteúdo temático está relacionado ao mundo do EXPOR ou do NARRAR; - Perceber que a crônica se constitui de mais de um tipo de discurso;
Módulo II A infraestrutura textual das crônicas: Os tipos de discursos - Buscando articular a atividade de leitura à análise linguística	1) leitura e análise da crônica *Recalcitrante (1974).* - Apresentar o título e perguntar se conhecem o valor semântico; - Fazer a leitura silenciosa; - Responder as atividades de compreensão e interpretação da crônica. 2) Leitura e análise da crônica *A música popular entram no paraíso.* - Antes da leitura, conversar com os alunos sobre Vinícius de Moraes (mostrar uma imagem e perguntar se conhecem, se já ouviram falar, se leram ou ouviram algumas de suas composições. Fazer um resumo comentando sobre o poeta). - Apresentar um vídeo que se encontra disponível no Youtube, no qual o poeta canta com Tom Jobim a canção *Se todos fossem iguais a você.* - Apresentar o título da crônica ***A música popular entra no paraíso (1980)*** e instigar a levantar hipóteses sobre quais temas serão abordados nessa crônica. - Acompanhar a leitura da crônica que será lida pelo professor ou um aluno (a), em voz alta. Em seguida, responder a atividade de compreensão e análise discursiva; 1)	- Contextualizar o assunto da crônica; - Motivá-los para a leitura; - Identificar os personagens e o conteúdo temático; - Identificar, pelas características, qual é o tipo de crônica; - Perceber os elementos que constituem a narrativa (enredo, cenário, os personagens); - Identificar o mundo discursivo criado (EXPOR ou NARRAR); - Perceber o papel das unidades linguísticas na criação dos mundos discursivos e consequentemente, dos tipos de discursos; - Identificar os tipos de discursos e a forma como estão articulados;

	3) Análise dos tipos de discursos nos segmentos da crônica *A música popular entra no paraíso.*	
Módulo III Leitura e análise de crônicas – Socialização das compreensões sobre os tipos de discursos e os possíveis efeitos na construção do sentido.	- Leitura da crônica O *Frívolo Cronista* (1984), realizar as atividades de compreensão e análise do contexto e dos tipos de discursos. - Leitura da crônica *Ciao* (1984), realizar a atividade de análise dos tipos de discursos preenchendo as tabelas considerando o quadro para análise do contexto de produção e, o quadro para análise das unidades linguísticas que semiotizam os tipos de discursos. - Leitura das análises do contexto de produção e dos tipos de discursos das crônicas.	- Compreender como o autor mobiliza seus conhecimentos para criar um mundo discursivo, organizando o conteúdo próximo ou distante, CONJUNTA ou DISJUNTA do mundo dos agentes na interação; - Compreender como os agentes se inscrevem ou não na verbalização do conteúdo determinando IMPLICAÇÃO/AUTONOMIA.

Fonte: autora com base em Bronckart (1999)

Apêndice B

ATIVIDADES SOBRE O GÊNERO CRÔNICA

1.Vimos que a crônica mesmo apresentando características múltiplas e às vezes híbrida apresenta certas regularidades. Sobre as características mais ou menos estáveis da crônica, marque as proposições corretas:

(x) Linguagem leve, simples, semelhante a uma conversa.
(x) Tem como assunto os acontecimentos cotidianos.
( ) O cronista não pode expressar sua opinião.
(x) Gênero narrativo que pode apresentar fatos reais e de ficção.
( ) O narrador narra sempre em 1ª pessoa.
(x) situada entre o jornalismo e a literatura.

2.Vimos que a crônica pode se apresentar em diversas roupagens. Os tipos de crônicas se caracterizam pela forma como o autor cria o mundo discursivo para apresentar o conteúdo, pela finalidade pretendida, o uso de recursos linguísticos e os diferentes efeitos que podem gerar, entre outros. Agora, vamos compreender como identifica-la de acordo com suas caraterísticas. Antes, vamos associar alguns tipos de crônicas às suas características? Assim, podemos perceber o que já sabemos sobre os tipos e as características das crônicas. **Associe os tipos de crônicas às suas características, funções e/ou efeitos:**

a. Crônica narrativa
b. Crônica histórica
c. Crônica humorística
d. Crônica metafisica
e. Crônica metalinguística
f. Crônica jornalística
g. Crônica lírica ou poética
h. Crônica descritiva
i. Narrativa-descritiva
j. crônica dissertativa

(h) Explora os detalhes de objetos, lugares, personagens etc.
(e) O autor escreve para falar do ato de escrever, utiliza a crônica para falar da crônica.
(g) Linguagem poética, metafórica, expressa emoções e sentimentos.
(j) O fato ou acontecimento é apresentado pela perspectiva pessoal do narrador, opinião explicita, com argumentação mais sentimentalistas que racional.
(b) Relata fatos ou acontecimentos históricos situados no espaço e tempo bem definidos.
(i) Narra o acontecimento e dar detalhes da ação, dos personagens ou do cenário.
(c) Utiliza a ironia, o humor e o sarcasmo para tratar de assuntos que impactam a sociedade, como política e economia, tornando-os cômicos.
(a) Apresenta elementos da narração: narrador, personagens, cenário/espaço e tempo onde o acontecimento se desenvolve. Geralmente, apresenta diálogos entre os personagens.
(f) Apresenta a notícia e argumenta provocando uma reflexão acerca do conteúdo. Tem características narrativa e argumentativa.
(d) Reflete filosoficamente sobre acontecimentos e comportamentos do ser humano.

Apêndice C

COMPREENSÃO DA BIOGRAFIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

a) No plano geral do texto, qual é o assunto dessa biografia? (um resumo do conteúdo). R. Acontecimentos da vida e obra do escritor Carlos Drummond, personagem da biografia.
b) Que tipo de acontecimentos são explorados na biografia (familiar, profissional, religioso, amoroso, político, fatos da vida cotidiana)?

c) O texto explora os conteúdos temáticos de forma objetiva (limita-se a contar os fatos sem expressar opiniões, sentimentos e emoções) ou subjetiva (a opinião e as emoções do autor se sobressaem)? Justifique sua resposta. R. os fatos são apresentados de forma objetiva. Não apresenta modalizações deônticas, o autor da biografia não exprime sua opinião, não emite juízo de valor.

d) O texto é escrito em 1ª ou 3ª pessoa? Qual o efeito que a escolha da pessoa do discurso gera nesse texto? R. Em 3ª pessoa. Causa o efeito de distanciamento, impessoalidade, objetividade.

e) Os fatos apresentados são baseados em acontecimentos da vida do mundo ordinário ou fatos imaginados? R. Os fatos estão relacionados ao mundo ordinário, à vida real do personagem, o escritor Carlos Drummond.

f) Os fatos narrados no texto ocorreram no mesmo espaço e tempo em que a biografia foi escrita? Quais marcas linguísticas confirmam sua resposta? R. Não. Os fatos narrados estão situados no tempo passado.

g) Os fatos são apresentados em ordem cronológica? Exemplifique: R. sim. Inicia com a data do nascimento em 1902, e retrata uma sequência de fatos ocorridos desde essa data até 1930.

Apêndice D

INTERPRETAÇÃO DA CRÔNICA *COMO COMECEI A ESCREVER*

1) Após a leitura da crônica, suas hipóteses foram confirmadas ou reelaboradas? (Resposta pessoal).

2) Na crônica, no plano geral do texto, qual é o assunto abordado?

a. ( ) O narrador revela que a infância foi a melhor fase de sua vida, pois podia ver as gravuras no jornal *Gazeta*.
b. (x) O narrador relata seu interesse pela palavra escrita desde ainda menino, e as contribuições que recebeu das professoras e de amigos que partilhavam do mesmo gosto de escrever.
c. ( ) O narrador relata os melhores acontecimentos de sua vida, antes e depois que aprendeu a ler.
d. ( ) Sobre as chuvas que atingiram o interior do Brasil, em 1910.

3) O título *Como Comecei a Escrever* faz relação com o conteúdo abordado ao longo da crônica. Liste acontecimentos que contribuíram para que o Drummond se tornasse escritor. R. Se sentia fascinado pelas gravuras do jornal Gazeta, tentava decifrar o mistério das letras, o gosto pelos exercícios de redação e a aplicação dos conhecimentos que ia adquirindo, o hábito de viver entre livros e revistas, a amizade com pessoas que também gostavam de escrever.

4) O narrador-relator fazia parte dos acontecimentos relatados, ou seja, estava implicado na cena. Quais marcas linguísticas confirmam que o agente estava envolvido nos fatos?

R. **Eu**, mamãe **me** ajudava, **minhas** professoras, **me** permitia, **me** animavam, **meu** irmão, mandavam-**me, eu** tirava, **eu** tomava parte.

5) O narrador-relator cita personagens/pessoas que colaboraram para que ele se tornasse escritor. Quem foram esses colaboradores e qual o papel de cada um?

R. O papai que assinava o jornal *Gazeta;* sua mãe ajudava a decifrar as letras ao redor das gravuras; as professoras passavam exercícios de redação e o elogiavam; o irmão mais velho enviava livros e revistas; os amigos que também gostavam de escrever e compartilhavam opiniões sobre os escritos.

6) A narrativa apresenta diferentes períodos da vida do narrador-relator em diferentes espaços (em casa, na escola, nos bares). Quais marcadores temporais e espaciais indicam as transições?

R. Os marcadores temporais: por volta de 1910, aos domingos, três dias depois, sete dias mais tarde, antes, quando, durante, daí por diante, horas e horas, depois, já, hoje. Os

marcadores espaciais: interior do Brasil, Rio de Janeiro, a escola, na Capital, na mesa do café.

7) Leia o trecho da crônica "**Durante** o curso, minhas professoras costumavam passar exercícios de redação." Qual o efeito produzido pelo organizador temporal **durante**?

( ) anterioridade (x) simultaneidade ( ) projeção

8) No último parágrafo, o relator destaca a contribuição dos amigos, "troca de experiências e impressões". De quais experiências e impressões ele se referia?

a. ( ) de tomar café sentado.
b. ( ) de morar no Rio de janeiro
c. ( ) conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado.
d. (x) de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.

9) Na crônica é possível perceber marcas de subjetividade, momentos em que o narrador expressa suas impressões e emoções. Assinale as sentenças em que essas marcas aparecem:

I. (x) Alguns elogios da professora me **animavam** a continuar
II. (x) Tentava decifrar o **mistério** das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso.
III. ( ) Ninguém falava em conto ou poesia
IV. (x) já rapaz, **tive sorte** de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.
V. (x) Aprendi muito com os amigos, e **tenho pena** dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica

10) Você pode se inspirar na crônica lida e produzir uma crônica-relato tematizando algum acontecimento real ou imaginário. As produções dos alunos poderão ser socializadas com a turma. Cada um ler sua própria crônica para toda turma ou ler a crônica do colega. Trocando os textos entre eles.

Apêndice E

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DA CRÔNICA *CIAO*

1. *Ciao* foi a última crônica escrita por CDA para o *Jornal do Brasil*. Você sabe qual a origem e o valor semântico dessa palavra? (pode pesquisar) Resposta esperada. Vocábulo italiano, com valor semelhante ao Tchau brasileiro.

2. O título *Ciao* condiz com os conteúdos e o desenvolvimento das ideias apresentados ao longo do texto? Justifique sua resposta: Resposta pessoal. Esperamos um sim, pois, o narrador usa as expressões "ciao-adeus" e "se despede da crônica", comunicando aos leitores o fim de sua colaboração com o Jornal do Brasil.

3. No plano geral da crônica, qual é o assunto abordado?

R. Fala sobre um homem, cronista que escreveu por mais de 64 anos e agora encerra a carreira, se despede e agradece aos leitores.

4. A ação de linguagem é motivada por algum objetivo e destinada a alguém, a um ou a vários destinatários, quer esteja explicito ou não. Sabendo que o agente produtor é CDA. Quem é seu destinatário, ou seja, para quem ele escreveu? R. Aos leitores do jornal do Brasil.
(Na oportunidade, comentar sobre a transição da crônica do jornal para outros suportes: livro, antologias, sites, blogs, e consequentemente, chegará a outros públicos leitores).

5. De acordo com os seus conhecimentos sobre o cronista Carlos Drummond, o assunto tratado na crônica *Ciao* está relacionado ao mundo ordinário do agente produtor Carlos Drummond? Justifique sua resposta.
R. (Resposta esperada) Sim. Através da leitura da biografia e do conteúdo apresentado no vídeo é possível inferir que o assunto da crônica se relaciona com a história de vida do autor empírico.

6. Mesmo o conteúdo temático estabelecendo relação com o mundo ordinário (mundo real) do cronista, autor empírico, para apresentar o conteúdo temático, ele cria um narrador, um agente que narra os acontecimentos e gerencia as vozes no texto. Na crônica *Ciao*, o narrador escreve como alguém que testemunhou ou como alguém que vivenciou os acontecimentos? Quais marcas linguísticas no texto respaldam sua resposta?
R. Narra como alguém que testemunhou os acontecimentos. Os pronomes, verbos e adjetivos de terceira pessoa caracterizam o distanciamento, disjunção.

7. Ao apresentar os acontecimentos, o narrador explora os tempos verbais presente e passado. Destaque os verbos na crônica. Qual tempo verbal predomina? Por que o autor utilizou tal tempo verbal, qual efeito de sentido produz?
R. Passado é o tempo verbal predominante. Utilizado para falar de fatos passados e acabados. Os verbos no tempo presente relacionam-se ao tempo da narrativa.

8. Na crônica *Ciao*, o autor discorre sobre características do próprio gênero crônica, argumenta sobre a que se espera do cronista e a função social da crônica. Sobre as ideias apresentadas pelo autor assinale as alternativas corretas:

(x) O cronista escreve com o objetivo de comover e distrair o leitor.
( ) O cronista deve fazer de tudo para provocar o riso no leitor.
(x) A crônica pode tratar sobre qualquer assunto.
(x) Despertar para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito.
( ) A crônica deve tratar apenas de fatos reais ocorridos no dia-a-dia.
(x) Os acontecimentos citados serviram de assunto para as crônicas do autor.

9. Na crônica, ao argumentar as vantagens da profissão de cronista em relação a outros profissionais do jornal, o narrador faz uso dos verbos “não abriga”, “não exige”, “dispensa”. Esses verbos estão em qual tempo verbal? Quais efeitos de sentido esse tempo verbal exprime? (o aluno pode pesquisar na internet, utilizando o *smartfone* ou computador da escola).
R. Os verbos estão no tempo presente. Expressa atualidade, sincroniza os fatos narrados ao momento da fala.

10. Quanto às atribuições dos profissionais apontados na crônica. Relacione as colunas:

a. Cronista	(c) *Responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece;*
b. Editorialista	(b) *forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas;*
c. Repórter	

	(a) *desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito*

11. O narrador cita vários acontecimentos históricos nacionais e internacionais vivenciados pelo cronista ao longo de mais de seis décadas, e que certamente, serviram de assunto para suas crônicas. Contudo, ele destaca que "*as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um, que são certamente as melhores".* Com base na afirmação assinale V para verdadeiro e F para falso:
(V) A cronista não precisa de grandes acontecimentos para se inspirar a escrever crônicas;
(F) A crônica é feita exclusivamente, a partir das notícias publicadas nos jornais.
(V) a crônica explora os assuntos do cotidiano.
(F) A crônica é uma reprodução fiel da realidade;

12. Na frase, "*Viu tudo isso, ora sorrindo ora zangado".* a palavra destacada refere-se:
a. ( ) ao cronista. c. (x) aos acontecimentos citados.
b. ( ) às crônicas. d. ( ) às emoções sorrindo e zangado.

13. Releia o trecho:

Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de 11 presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um bisado), sem contar as altas patentes militares que se atribuíram esse título. Viu de longe, mas de coração arfante, a Segunda Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares frustrados, mas renascidos, os ismos de vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelos homens;

▪ No fragmento do texto, o cronista rememora alguns acontecimentos históricos que certamente serviram de assunto para suas crônicas. Agora, em duplas ou em trios, vamos pesquisar sobre cada um dos acontecimentos citados.
Observação: Organizar um painel com os resultados das pesquisas (imagens, trechos de reportagens, informações importantes, vídeos etc.) para socializar com a turma.

Apêndice F

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DA CRÔNICA *RECALCITRANTE* (1974)

1. Qual o significado da palavra *Recalcitrante*? (Pode pesquisar)
R. Teimoso, resistente

2. Sobre a temática abordada na crônica *Recalcitrante*, marque as afirmações verdadeiras:

(x) Apresenta duas problemáticas. A teimosia do passageiro e o desconhecimento da palavra recalcitrante.

(x) Tematiza o comportamento de um jovem que se recusa a obedecer a portaria que proíbe passageiros sentarem no banco do ônibus com as vestes molhadas.

( ) Tematiza a teimosia de um jovem, passageiro que utilizava o transporte público/coletivo e se recusava a pagar a passagem.

(x) apresenta a confusão entre o cobrador e um passageiro que não conhecia o significado da palavra recalcitrante.

3. O passageiro não gostou de ser chamado de recalcitrante. De acordo com o texto, ele conhecia o significado dessa palavra? Aponte no texto o trecho que justifica sua resposta:
R. Não. Conforme o trecho "Me chamou de réu. Réu não sei o quê, calcitrante, sei lá o que é isso".

4. Porque o cobrador chamou o passageiro de recalcitrante?
R. Porque o passageiro insistia em viajar sentado com as roupas de banho molhadas, desrespeitando a portaria que proíbe tal ato.

5. A crônica *Recalcitrante* trata de três questões sociais. *São elas:* o mau comportamento de jovens banhistas, o baixo nível de conhecimento linguístico e a agressão como forma de resolver problemas. Quando a crônica provoca reflexões sobre o comportamento humano, essa crônica é:
a. ( ) metalinguística b. (x) metafisica c. ( ) descritiva

6. O texto, apresenta segmentos dialogados (discurso interativo). Observando apenas os diálogos é possível identificar quem são os personagens que interagem na cena? Onde e quando? Quais marcas linguísticas no texto, nos faz inferir sobre tais informações?
R. Não. A compreensão dos segmentos de discurso interativo depende do segmento de narração que o antecede (o discurso principal em que este está encaixado). O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado placidamente no banco lateral, (...) no piso do ônibus, (...).

7. A crônica *Recalcitrante* apresenta segmentos narrados (narração) e segmentos dialogados (discurso interativo). Sobre a compreensão dos segmentos, marque V para as alternativas verdadeiras e F para as alternativas falsas:
   a. (v) a compreensão dos segmentos de discurso interativo (diálogos) depende da introdução ilustrada pelo discurso de narração.

   b. ( ) a compreensão dos segmentos de narração depende exclusivamente do segmento de discurso interativo.

   c. (v) a compreensão dos segmentos de narração não depende dos segmentos de discurso interativo.

   d. ( ) é possível compreender os segmentos de narração e de discurso interativo independentes um do outro.

8. Nos segmentos de narração, o narrador apresenta o contexto espacial e temporal, situa os personagens sob um ponto de vista e conta a história. O narrador interfere na cena ou apenas observa e narra os acontecimentos? Justifique sua resposta?

R. Apenas observa e narra. Ausência de pronomes, verbos e adjetivos de primeira pessoa.

9. O fato aconteceu em lugar e tempo diferentes daquele em que o narrador escreve/conta na crônica. Logo, está no mundo do NARRAR, situado distante (disjunto) do agente que verbaliza. Quais marcas linguísticas indicam a disjunção?

R. A Exploração dos verbos no tempo passado; os organizadores temporais (*Todo ano a mesma coisa/ chegando o verão/ quando fazia gol...*); *pronome demonstrativo para se referir seres distantes (daquele passageiro);* Organizadores espaciais (*banco lateral/ piso do ônibus/ seu trono/ o ônibus chegou ao meu destino*)

10. Leia o trecho da crônica e responda as questões a, b, c, d:

Recalcitrante

O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado placidamente no banco lateral, escorria um fio de água que ia compondo, no piso do ônibus, a microfigura de uma piscina.

— *Ei, moço, quer fazer o favor de levantar?*

[...]

— *O senhor aí, cavalheiro, quer cutucar o braço do distinto, pra ele me prestar atenção?*

[...]

— *O senhor está desrespeitando a portaria e eu tenho que convidar o senhor a descer do ônibus.*

— *Eu, descer porque estou suado? Sem essa.*

— *O ônibus vai parar e eu chamo a polícia.*

— *A polícia vai me prender porque estou suando?*

— *Vai botar o senhor pra fora porque é um… recalcitrante.*

O passageiro pulou, transfigurado:

— *O quê? Repita, se for capaz.*

— *Re… calcitrante.*

— *Te quebro a cara, ouviu? Não admito que ninguém me insulte!*

— *Eu? Não insultei.*

— *Insultou sim. Me chamou de réu. Réu não sei o quê, calcitrante, sei lá o que é isso. Retira a expressão, ou lá vai bolacha.*

— *Mas é a portaria! A portaria é que diz que o recalcitrante…*

— *Não tenho nada com a portaria. Tenho é com você, seu cretino. Retira já a expressão, ou…* (ANDRADE, 1974, p. 39-40) (destaques meus)

a. Para representar a conversa o autor criou um mundo discursivo que situa os personagens no mesmo espaço e tempo em que ocorre a interação verbal (implicados). Localize nos segmentos de discurso interativo (estruturas dialogadas), marcas linguísticas que se referem diretamente aos próprios personagens. (nomes próprios, verbos, pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e/ou do plural).

R. *moço, senhor, distinto, eu, estou, chamo, me, te, você, tenho, sei*

b. No texto, as unidades linguísticas que se referem aos agentes, ao espaço e ao tempo são os dêiticos de agentividade, espaciais e temporais, respectivamente. Exemplifique esses dêiticos:

R. Dêiticos de agentividade –*moço, senhor, distinto, eu, me, te, você.*
Dêiticos espaciais – banco lateral, ônibus, aí, fora.
Dêiticos temporais – já.

c. No segmento de N*arração* os verbos são explorados no tempo passado, enquanto nos segmentos dialogados são explorados no tempo presente. Qual efeito de sentido essa escolha produz?

R. Na Narração, os verbos no passado caracterizam a disjunção, o distanciamento entre os acontecimentos narrados e o momento da interação, já, no discurso interativo, os verbos no presente sincroniza os acontecimentos ao momento da interação.

d. Nessa crônica, o narrador está implicado, envolvido na cena (narra em 1ª pessoa) ou autônomo, alguém que apenas observa (narra em 3ª pessoa)? R. autônomo, narra em 3ª pessoa.

11. Leia o trecho "Todo ano a mesma coisa. Chegando o verão, chegam problemas. Bem disse o Dario, quando fazia gol no Atlético Mineiro: Problemática demais." As palavras destacadas têm função de:

(x) Organizadores temporais ( ) Organizadores espaciais

Apêndice G

COMPREENSÃO E ANÁLISE DISCURSIVA DA CRÔNICA *A MÚSICA POPULAR ENTRA NO PARAÍSO*

1. Analise o título da crônica ***A música popular*** *entra no* ***paraíso*** e responda:

As expressões destacadas referem-se respectivamente a:

a) (x) Vinícius de Moraes e ao céu. c) ( )Vinícius de Moraes e a São Pedro.
b) ( ) Carlos Drummond e Deus. d) ( ) Vinícius de Moraes e Deus.

2. Sobre a composição da crônica lida, assinale V para verdadeiro e F para falso:

a. (F) É um texto informativo com informações verdadeiras;
b. (V) É um texto dialogado com marcas de oralidade;
c. (V) Representa uma conversa entre personagens;
d. (F) O assunto é tratado de modo objetivo;
e. (V) Apresenta marcas de subjetividade;
f. (F) Apresenta características do gênero peça de teatro;
g. (V) Está situado no plano ficcional;

3. O assunto tematizado nessa crônica está relacionado ao mundo ordinário do escritor Carlos Drummond de Andrade e dos leitores do Jornal do Brasil, a morte de Vinícius de Moraes. Contudo, o conteúdo verbalizado relaciona-se ao mundo dos personagens postos em cena na crônica.

- Sobre o que os personagens conversam? Qual é o objetivo da conversa?

R. Sobre a chegada de Vinicius de Moraes no céu. São Pedro objetiva convencer Deus a deixar Vinícius entrar no céu.

4. Cite alguns argumentos utilizados por São Pedro para alcançar seu objetivo.
   R. (livre escolha) a exemplos: vosso servo; ele traz um som novo, mais terrestre, menos beatífico...; combateu a maldade pela ternura, a injustiça pela fraternidade...

5. Se desconsiderarmos as propriedades do contexto, apenas pela leitura do texto é possível identificar quando e onde a interação verbal aconteceu? Justifique sua resposta:
   Não é possível saber quando, pois o texto não apresenta origem temporal. Mas, é possível saber onde. Conforme a fala de Deus "Será que ele vem fazer alaúza no céu, perturbando o coro dos meus anjos-cantores, diplomados pela Schola Cantorum do mestre São Jorge, o Grande?

6. Leia o trecho da conversa entre Deus e São Pedro e marque V para verdadeiro e F para falso nas afirmações abaixo:

Deus – Quem é **este baixinho** que vem ***aí***, ao som do violão, de copo cheio na mão? São Pedro – **Senhor**, pelos indícios, só pode ser o vosso servo **Vinicius,** Menestrel da Gávea e dos amores inumeráveis. Deus – Será que **ele** vem fazer alaúza no ***céu***, perturbando o coro dos meus anjos-cantores, diplomados pela Schola Cantorum do mestre São Jorge, o Grande?

a. (V) Nos diálogos, os verbos sublinhados estão no tempo presente.
b. (F) O baixinho Vinícius de Moraes interage nessa conversa.
c. (V) O baixinho Vinícius de Moraes é o tema da conversa.
d. (V) O céu é o cenário onde ocorre a interação verbal.
e. (F) Na fala de São Pedro, a palavra "**Senhor**" refere-se ao Vinícius de Moraes
f. (V) O dialogo envolve os personagens Deus e São Pedro.
g. (V) Os personagens estão no mesmo espaço e tempo, falando de acontecimentos passados.

Apêndice H

Atividade de análise da crônica *A Música Popular Entra no Paraíso*

1. Com base nas *perguntas* norteadoras do quadro 6, analise os segmentos da crônica apontando as unidades linguísticas que configuram os tipos de discurso e os efeitos de sentido produzidos pelas escolhas linguístico-discursivas.

Segmentos da crônica A música popular entra no céu	**Unidades linguísticas que configuram os tipos de discursos e os efeitos de sentidos produzidos.**
Deus – Quem é **este baixinho** que vem ***aí***, ao som do violão, de copo cheio na mão?	A compreensão é possível mesmo sem o conhecimento da ação de linguagem que deu

São Pedro – **Senhor**, pelos indícios, só pode ser o **vosso** servo **Vinicius,** Menestrel da Gávea e dos amores inumeráveis. Deus – Será que ele vem fazer alaúza no ***céu***, perturbando o coro dos **meus** anjos-cantores, diplomados pela Schola Cantorum do mestre São Jorge, o Grande? São Pedro (hesitante) – Bem… **Eu** acho, com a devida licença, que **ele** traz um som novo, mais terrestre, menos beatífico, é certo, mas com uma suavidade brasileira inspirada nos seresteiros **seus** avós, os quais **já** têm assentos cativos junto ao **vosso** trono, **Senhor.** Coisa mui digna de **vossa** especial atenção. Deus – Hum, hum… São Pedro – Posso continuar, **Senhor**? Deus – Vá dizendo, **Pedro**. É sabido que **você** tem um fraco por essa gente que canta de noite, esteja ou não pescando, principalmente não estando. São Pedro – Pois **eu** digo, **Senhor**, que **esse baixinho *aí***, todo simpatia e delicadeza, é um de **vossos** bons servidores na Terra, pois combateu a maldade pela ternura, a injustiça pela fraternidade, e compôs os cânticos profanos que, elevando o coração dos ouvintes, fazem o mesmo que os cânticos sagrados. Deus (surpreso) – O mesmo?	origem à produção, pois, os nomes dos personagens antecedem suas falas. A interação é marcada pela alternância de turnos de fala e por numerosas frases não declarativas (interrogativa, exclamativa e imperativa); 1) A ausência de ancoragem espaço-temporal determina que os agentes estão situados no mesmo espaço-tempo da interação verbal; 2) Unidades que remetem diretamente aos agentes, nomes próprios, pronomes verbos e adjetivos em 1ª e 2 ª pessoa (*senhor, meus, eu, vosso, vossa, Pedro, você*); 3) Verbos no tempo presente (*é, vem, pode, acho, traz, posso, tem, digo*); e verbos no tempo passado expressando anterioridade (*combateu, compôs*); 4) Frases interrogativas; 5) Frase imperativa ***(vá** dizendo);* 6) Unidades que remetem a objetos/ pessoas e/ou ao espaço e tempo acessíveis aos agentes: ostensivos (*este baixinho, Vinícius, anjos-cantores, aí, ele, esse baixinho aí);* dêiticos espaciais *(céu*); dêiticos temporais (*já*); *7)* Auxiliar de modo "poder" (*só **pode** ser);* 8) Marcas de oralidade (hum..., vá dizendo); 9) 8) A indicação entre parêntese expressando emoção orienta o ator no momento da representação/encenação da peça.

(...) São Pedro – Vinicius, não o patrício romano, que o amor conduziu do paganismo à fé cristã, **mas** o de Melo Moraes, filho de pais **que** curtiam o Quo Vadis. *Este nasceu diretamente para o amor, e não precisou meter-**se** nas embrulhadas do paganismo de Nero para achar o rumo de sua alma. **Ele já** estava traçado pelas estrelas de outubro, **vossas mensageiras**. Vinicius nasceu com a célula poética, e **esta** desabrochou em cânticos variados, na voz de seus lábios e na dos instrumentos. Com **estes cânticos ele** encantou o seu povo. E era um povo necessitado de canto, um canto tão necessitado mesmo!* (...)	Para explicar para Deus quem foi Vinícius, São Pedro argumenta, distinguindo-o e exaltando suas ações. Esse trecho apresenta segmento do *discurso teórico:* 1) Organizadores lógico-argumentativos; 2) Referencias intertextuais: (personagens históricos – políticos de Roma; o *Quo vadis);* 3) Frases passivas; 4) Anáforas com função dêitica intertextual; E no segmento de *narração*: - Organizadores temporais; - Verbos no passado; - Anáforas pronominais; -Anáforas nominais por substituição lexical, - Origem espaço-temporal implícita (nascimento de Vinícius)
São Pedro (exultante) – Se deu, **Senhor**! *E para isso não precisava **sempre** compor canções alegres. Ia até o fundo das canções tristes, mas dava-lhes uma tal doçura e meiguice que as pessoas, ouvindo-as, não sabiam se choravam ou se viam consoladas velhas mágoas.* Era um coração se desfazendo em música, **Senhor**. *Deu tanta alegria ao povo, que até a **última hora** de sua vida (esta não chegou a ser longa, mas se alongou em canção) trabalhou com seu fiel parceiro Toquinho para levar às crianças um tipo musical de felicidade*. Morreu, pois, a **vosso** serviço, **Senhor**.	Apresenta dois tipos de discursos: Discurso interativo - Pronomes de 2ª pessoa (Senhor, vosso) remetendo ao interlocutor- Discurso Narração em itálico -Organizadores temporais; - Verbos no passado;

Fonte: autora com base em Bronkart (1999)

Apêndice I

Atividade de análise do contexto e dos tipos de discursos na crônica O Frívolo Cronista

1. Analisando os parâmetros do contexto responda:
a. Quem escreveu?
b. De onde escreveu?
c. Quando?

d. Para quem escreveu?
e. Qual é o lugar social de produção?
f. Qual papel social do escritor?
g. Qual(s) papel social do(s) receptor/leitor (es)?
h. Qual finalidade/objetivo? (qual efeito(s) pretende alcançar/atingir?
i. Qual é o assunto tratado? (qual a temática)
j. Qual o suporte de circulação?

2. Para identificar os mundos discursivos e os tipos de discursos presentes na crônica, responda às questões abaixo, apontando no texto, as marcas linguísticas que justificam suas respostas:
   a. Apresenta origem temporal, ou seja, explicita quando o fato aconteceu? Em caso afirmativo, destaque no texto.
   b. Apresenta organizadores temporais? (expressões relacionadas à passagem do tempo) Quais?
   c. Explora os verbos em qual (s) tempo (s) verbal? Aponte-os no texto.
   d. Apresenta dêiticos de agentividade, nomes próprios, pronomes e adjetivos de 1ª e/ou de 2ª pessoa? Destaque.
   e. Apresenta dêiticos espaciais, elementos que fazem referência ao espaço da interação? Se sim, quais são?
   f. Apresenta dêiticos temporais, elementos que fazem referência ao tempo da interação? Se sim, quais?
   g. Apresenta quais Anáforas nominais e/ou pronominais? A que elementos ou parte do texto retomam?
   h. Argumenta/explica/generaliza verdades incontestáveis? Se sim, justifique:
   i. Apresenta organizadores textuais com valor logico argumentativo?
3. Os segmentos de discursos são compreensíveis independente do conhecimento sobre as informações contextuais?
4. Apresenta estruturas dialogadas, alternância de turnos de fala? Destaque-as no texto

5. As coordenadas organizadoras do conteúdo temático encontram-se conjuntas ou disjuntas do mundo dos agentes na interação verbal? Qual é o mundo discursivo, EXPOR ou NARRAR?
6. Quanto ao ato de produção, como os agentes estão inscritos no texto, implicado ou autônomo?
7. Nos segmentos do texto, é possível identificar quais tipos de discursos?

ANEXOS

ANEXO I

BIOGRAFIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

(31/10/1902 – 17/08/1987)

Em 31 de outubro de 1902 nascia na pequena cidade de Itabira, no interior de Minas Gerais, aquele que se tornou um dos maiores poetas brasileiros, Carlos Drummond de Andrade.

De origem abastada, ele era o nono filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de Julieta Augusta Drummond de Andrade. Durante a infância e juventude estudou em Itabira, Belo Horizonte e Rio de janeiro — nesta última, no Colégio Anchieta, onde foi expulso por "insubordinação mental".

Em 1920, muda-se com a família para Belo Horizonte e pouco tempo depois publica seus primeiros trabalhos no jornal *Diário de Minas;* passa a frequentar o meio literário mineiro, tornando-se amigo de Aníbal Machado, Alberto Campos, Pedro Nava, Milton Campos, entre outros. Por pressão paterna, ingressa, em 1923, no curso de Farmácia, no qual gradua-se, mas nunca atuou profissionalmente na área. No ano seguinte, conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Tarsila do Amaral, Blaise Cendrars, Oswald de Andrade e Mário de Andrade — com este trocou inúmeras correspondências ao longo da vida —, que regressavam da famosa "expedição cultural" às cidades históricas de Minas Gerais.

Em 1925, junto com escritores como Manuel Bandeira e Mário de Andrade, Drummond vai publicar ***A Revista***, periódico modernista que teve apenas 3 edições, criado para divulgar as ideias do grupo de jovens intelectuais. Nessa mesma época, se casa com Dolores Dutra de Moraes, sua companheira até o final da vida, com quem teve dois filhos, Carlos Flávio e Maria Julieta. O primeiro filho viveu por pouco tempo e inspirou um dos poemas mais tocantes de Drummond, *O Que Viveu Meia Hora*; já sua filha foi seu grande amor e tinham uma relação de amizade muito forte. Drummond considerava que sua vida não tinha grandes acontecimentos, pois levava uma vida comum e o que tinha para ser contado ele já havia transformado em poesia.

Nos anos 30, foi viver com a família no Rio de Janeiro, onde trabalhou por mais de uma década como chefe de gabinete de seu amigo de infância, Gustavo Capanema, no Ministério da Educação. Esse período foi importante para que Drummond pudesse perceber o governo por outras perspectivas e modificasse seu posicionamento político. Além de poeta, foi redator,

professor, funcionário público, crítico literário, chegou a trabalhar em alguns programas de rádio entre os anos 1950 e 1960 e foi um grande amante do cinema.

Fonte: https://institutoling.org.br/explore/a-poesia-autobiografica-de-carlos-drummond-de-andrade

ANEXO II

COMO COMECEI A ESCREVER

Carlos Drummond de Andrade

Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão, e o cinema chegava ao interior do Brasil uma vez por semana aos domingos. As notícias do mundo vinham pelo jornal, três dias depois de publicadas no Rio de Janeiro. Se chovia a potes, a mala do correio aparecia ensopada, uns sete dias mais tarde. Não dava para ler o papel transformado em mingau.

Papai era assinante da Gazeta de Notícias, e antes de aprender a ler eu me sentia fascinado pelas gravuras coloridas do suplemento de Domingo. Tentava decifrar o mistério das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso. Quando fui para a escola pública, já tinha a noção vaga de um universo de palavras que era preciso conquistar.

Durante o curso, minhas professoras costumavam passar exercícios de redação. Cada um de nós tinha de escrever uma carta, narrar um passeio, coisas assim. Criei gosto por esse dever, que me permitia aplicar para determinado fim o conhecimento que ia adquirindo do poder de expressão contido nos sinais reunidos em palavras.

Daí por diante as experiências foram se acumulando, sem que eu percebesse que estava descobrindo a leitura. Alguns elogios da professora me animavam a continuar. Ninguém falava em conto ou poesia, mas a semente dessas coisas estava germinando. Meu irmão, estudante na Capital, mandava-me revistas e livros, e me habituei a viver entre eles. Depois, já rapaz, tive sorte de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.

Então começou uma fase muito boa de troca de experiências e impressões. Na mesa do café-sentado (pois tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado) eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam. Eles também sacavam seus escritos, e eu tomava parte nos comentários. Tudo com naturalidade e franqueza. Aprendi muito com os amigos, e tenho pena dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica.

ANEXO III

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sábado, 23 de setembro de 1961

caderno B

DRUMMOND

CIAO

Carlos Drummond de Andrade

CIAO

Carlos Drummond de Andrade

Há 64 anos, um adolescente fascinado por papel impresso notou que, no andar térreo do prédio onde morava, um placar exibia a cada manhã a primeira página de um jornal modestíssimo, porém jornal. Não teve dúvida. Entrou e ofereceu os seus serviços ao diretor, que era, sozinho, todo o pessoal da redação. O homem olhou-o, cético, e perguntou:

- Sobre o que pretende escrever?

- Sobre tudo. Cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível.

O diretor, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer o jornal para ele, praticamente de graça, topou. Nasceu aí, na velha Belo Horizonte dos anos 20, um cronista que ainda hoje, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas croniquices.

Comete é tempo errado de verbo. Melhor dizer: cometia. Pois chegou o momento deste contumaz rabiscador de letras pendurar as chuteiras (que na prática jamais calçou) e dizer aos leitores um ciao-adeus sem melancolia, mas oportuno.

Creio que ele pode gabar-se de possuir um título não disputado por ninguém: o de mais velho cronista brasileiro. Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de 11 presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um bisado), sem contar as altas patentes militares que se atribuíram esse título. Viu de longe, mas de coração arfante, a Segunda Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares frustrados mas renascidos, os ismos de vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelos homens; as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um, que são certamente as melhores. Viu tudo isso, ora sorrindo ora zangado, pois a zanga tem seu lugar mesmo nos temperamentos mais aguados. Procurou extrair de cada coisa não uma lição, mas um traço que comovesse ou distraísse o leitor, fazendo-o sorrir, se não do acontecimento, pelo menos do próprio cronista, que às vezes se torna cronista do seu umbigo, ironizando-se a si mesmo antes que outros o façam.

Crônica tem essa vantagem: **não obriga**, ao paletó-e-gravata do editorialista forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. **Sei** bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que **estou** falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que **cobramos** dos outros. O que lhe **pedimos** é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em **nós** a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não **compreendo**, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

Com esse espírito, a tarefa do croniqueiro estreado no tempo de Epitácio Pessoa (algum de vocês já teria nascido nos anos a.C. de 1920? duvido) não foi penosa e valeu-lhe algumas doçuras. Uma delas ter aliviado a amargura de mãe que perdera a filha jovem. Em compensação alguns anônimos e inominados o desancaram, como a lhe dizerem: “É para você não ficar

metido a besta, julgando que seus comentários passarão à História". Ele sabe que não passarão. E daí? Melhor aceitar as louvações e esquecer as descalçadeiras.

Foi o que esse outrora-rapaz fez ou tentou fazer em mais de seis décadas. Em certo período, consagrou mais tempo a tarefas burocráticas do que ao jornalismo, porém jamais deixou de ser homem de jornal, leitor implacável de jornais, interessado em seguir não apenas o desdobrar das notícias como as diferentes maneiras de apresentá-las ao público. Uma página bem diagramada causava-lhe prazer estético; a charge, a foto, a reportagem, a legenda bem feitas, o estilo particular de cada diário ou revista eram para ele (e são) motivos de alegria profissional.

A duas grandes casas do jornalismo brasileiro ele se orgulha de ter pertencido ao extinto Correio da Manhã, de valente memória, e o Jornal do Brasil, por seu conceito humanístico da função da Imprensa no mundo. Quinze anos de atividade no primeiro e mais 15, atuais, no segundo, alimentarão as melhores lembranças do velho jornalista.

E é por admitir esta noção de velho, consciente e alegremente, que ele hoje se despede da crônica, sem se despedir do gosto de manejar a palavra escrita, sob outras modalidades, pois escrever é sua doença vital, já agora sem periodicidade e com suave preguiça. Ceda espaço aos mais novos e vá cultivar o seu jardim, pelo menos imaginário.

Aos leitores, gratidão, essa palavra-tudo.

ANEXO IV

RECALCITRANTE

Carlos Drummond de Andrade

O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado placidamente no banco lateral, escorria um fio de água que ia compondo, no piso do ônibus, a microfigura de uma piscina.

— Ei, moço, quer fazer o favor de levantar?

O moço (pois ostentava barba e cabeleira amazônica, sinais indiscutíveis de mocidade), nem-te-ligo.

O trocador esfregou as mãos no rosto, em gesto de enfado e desânimo, diante de situação tantas vezes enfrentada, e murmurou:

— Esses caras são de morte. Devia estar pensando: Todo ano a mesma coisa. Chegando o verão, chegam problemas. Bem disse o Dario, quando fazia gol no Atlético Mineiro: Problemática demais. Estava cansado de advertir passageiros que não aprendem como viajar em coletivo. Não aprendem e não querem aprender. Tendo comprado passagem por sessenta e cinco centavos, acham que compraram o ônibus e podem fazer dele casa da peste. Mas insistiu:

— Moço! Ô moço!

Nada. Dormia? Olhos abertos, pernas cabeludas ocupando cada vez mais espaço, ouvia e não respondia. Era preciso tomar providência:

— O senhor aí, cavalheiro, quer cutucar o braço do distinto, pra ele me prestar atenção?

O cavalheiro, vê lá se ia se meter numa dessas. Ignorou, olímpico, a marcha do caso terrestre. Embora sem surpresa, o cobrador coçou a cabeça. Sabia de experiência própria que passageiro nenhum quer entrar numa fria. Ficam de camarote, espiando o circo pegar fogo. Teve pois que sair do seu trono, pobre trono de trocador, fazendo a difícil ginástica de sempre.

Bateu no ombro do rapaz:

— Vamos levantar?

O outro mal olhou para ele, do longe de sua distância espiritual. Insistiu:

— Como é, não levanta?

— Estou bem aqui.

— Eu sei, mas é preciso levantar.

— Levantar pra quê?

— Pra quê, não. Por quê. Seu calção está molhado de água do mar.

— Tem certeza que é água do mar?

— Tá na cara.

— Como tá na cara? Analisou?

Forrou-se de paciência para responder:

— Olha, o senhor está de calção de banho, o senhor veio da praia, que água pode ser essa que está pingando se não for água do mar? Só se…

— Se o quê?

— Vamos, diz o que pensou.

— Não pensei nada. Digo que o senhor tem de levantar porque seu calção está ensopado e vai fazendo uma lagoa aí embaixo.

— E daí?

— Daí, que é proibido.

— Proibido suar?

— Claro que não.

— Pois eu estou suando, sabe? Não posso suar sentado, com esse calorão de janeiro? Tenho que suar de pé?

— Nunca vi suar tanto na minha vida. Desculpe, mas a portaria não permite.

— Que portaria?

— Aquela pregada ali, não está vendo? "O passageiro, ainda que com roupa sobre as vestes de banho molhadas, somente poderá viajar de pé."

— Portaria nenhuma diz que o passageiro suado tem que viajar de pé. Papo findo, tá bom?

— O senhor está desrespeitando a portaria e eu tenho que convidar o senhor a descer do ônibus.

— Eu, descer porque estou suado? Sem essa.

— O ônibus vai parar e eu chamo a polícia.

— A polícia vai me prender porque estou suando?

— Vai botar o senhor pra fora porque é um… recalcitrante.

O passageiro pulou, transfigurado:

— O quê? Repita, se for capaz.

— Re… calcitrante.

— Te quebro a cara, ouviu? Não admito que ninguém me insulte!

— Eu? Não insultei.

— Insultou sim. Me chamou de réu. Réu não sei o quê, calcitrante, sei lá o que é isso. Retira a expressão, ou lá vai bolacha.

— Mas é a portaria! A portaria é que diz que o recalcitrante…

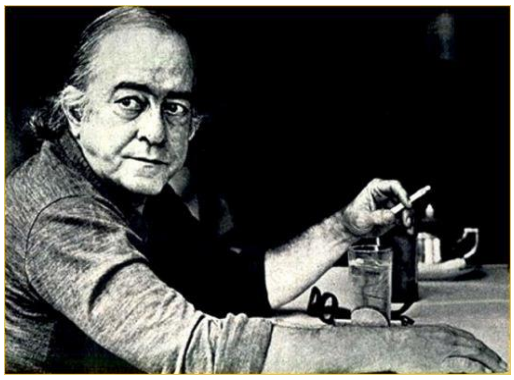
— Não tenho nada com a portaria. Tenho é com você, seu cretino. Retira já a expressão, ou…

Retira não retira, o ônibus chegou ao meu destino, e eu paro infalivelmente no meu destino. Fiquei sem saber que consequências físicas e outras teve o emprego da palavra recalcitrante"

ANEXO V

A MÚSICA POPULAR ENTRA NO PARAÍSO

Carlos Drummond de Andrade



Deus – Quem é este baixinho que vem aí, ao som do violão, de copo cheio na mão?

São Pedro – Senhor, pelos indícios, só pode ser o vosso servo Vinicius, Menestrel da Gávea e dos amores inumeráveis.

Deus – Será que ele vem fazer alaúza no céu, perturbando o coro dos meus anjoscantores, diplomados pela Schola Cantorum do mestre São Jorge, o Grande?

São Pedro (hesitante) – Bem… Eu acho, com a devida licença, que ele traz um som novo, mais terrestre, menos beatífico, é certo, mas com uma suavidade brasileira inspirada nos seresteiros seus avós, os quais **já** têm assentos cativos junto ao vosso trono, Senhor. Coisa mui digna de vossa especial atenção.

Deus – Hum, hum…

São Pedro – Posso continuar, Senhor?

Deus – Vá dizendo, Pedro. É sabido que você tem um fraco por essa gente que canta de noite, esteja ou não pescando, principalmente não estando.

São Pedro – Pois eu digo, Senhor, que esse baixinho aí, todo simpatia e delicadeza, é um de vossos bons servidores na Terra, pois combateu a maldade pela ternura, a injustiça pela fraternidade, e compôs os cânticos profanos que, elevando o coração dos ouvintes, fazem o mesmo que os cânticos sagrados.

Deus (surpreso) – O mesmo?

São Pedro – O mesmo, Senhor, porque vós permitistes ao homem trilhar a vida direta ou a vida indireta, conforme o gosto dele. Este poetinha escolheu a segunda, por inclinação natural, e manifestou à sua maneira própria o amor à humanidade, distribuindo-o de preferência, na medida do possível, a umas quantas eleitas.

Deus – Não terá sido antes dispersão do que concentração?

São Pedro – As duas coisas, mas unidas tão sutilmente! E essa unidade paradoxal, mas espontânea, produziu os hinos do amor carnal, nos quais foi glorificado o corpo que concedestes às criaturas, e por essa forma glorificou-se a vossa divina Criação.

Deus – Menos mal, se assim foi. Então Psse… como lhe chamas?

São Pedro – Vinicius, não o patrício romano, que o amor conduziu do paganismo à fé cristã, mas o de Melo Moraes, filho de pais que curtiam o Quo Vadis. Este nasceu diretamente para o amor, e não precisou meter-se nas embrulhadas do paganismo de Nero para achar o rumo de sua alma. Ele já estava traçado pelas estrelas de outubro, vossas mensageiras. Vinicius nasceu com a célula poética, e esta desabrochou em cânticos variados, na voz de seus lábios e na dos instrumentos. Com estes cânticos ele encantou o seu povo. E era um povo necessitado de canto, um canto tão necessitado mesmo!

Deus – Ele deu alegria ao meu povo?

São Pedro (exultante) – Se deu, Senhor! E para isso não precisava sempre compor canções alegres. Ia até o fundo das canções tristes, mas dava-lhes uma tal doçura e meiguice que as pessoas, ouvindo-as, não sabiam se choravam ou se viam consoladas velhas mágoas. Era um coração se desfazendo em música, Senhor. Deu tanta alegria ao povo, que até a última hora de sua vida (esta não chegou a ser longa, mas se alongou em canção) trabalhou com seu fiel parceiro Toquinho para levar às crianças um tipo musical de felicidade. Morreu, pois, a vosso serviço, Senhor.

Deus (disfarçando a emoção) – Mande entrar, mande entrar logo esse rapaz. Vinicius entra rodeado de anjos, crianças, virgens e matronas que entoam mansamente:

Se todos fossem iguais a você,
que maravilha viver!
Uma canção pelo ar,
uma mulher a cantar,
uma cidade a cantar, a sorrir, a cantar,
a pedir a beleza de amar,
como o sol, como a flor, como a luz,
amar sem mentir nem sofrer.

Existiria a verdade,
verdade que ninguém vê,
se todos fossem no mundo
iguais a você!

De vários pontos, vêm-se aproximando Sinhô, Pixinguinha, Heitor dos Prazeres, Ciro Monteiro, Noel Rosa, Dolores Duran, Orfeu, Eurídice, Mário de Andrade, Manuel Bandeira,

Portinari, Murilo Mendes, Mayza, Lúcio Rangel, Tia Ciata, Santa Cecília, Antônio Maria, Bach, Ernesto Nazaré, Jaime Ovalle, Chiquinha Gonzaga e outros e outros e outros que não caberiam neste relato, mas cabem na imensidão do céu e som, e unem-se ao coral:

Teu caminho é de paz e de amor.
Abre os teus braços e canta
a última esperança,
a esperança divina
de amar em paz

ANEXO VI

O FRÍVOLO CRONISTA (1984, p. 116-117)

Um leitor de Mato Grosso do Norte escreve deplorando a frivolidade, marca registrada desta coluna. Hoje não estou para brincadeira, e retruco-lhe nada menos que com a palavra de um sábio antigo, reproduzida por Goethe em Italianische Reisen. Vai o título em alemão, para maior força do enunciado. Os que não sabemos alemão temos o maior respeito por essa língua.

A frase é esta, em português trivial: "Quem não se sentir com tutano suficiente para o necessário e útil, que se reserve em boa hora para o desnecessário e inútil". É o que faço, respaldado pela sentença de um mestre, endossada por outro.

E vou mais longe. O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério do desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como

valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões de vida.

No caso mínimo da crônica, o autorreconhecimento da minha ineficácia social de cronista deixa-me perfeitamente tranquilo. O jornal não me chamou para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo. O jornal sabia-me incompetente para o desempenho destas altas missões. Contratou-me, e não vejo erro nisto, por minha incompetência e desembaraço em exercê-las.

De fato, tenho certa prática em frivoleiras matutinas, a serem consumidas com o primeiro café. Este café costuma ser amargo, pois sobre ele desabam todas as aflições do mundo, em 54 páginas ou mais. É preciso que no meio dessa catadupa de desastres venha de roldão alguma coisa insignificante em si, mas que adquira significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres. Pode ser um pé de chinelo, uma pétala de flor, duas conchinhas da praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado da corista, o assobio do rapaz da lavanderia. Pode ser um verso, que não seja épico; uma citação literária isenta de pedantismo ou fingindo de pedante, mas brincando com a erudição; uma receita de doce incomível, em que figurem cantabiles de Haydn misturados com aletria e orvalho da floresta da Tijuca. Pode ser tanta coisa! Sem dosagem certa. Nunca, porém em doses cavalares. Respeitemos e amemos esse nobre animal, evitando o excesso de graça. Até a frivolidade carece ter medida, linha sutil que medeia entre o sorriso e o tédio, pelo excesso de tintas ou pela repetição do efeito.

Não pretendo fazer aqui a apologia do cronista, em proveito próprio. Reivindico apenas o direito ao espaço descompromissado, onde o jogo não visa ao triunfo, à reputação, à medalha; o jogo esgota-se em si, para recomeçar no dia seguinte, sem obrigação de sequência. A informação apurada, correta, a análise de fenômenos sociais, a avaliação crítica, tarefas essenciais do jornal digno deste nome, não invalidam a presença de um canto de página que tem alguma coisa de ilha visitável, sem acomodações de residência. Como você tem em sua casa um cômodo ou parte de cômodo, ou simplesmente gaveta, ou menos ainda, caixa de plástico ou papelão, onde guarda pequeninas coisas sem utilidade aparente, mas em que os dedos e os olhos gostam de reparar de vez em quando: os nadas de uma existência atulhada de objetos imprescindíveis e, ao cabo, indiferentes, quando não fatigantes.

Meu leitor (ou ex-leitor) mato-grossense-do-norte, não me queira mal porque não alimento a sua fome de conceitos graves, eu que me cansei de gravidade, espontânea ou imposta, e pratico o meu número sem pretensão de contribuir para o restauro do mundo. O sábio

citado por Goethe me justifica, absolve e até premia. Eu disse no começo que não estou para brincadeira? Mentira; foi outra frivolidade. Ciao.